

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

A ASSOCIAÇÃO DO ENSINO AGRÍCOLA AO
DESENVOLVIMENTO DE COMPORTAMENTOS
EMPREENDEDORES NO INSTITUTO FEDERAL DO
ESPÍRITO SANTO – CAMPUS DE ALEGRE

Miguel Angelo Braga Senna

2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**A ASSOCIAÇÃO DO ENSINO AGRÍCOLA AO DESENVOLVIMENTO
DE COMPORTAMENTOS EMPREENDEDORES NO INSTITUTO
FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – CAMPUS DE ALEGRE**

Miguel Angelo Braga Senna

Sob Orientação da Doutora
Ana Alice Vilas Boas

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

Seropédica, RJ
Março de 2010

630.710981

S478p

T

Senna, Miguel Angelo Braga, 1971-
Projeto "A Associação do Ensino
Agrícola ao Desenvolvimento de
Comportamentos Empreendedores no
Instituto Federal do Espírito Santo
- Campus de Alegre". / Miguel Angelo
Braga Senna - 2010.
70 f.: il.

Orientador: Ana Alice Vilas Boas.

Dissertação (mestrado) -
Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em Educação Agrícola.

Bibliografia: f. 57-61.

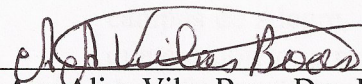
1. Ensino profissional - Espírito
Santo - Brasil - Teses. 2. Escolas
- organização e administração -
Brasil - Teses. 3. Empreendedorismo
- Educação - Teses. I. Vilas Boas,
Ana Alice, 1965-. II. Instituto
Federal do Espírito Santo. III.
Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Programa de Pós-Graduação
em Educação Agrícola. IV. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

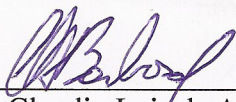
MIGUEL ANGELO BRAGA SENNA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

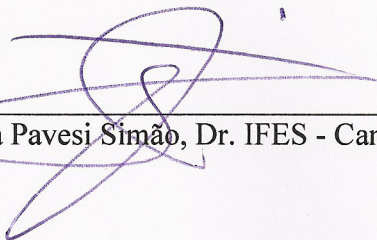
DISSERTAÇÃO APROVADA EM 01 de março de 2010.



Ana Alice Vilas Boas, Dra. UFLA



Claudio Luis de Alvarenga Barbosa, Dr. UFRRJ



João Batista Pavesi Simão, Dr. IFES - Campus Alegre

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a toda a comunidade escolar do campus de Alegre, do Instituto Federal do Espírito Santo, que é o objeto, a razão e a inspiração de todas as análises, de todos os diálogos, de todos os esforços e de todas as madrugadas adentradas a café, computador e livros, em prol da pesquisa, do conhecimento e do desenvolvimento do processo educacional.

AGRADECIMENTO

Sólidos e verdadeiros agradecimentos:

A Deus, pela vida, pelo amor, pelo perdão diário e pela saúde, que me permitiu mais essa conquista;

A toda a minha família, pela ausência consentida;

A meu pai e a minha mãe, em especial, pela vida, pelo cuidar e pelo amor incondicional.

Ao governo brasileiro, pela criação do programa e pelo auxílio financeiro;

Aos coordenadores do curso, Gabriel de Araújo Santos e Sandra Barros Sanchez, pela dedicação e pelo carinho na formulação do programa e na organização das atividades;

A todos os professores do curso, que tão bem nos orientaram e acompanharam na construção dos conhecimentos;

Ao professor Nilson Brito de Carvalho, pelo eficiente suporte e pela presteza permanente;

A todos servidores ligados ao programa, que possibilitam o seu funcionamento;

A minha orientadora, Dr^a. Ana Alice Vilas Boas, pelo direcionamento e carinho;

Aos servidores do Campus Guarus, do Instituto Federal Fluminense, pela acolhida e pelo apoio na realização do estágio pedagógico;

Ao presidente e servidores da Associação dos servidores da EAFA – ASSEAFA, também pela acolhida e pelo apoio na realização do estágio profissional;

Ao diretor, servidores e colegas de trabalho do Campus de Alegre, do Instituto Federal do Espírito Santo, pelo apoio dado, nas semanas de ausência, para a realização do curso;

Aos professores, servidores técnico-pedagógicos e alunos do Campus, participantes da pesquisa, pela seriedade, valor e colaboração dados ao trabalho.

[...]

Um homem se humilha
Se castram seu sonho
Seu sonho é sua vida
E vida é trabalho...

E sem o seu trabalho
O homem não tem honra
E sem a sua honra
Se morre, se mata...

Não dá pra ser feliz
Não dá pra ser feliz...
[...]

Gonzaguinha

BIOGRAFIA

Miguel Angelo Braga Senna nasceu em 14 de abril de 1971, na cidade de Alegre, Espírito Santo. Tem como pais José Senna e Marlene Braga Senna e, como único irmão, Josemar Braga Senna. Reside, atualmente, no distrito de Rive, município de Alegre-ES.

Cursou a educação primária, o ensino ginásial e o ensino de segundo grau, integrado ao curso Técnico em Contabilidade, na Escola Estadual de 1º e 2º graus, Prof.^a Célia Teixeira do Carmo, no mesmo local onde reside.

Cursou Letras-português/inglês, licenciatura curta, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre, no período de 1989 a 1990, licenciando-se para lecionar da 5ª a 8ª série, do então ensino ginásial.

Atuou como Auxiliar de Escritório, na Viação Itapemirim, em Cachoeiro de Itapemirim-ES, no ano de 1991.

Lecionou a disciplina de Língua Portuguesa, para o ensino ginásial, na Escola de 1º grau Gironda, também em Cachoeiro de Itapemirim, no período de 1991 a 1992.

Ocupou o cargo efetivo de Auxiliar de Serviço Social, na Prefeitura Municipal de Alegre-ES, no ano de 1992.

Ocupou o cargo efetivo de Vigilante, no então Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo - CEFET-ES, no período de 1993 a 1994.

Cursou Especialização em Planejamento Educacional, na UNIVERSO, também no ano de 1994.

Foi aprovado para o cargo efetivo de Técnico em Assuntos Educacionais – NS, também no CEFET-ES, ainda em 1994, tendo sido redistribuído para a então Escola Agrotécnica Federal de Alegre-EAFA, no ano de 1998.

Cursou Plenificação em Letras-Português/Literatura, na UNIG, no período de 2000 a 2001.

Cursou Especialização em Língua Portuguesa, na FERLAGOS, no ano de 2001.

Ingressou como professor efetivo do Ensino Médio, no Estado do Espírito Santo, no ano de 2005, lecionando na EEEFM Professora Célia Teixeira do Carmo. Esse cargo passou a ser acumulado com o cargo de Técnico em Assuntos Educacionais, na EAFA.

Ingressou como professor efetivo, de 1º e 2º graus, no então CEFET Campos, no ano de 2007, ministrando a disciplina de Língua Portuguesa e Literatura, cargo que passou a acumular com o de Técnico em Assuntos Educacionais, na EAFA.

Foi redistribuído, no cargo de professor, no ano de 2009, para o Campus de Alegre, do Instituto Federal do Espírito Santo, onde, atualmente, ocupa também o cargo de Técnico em Assuntos Educacionais.

Cursou Mestrado em Educação Agrícola, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no período de 2008 a 2010.

RESUMO

SENNA, Miguel Angelo Braga. Projeto “**A Associação do Ensino Agrícola ao Desenvolvimento de Comportamentos Empreendedores no Instituto Federal do Espírito Santo – Campus de Alegre**”. 2010. 70 p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2010.

Esta pesquisa teve o objetivo de analisar a importância e a necessidade da associação do ensino agrícola ao desenvolvimento de comportamentos empreendedores no curso Técnico em Agropecuária do Campus de Alegre. Realizou-se por meio de um estudo de campo, em que foram sondados 85 alunos e 7 professores das três turmas de formandos do curso técnico em agropecuária, do ano de 2009 e 7 servidores que compõem o corpo técnico-pedagógico da instituição. Procurou-se diagnosticar, por meio de questionários, com perguntas abertas e fechadas, a opinião desse público quanto a questões relacionadas ao empreendedorismo, como a compreensão e a importância que dá ao assunto, a responsabilidade da escola com relação à educação empreendedora e deficiências comportamentais tidas pelos alunos devido à carência de um ensino empreendedor. Foram colhidas informações geradoras de dados qualitativos e quantitativos que permitiram a realização de análises individualizadas e comparativas das opiniões. Concluiu-se que não há uma ideologia educacional empreendedora aplicada, em nível satisfatório, no ensino agrícola do campus, apesar de haver o conhecimento, por parte de docentes e técnicos, da importância da educação empreendedora, sendo necessários, portanto, trabalhos que a promovam nesse nível de ensino.

Palavras-chave: ensino empreendedor, empreendedorismo na escola, educação agrícola.

ABSTRACT

SENNA, Miguel Angelo Braga. Project "**The Association of Agricultural Education for Development of Entrepreneurial Behavior at the Instituto Federal do Espírito Santo – Campus de Alegre**". 2010. 70 p. Dissertation (Masters in Agricultural Education). Institute of Agronomy. Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2010.

This study aimed to analyze the importance and necessity of the association of agricultural education to the development of entrepreneurial behavior in the course of the Forum on Agricultural Campus Alegre. Carried out through a field study, which polled were 85 students and 7 teachers from three classes of students of technical courses in agriculture, in the year 2009 and 7 servers that make up the technical-pedagogical staff of the institution. We tried to diagnose by means of questionnaires, with open and closed questions, that public opinion on issues related to entrepreneurship, such as understanding the importance it attaches to the subject, the school's responsibility with respect to entrepreneurship education and behavioral disabilities taken students due to the lack of an educational entrepreneur. Information was collected generating qualitative and quantitative data that allowed the realization of individual and comparative analysis of opinions. It was concluded that there is an entrepreneurial educational ideology applied at a satisfactory level, agricultural education in the campus, although there is awareness on the part of teachers and experts, the importance of entrepreneurship education are needed, therefore, work to promote this level of education.

Keywords: entrepreneurship education, entrepreneurship in school, agricultural education.

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Demonstrativo percentual do nível de compreensão dos grupos pesquisados quanto ao empreendedorismo.	41
Tabela 2: Demonstrativo percentual dos conceitos de empreendedorismo estabelecidos pelos grupos pesquisados.	42
Tabela 3: Demonstrativo percentual do nível de crença dos grupos pesquisados no empreendedorismo, associado ao ensino agrícola, enquanto instrumento capaz de despertar o desejo por estudar/aprender e a crença na capacidade individual de conquista e de realização profissional.	43
Tabela 4: Demonstrativo percentual dos motivos pelos quais os grupos pesquisados acreditam que o empreendedorismo, associado ao ensino agrícola, pode despertar o desejo por estudar/aprender e a crença na capacidade individual de conquista e de realização profissional.	44
Tabela 5: Demonstrativo percentual das opiniões dos grupos pesquisados quanto à responsabilidade da escola em criar condições para o desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor nos alunos.	45
Tabela 6: Demonstrativo percentual das opiniões dos grupos pesquisados quanto à forma pela qual a escola pode viabilizar o desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor nos alunos.	45
Tabela 7a: Demonstrativo percentual das opiniões dos alunos quanto a se sentirem desanimados e desestimulados pelo estudo/aprendizado, na escola, segundo a sua própria opinião.	47
Tabela 7b: Demonstrativo percentual das opiniões dos docentes e do corpo técnico-pedagógico quanto ao quantitativo de alunos que observam se sentirem desanimados e desestimulados pelo estudo/aprendizado, na escola.	47
Tabela 8: Demonstrativo percentual das opiniões dos grupos pesquisados quanto às causas do desânimo e do desinteresse dos discentes pelo estudo/aprendizado.	48
Tabela 9a: Demonstrativo percentual das opiniões dos alunos quanto a se sentirem desacreditados no seu potencial de conquista e de realização profissional na escola.	49
Tabela 9b: Demonstrativo percentual das opiniões dos docentes e do corpo técnico-pedagógico quanto ao quantitativo de alunos que observam se sentirem desacreditados no seu potencial de conquista e de realização profissional na escola.	49
Tabela 10: Demonstrativo percentual das opiniões dos grupos pesquisados quanto às causas da descrença dos alunos no seu potencial de conquista e de realização profissional.	50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. REVISÃO DE LITERATURA	4
2.1. Breve Histórico do Empreendedorismo	4
2.2. O Que é Ser Empreendedor?	6
2.3. Competências e Habilidades Empreendedoras	9
2.4. O Empreendedorismo nas Ações Educacionais Governamentais	13
2.5. Empreendedorismo: um Tema Transdisciplinar, à Luz da Complexidade	16
2.6. O Perfil Empreendedor dos Agentes do Processo de Ensino-Aprendizagem	19
2.7. Estímulo Empreendedor: Elemento Fundamental para o Aprendizado Escolar.....	22
2.8. A Importância do Empreendedorismo na Escola	24
2.9. Campus de Alegre: História, Ensino e Formação Profissional.....	32
2.9.1. O Campus de Alegre, na história	32
2.9.2. O ensino ofertado pelo campus	34
2.9.3. Perfil profissional do técnico em agropecuária formado no campus.....	35
3. MATERIAIS E MÉTODOS	38
3.1. Caracterização da Técnica de Pesquisa	38
3.2. Caracterização do Público Investigado.....	399
3.3. Caracterização do Questionário	40
3.4. Caracterização da Análise e da Interpretação dos Dados	40
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	41
4.1. A Pesquisa de Campo	41
4.2. Práticas e Atitudes Docentes Destinadas à Promoção do Estímulo e à Construção de Comportamentos Empreendedores nos alunos	51
4.3. Práticas e Atitudes Institucionais Destinadas à Promoção do Estímulo e à Construção de Comportamentos Empreendedores nos Alunos	52
5. CONCLUSÕES	54
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
7. ANEXOS	62

1. INTRODUÇÃO

Nos relatos de docentes que atuam em diversos ambientes prestadores da educação básica, observam-se queixas de que significativo número de alunos apresenta-se desanimado e desestimulado pelo estudo/aprendizado e descrente no seu potencial de conquista e de realização profissional.

O quadro exige estudos, averiguações, comprovações e providências que visem a minimizar o problema que limita e que reduz a ação da escola no cumprimento da sua função social de instituição de ensino preparadora de cidadãos ativos e aptos a trilharem o seu caminho na vida, enquanto seres humanos. Essas instituições devem, ainda, preparar tais pessoas para ocupar o seu espaço no mundo do trabalho e no setor produtivo.

Sabe-se que o desânimo pelo aprendizado e a descrença no potencial próprio tida por muitos discentes pode ser minimizada pelo estímulo, por meio de práticas docentes que incluam, em suas aulas, atividades que despertem a valorização da capacidade individual, que levem os alunos à construção da autoconfiança, da certeza no seu potencial de conquista e de realização, da convicção de que as conquistas profissionais são pertinentes, não apenas aos outros, mas a todos, dependendo da busca, da disposição e do comprometimento de cada um.

Segundo diversos autores que abordam a problemática existente no âmbito do processo ensino-aprendizagem, o empreendedorismo, por meio da construção de características de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor, apresenta-se como estratégia capaz de motivar o aluno para o estudo/aprendizado e de fornecer-lhe o subsídio necessário a sua valorização pessoal e à conseqüente crença de que é capaz de fazer, de produzir, de galgar posições ascendentes em sua vida pessoal, acadêmica e profissional.

Esses autores apontam frequentemente posturas docentes e estratégias educacionais como desencadeadoras do problema, declarando que o processo de construção do conhecimento nas escolas carece da essencial emoção empreendedora, que é descrita como ingrediente fundamental à realização plena do processo educativo. Destacam ainda que o espírito empreendedor torna o indivíduo autônomo e autodidata, capaz de buscar e de criar ambientes adequados à construção do seu próprio conhecimento, desde que seja preparado para esse fim.

Nota-se que são grandes as chances de que uma aula morna mantenha e produza um indivíduo morno e de que uma aula sem emoção produza um indivíduo desmotivado. Em contrapartida, percebe-se que são grandes as possibilidades de uma aula vibrante produzir um indivíduo vibrante, de uma aula estimulante produzir um indivíduo estimulado, de uma aula empreendedora produzir um indivíduo empreendedor.

Pode-se encontrar, dentro da teoria do Empreendedorismo, um conjunto de comportamentos empreendedores que fazem parte das ações das pessoas que apresentam auto-estima elevada, que apresentam entusiasmo por aprender e por fazer, que acreditam no seu potencial, que ousam, que constroem, que buscam, que conquistam e que se realizam profissionalmente. São características que podem ser trabalhadas pelos docentes junto aos discentes, nas práticas educativas diárias, levando-os a assimilar a cultura e o espírito empreendedor. Nesse sentido, o estímulo pelo aprendizado e a crença no potencial de realização pessoal e profissional figuram como termômetro para se aferir a personalidade empreendedora do indivíduo.

Considerando esses diálogos, direcionou-se o olhar para um universo educacional específico, o Campus de Alegre, do Instituto Federal do Espírito Santo, que demonstrou possuir os mesmos problemas e estar sujeito às mesmas considerações teóricas aqui apresentadas, figurando como campo de observação e laboratório desta pesquisa.

Como é comum nas instituições de ensino, o Campus busca constantemente estratégias que lhe permitam o oferecimento de uma educação de qualidade, que permitam a convivência de alunos, professores e demais servidores em um ambiente feliz, interessante, estimulante e propício à construção do conhecimento. Contudo, todos os esforços da instituição em prol da oferta de uma educação viva, transformadora e capaz de impulsionar o jovem para a vida e para o trabalho apresentam-se, por vezes, insuficientes, ineficazes, incapazes de atingir os objetivos propostos. Percebe-se frequentemente que o aluno, objeto e razão da existência da escola, não se insere mentalmente e psicologicamente no processo, não se permite, não ousa, não dispõe de força e de ânimo para mergulhar no magnífico universo epistemológico da aprendizagem.

É entendimento comum do corpo docente da área agrícola do Campus a dificuldade encontrada, em sala de aula, para estimular, incentivar, despertar o interesse de muitos alunos pelas atividades técnicas desenvolvidas. Já se ouviu de muitos docentes do ensino Agrícola a afirmação de que um número significativo de estudantes demonstra o dito desânimo quanto ao estudo, quanto a sua capacidade de aprendizado, de construção de conhecimentos, de alcance de metas e da conquista futura de espaço profissional. Assim, a necessidade de realização da pesquisa adveio da dificuldade sentida e compartilhada por esses docentes ao se depararem com o sério problema do desestímulo e da descrença dos discentes.

Por se tratar de um problema tido pelos educadores como de grande abrangência na esfera educacional, e que pode ter sido construído ao longo da vida do educando, não se quer apontar o Campus como único agente causador, nem responsabilizá-lo por sanar as deficiências encontradas em sua plenitude. Sabe-se que há causas alheias à estrutura escolar e que nela refletem de forma decisiva. Porém, tendo sido apontado o problema, independente da parcela de responsabilidade de quem quer que seja pela sua existência, surgiu a ideia de realizar, na instituição, estudos, sondagens e investigações, com o intuito de comprová-lo.

Uma avaliação do que propõem os livros didáticos e um olhar pedagógico sobre a prática dos docentes da educação profissional agrícola em sala de aula e sobre a missão social da escola, apontou para a necessidade de se adotarem medidas para minimizar o problema.

Ao se falar em adoção de medidas, fala-se na adoção de estratégias e na criação de instrumentos destinados a propiciar aos discentes da área a valorização pessoal e a crença no seu potencial de realização, acreditando na grande parcela de contribuição que, com isso, a escola pode dar à vida acadêmica e profissional de seus futuros técnicos e à sociedade.

No contexto apresentado, considerando o estado atual do conhecimento, como já destacado, o desenvolvimento de comportamentos empreendedores nos discentes do ensino agrícola do Campus apresentou-se como importante e poderoso instrumento à disposição dos docentes, para minimizar o problema, com a possibilidade da sua utilização como coadjuvante no processo de ensino.

A problemática exposta alavancou reflexões profundas e contínuas a respeito do ensino Agrícola no Campus e da sua associação com o empreendedorismo. Tantas reflexões impulsionaram o estudo e a organização do trabalho, com o prévio estabelecimento de objetivos, assim traduzidos:

Objetivo geral:

- Analisar a importância e a necessidade da associação do ensino agrícola ao desenvolvimento de comportamentos empreendedores no curso Técnico em Agropecuária do Campus de Alegre.

Objetivos específicos:

- Verificar o nível de compreensão da comunidade investigada sobre o empreendedorismo;

- Verificar se a comunidade acredita que o ensino agrícola, associado ao desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor, é capaz de despertar o desejo por estudar/aprender e a crença no potencial próprio de conquista e de realização profissional. E, nos casos positivos, por que acredita nesse processo;
- Verificar se acreditam que cabe à escola criar condições para o desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor nos alunos e de que forma a escola pode viabilizar esse processo;
- Diagnosticar o nível de desânimo e de desinteresse dos alunos pelo estudo/aprendizado, o seu nível de descrença na capacidade pessoal de conquista e de realização profissional e as causas a que atribuem esses problemas;
- Estabelecer comparativos de opiniões, quanto aos aspectos questionados, entre os grupos pesquisados;
- Levantar práticas e atitudes docentes e institucionais destinadas à promoção do estímulo e à construção de comportamentos empreendedores nos alunos.

Para a realização do trabalho, entendeu-se também a necessidade do estabelecimento de suposições e de diretrizes sujeitas a investigações e a sondagens, na expectativa da verificação da sua validade e comprovação.

Com base na vivência institucional no ambiente acadêmico do Campus, em conhecimentos e práticas pedagógicas e em conhecimentos teóricos, práticos e acadêmicos de empreendedorismo, objetivos foram traduzidos em afirmações, estabelecendo-se, como hipóteses norteadoras da pesquisa, as considerações seguintes, propositadamente relacionadas e interligadas aos objetivos e descritivamente necessárias:

- A maioria dos membros da comunidade pesquisada considera não saber o que é o empreendedorismo;
- A maioria, dentre aqueles que afirmam ter conhecimento sobre o empreendedorismo, consegue definir, com coerência, o termo;
- A maioria, dentre aqueles que têm conhecimento sobre empreendedorismo, acredita que o ensino agrícola, associado ao desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor, é capaz de despertar o desejo por estudar/aprender e a crença no potencial próprio de conquista e de realização profissional, sabendo definir, com coerência, por que acredita nesse processo;
- A maioria, dentre aqueles que têm conhecimento sobre empreendedorismo, julga que cabe à escola criar condições para o desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor nos alunos, apontando, com coerência, de que forma esse processo pode ser viabilizado;
- Os alunos apresentam elevado nível de desânimo e desinteresse pelo estudo/aprendizado e de descrença na sua capacidade de conquista e de realização profissional, sendo que os segmentos investigado, em sua maioria, atribuem a responsabilidade pelo problema a outro segmento e não a si;
- Há diferenças percentuais consideráveis no comparativo de respostas entre os segmentos.

Diante do exposto, enfatiza-se que o presente trabalho restringe-se à área de Educação Agrícola, a uma visão crítica sobre a atuação do docente do Curso Técnico em Agropecuária como empreendedor e preparador de cidadãos empreendedores. Apresenta o ensino empreendedor como instrumento mobilizador, capaz de construir e de despertar no aluno o estímulo e o desejo pelo aprendizado, capaz de construir nele a certeza no seu potencial de conquista e de realização pessoal, capaz de levá-lo a vencer a idéia de que não é capaz de fazer.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Breve Histórico do Empreendedorismo

Atualmente, as publicações que abordam a temática empreendedora são vastas e abundantes. A digitação de palavras como empreender, empreendedor ou empreendedorismo, em um site de busca da Internet, apresentaria uma infinidade de publicações relacionadas ao tema, incluindo artigos, livros, cursos, palestras, pesquisas e muitos outros documentos. Uma pesquisa razoável sobre o termo demandaria trabalho considerável.

Observa-se a exploração crescente do assunto como tema de congressos científicos e de publicações em revistas especializadas. Esse aspecto demonstra a sua importância, o interesse que tem despertado na vida do homem moderno e a sua versatilidade como instrumento de estudo e campo de pesquisa.

Dolabela (1990, p. 43) assim situa a origem do termo empreendedorismo:

Empreendedorismo é um neologismo derivado da livre tradução da palavra *entrepreneurship* e utilizado para designar os estudos relativos ao empreendedor, seu perfil, suas origens, seu sistema de atividades, seu universo de atuação.

A expressão *entrepreneurship* é própria da língua inglesa, tendo sido originada da palavra francesa *entrepreneur*, associada ao sufixo *ship*, que indica situação, estado, grau, habilidade e qualidade.

O primeiro a usar o termo *entrepreneur*, na teoria econômica, foi Cantillon, no século XVII. Cantillon tinha uma noção de empreendedor que se assemelha àquela de muitos autores contemporâneos, vendo o empreendedor como um inovador. Daquele tempo até hoje, os franceses usariam o termo *entrepreneur* cada vez mais e passariam a integrá-lo na teoria econômica. Porém, somente décadas após Cantillon, é que Jean Baptiste Say, fez uma clara distinção entre o capitalista e o *entrepreneur*. Por isso, Say pode ser chamado de “pai do *entrepreneurship*”, pois foi ele o primeiro a estabelecer e a explicar essa distinção. A palavra, surgida na metade do século XIX, foi usada cada vez mais, à medida que se desenvolviam as atividades empresariais (MEC/SEBRAE, 2000b).

Em 1947, a Harvard Business School criou um curso de gerenciamento de pequenas empresas. Em 1948, na Suíça, a St.Gallen University promoveu a pioneira conferência sobre a pequena empresa e seus problemas. Essas foram atividades pioneiras. Em 1953, Peter Drucker organizou um curso de empreendedorismo na New York University. O ICBS-International Council for Small Business, a maior associação voltada para a pesquisa de empreendedorismo, surgiu em 1956. O primeiro congresso internacional foi realizado em 1973, em Toronto, no Canadá. Em 1978, o Babson College, de Boston, criou a Academy of Distinguished Entrepreneurs, com o objetivo de premiar empreendedores mundialmente. (DOLABELA, 1999).

As publicações científicas da área de empreendedorismo são recentes. Em 1963, foi fundado o Journal of Small Business Management, solidificando grande tradição na área de pesquisa em empreendedorismo. Em Baylor, 1980, foi realizado o primeiro congresso sobre o “estado da arte”, que teve como decorrência, o surgimento da Encyclopedia of Entrepreneurship. Em 1981, o Babson College criou um dos mais importantes congressos acadêmicos em empreendedorismo, tornando-se centro de excelência na área. Outra contribuição do Babson foi a criação do programa Price-Babson Fellows (PAIM, 2001).

Hoje, nos Estados Unidos, é vultoso o número de universidades que oferecem cursos na área. Existem inúmeras revistas científicas voltadas para o tema. É crescente e impressionante o número de empresas que surgem a cada ano. Na Rússia e nos países do antigo bloco socialista, há uma verdadeira febre de empreendedorismo. O empreendedorismo está passando por um crescimento inesperado (PAIM, 2001).

Se a temática empreendedora foi ganhando historicamente espaço e importância no cenário internacional, sendo, cada vez mais, objeto de discussões em congressos e encontros organizados com o fim de ressaltar o seu valor e de encontrar estratégias e artifícios para disseminá-la nos múltiplos segmentos da atividade humana, no Brasil, não foi diferente. Nas últimas décadas, com o gigantesco avanço tecnológico, a incrível evolução na área da tecnologia da informação e a globalização da economia, o país viu-se respirando obrigatoriamente os ares do empreendedorismo, como condição fundamental para se manter vivo e para continuar a crescer economicamente, como nação, no cenário mundial.

Segundo Dolabela (1999), o primeiro curso de empreendedorismo de que se tem notícia, no Brasil, foi criado em 1981, na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, por iniciativa do professor Ronald Degen e se chamava “Novos Negócios”. Em 1984, a USP – Universidade de São Paulo, começou a oferecer o ensino de empreendedorismo, por iniciativa do professor Silvio Aparecido dos Santos, com a disciplina “Criação de Empresas”. Nesse mesmo ano, o professor Newton Braga Rosa instalava uma disciplina de ensino de criação de empresas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1992, a Universidade Federal de Santa Catarina criou a Escola de Novos Empreendedores e, nesse mesmo ano, a Universidade Federal de Pernambuco criava o Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife. Em 1995, a Escola Federal de Engenharia de Itajubá, em Minas Gerais, criou o Centro Empresarial de Formação Empreendedora de Itajubá.

No início dos anos de 1990, O SEBRAE-MG apoiou a criação do Grupo de Estudos da Pequena Empresa, na UFMG, destacando-se o oferecimento de workshops nos anos de 1992 a 1994, ministrados por professores canadenses, liderados por Louis Jacques Filion. Em 1993, O CNPq, com o Programa Softex, desenvolveu uma metodologia de sucesso no ensino do empreendedorismo. Em 1995, a Universidade de Brasília criou a Escola de Empreendedores, com atividades fervilhantes em sensibilização e ensino de empreendedorismo. Em 1997, foi criado, em Minas Gerais, o Programa Reúne – Rede de Ensino Universitário de Empreendedorismo. Em 1998, a CNI-IEL e o SEBRAE nacional lançam o Programa Reúne-Brasil, expandindo a filosofia da rede universitária de ensino de empreendedorismo para todo o território nacional (DOLABELA, 1999).

No ano de 2000, foi iniciado o Programa Integrado MEC(SEMTEC)/SEBRAE de Técnicos Empreendedores, tendo como base os pressupostos estratégicos da nova educação profissional brasileira, com o objetivo de contribuir para a solução dos problemas nacionais, por meio do ensino do empreendedorismo, nas escolas de ensino médio e de educação profissional. O projeto propunha uma visão mais verdadeira, mais concreta e mais próxima das pessoas que estavam avaliando e definindo sua vida produtiva, por meio da educação profissional. O programa realizou-se com as mais modernas técnicas de ensino a distância da época, utilizando-se da educação interativa, por meio de cursos interativos, graduações, qualificações, atualização profissional e teleconferências (MEC/SEBRAE, 2000b).

Atualmente, o empreendedorismo ocupa posição de destaque nos veículos nacionais e mundiais de comunicação. É objeto de encontros, palestras e cursos em toda parte do país. É aceito e entendido pelos educadores como conhecimento fundamental, integrante e mobilizador do processo educativo, devendo ser propagado no universo educacional.

A esse respeito, assim nos fala Souza (2008, p. 2):

[...] a concepção empreendedora movimenta-se nos diferentes campos sociais, em busca de adesões a suas repostas, tendo os campos empresarial e acadêmico como principais espaços de produção, legitimação e reprodução de suas orientações. Permeia tanto a esfera da sociedade civil quanto a da sociedade política, ocupando espaços na mídia, nos discursos oficiais, em projetos e programas de organizações estatais e não governamentais, nas orientações e projetos financiados pelos organismos internacionais, nas escolas, desde o ensino fundamental até o nível superior, inclusive nas públicas.

2.2. O Que é Ser Empreendedor?

Pelo fato de o empreendedorismo ser um tema abrangente, que compreende conjuntos de ações, de atitudes e de sentimentos geradores de comportamentos aplicáveis a qualquer área do conhecimento, não se observa, nas definições estabelecidas por autores diversos, um conceito padrão para o termo. O que se encontram são considerações descritivas de estados de ânimo, de personalidade e de atitudes aplicáveis ao ato de empreender.

De acordo com Fillion (1999), na literatura, encontra-se notável confusão a respeito da definição do termo, visto que duas correntes de pensamento abordam o conceito: os economistas o associam à inovação, os comportamentalistas se concentram nos aspectos criativo e intuitivo.

Segundo Silveira (2008, p. 1):

O conceito de empreendedorismo é muito subjetivo, todos parecem conhecer, mas não conseguem definir realmente o que seja. Essa subjetividade pode ser devido às diferentes concepções ainda não consolidadas sobre o assunto ou por se tratar de uma novidade, principalmente no Brasil, onde o tema se popularizou a partir da década de 90.

Infere-se do comportamento de pessoas tidas como empreendedoras que ser empreendedor é ser criativo, é ter energia, é ousar sempre, é acreditar-se capaz de extremos e de altas conquistas. É não se sentir diminuído pelos insucessos e até utilizá-los como impulso para o sucesso. É ter necessidade de correr riscos, vibrar pela possibilidade da derrota e se emocionar com a vitória. É alimentar-se de buscas e de ações e odiar a inércia. É ter sempre um alvo mais distante de onde se está. É persegui-lo até a exaustão. É inventar ferramentas para alcançá-lo. É alcançá-lo de verdade. É criar novas buscas, novos caminhos e novos objetivos, sem os quais, a sua vida se torna vazia.

Silva, Mauer Jr. e Pereira (1965), há quatro décadas, apresentou conceitos de “empreendedor” e de “empreender”, considerando “empreendedor” aquele que empreende ou toma a seu cargo uma empresa, que é arrojado e ativo e considerando “empreender” como resolver-se a praticar (algo laborioso e difícil), testar, delinear, pôr em execução, ter apreensões contínuas.

Ferreira (1967), no mesmo período, apresenta um conceito similar para os dois termos, considerando “empreendedor” também quem empreende, é ativo e arrojado e “empreender” também como atitude de quem resolve praticar, põe em execução, tenta fazer algo difícil e trabalhoso.

Silva *et. al.* (1979, p. 657), há três décadas, novamente apresenta conceitos de “empreendedor” e de “empreender”, dessa vez um pouco mais trabalhados:

empreendedor: Que empreende. Que se aventura à realização de coisas difíceis ou fora do comum; ativo; arrojado. Aquele que empreende. Aquele que toma a seu cargo uma empresa.

Empreender: Resolver-se a praticar (algo laborioso e difícil); tentar, delinear. Pôr em execução. Realizar, fazer. Ter apreensões contínuas.

Fernandes (1978, p. 498), na mesma época, assim define os dois termos:

empreendedor: Que empreende; diligente; arrojado; ativo; aquele que empreende ou que toma a iniciativa de qualquer empresa.

empreender: Resolver-se a praticar (alguma coisa laboriosa e difícil); pôr em execução; ter apreensões contínuas; cismar; insistir na mesma ordem de idéias.

Ferreira (2004, p. 737), em tempos atuais, apresenta definições similares, considerando “empreendedor: que empreende; ativo, arrojado. Aquele que empreende.” e considerando “empreender: deliberar-se a praticar, propor-se, tentar (empresa laboreira e difícil). Pôr em execução.”.

Houaiss (2007) apresenta recentemente definições, outra vez, similares, considerando também que empreendedor é aquele que empreende; e que empreender é decidir, realizar uma tarefa difícil e trabalhosa, tentar, pôr em execução.

Observa-se que as definições apresentadas, extraídas de dicionários da língua portuguesa, apresentam, por meio de palavras de significado próximo e de termos sinônimos, conceitos que sempre recaem na idéia de prática dos mesmos comportamentos, sugestivos de ações, de tomada de decisão, de iniciativa e da execução de tarefas.

Observam-se definições pessoais mais variadas, mais detalhadas, mais aprofundadas e mais elucidativas do termo em autores que produzem a literatura do gênero.

Filion (1999, p. 19), define o empreendedor como uma pessoa lúcida e que utiliza essa lucidez para aproveitar oportunidades:

[...] o empreendedor caracteriza-se por ser uma pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos e que mantém alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-a para detectar oportunidades de negócios. Um empreendedor que continua a aprender a respeito de possíveis oportunidades de negócios e a tomar decisões moderadamente arriscadas que objetivam a inovação, continuará a desempenhar um papel empreendedor.

Drucker (2008) descreve o empreendedor como alguém que está sempre buscando a mudança, reage a ela e a explora, fazendo dela uma oportunidade. Destaca que o espírito empreendedor é marcado pela capacidade de inovar, de lidar com a incerteza e com as mudanças.

Para Dolabela (1990), empreendedorismo é um estado de espírito, uma maneira de agir e de ser, um jeito de encarar a existência e o mundo. Na sua visão, ser empreendedor é ousar, é confiar, é saber ultrapassar limites, não aceitando e não se sentindo reprimido pelos limites impostos pela vida.

O empreendedor é aquele indivíduo que tem certeza de que, se desejar algo verdadeiramente, do fundo do seu coração, o universo “não” irá conspirar para que ele consiga. Ele não espera comprar o bilhete premiado da loteria. Ele está sempre inovando pelo trabalho e criando novos valores, como ingredientes essenciais à sua satisfação.

Timmons (*apud* MEC/SEBRAE, 2000b, p. 72-73), assim se posiciona com relação ao conceito de empreendedorismo:

Empreendedorismo é a habilidade de criar e construir algo a partir praticamente do nada: fundamentalmente é um ato humano e criativo. É encontrar energia pessoal para iniciar e construir uma empresa ou organização mais do que simplesmente assistir, analisar ou descrever. Fazer tal afirmação sobre o seu ponto de vista requer uma voluntariedade em acalentar riscos – ambos pessoais e financeiros – e, então,

fazer todo o possível para colocar do seu lado as vantagens, reduzindo assim as possibilidades do fracasso [...].

Dolabela (1999, p. 68) novamente define o empreendedor, dessa vez como alguém que encara o trabalho com satisfação e o integra ao seu modo de vida:

O empreendedor é alguém que define por si mesmo o que vai fazer e em que contexto será feito. Ao definir o que vai fazer, ele leva em conta seus sonhos, desejos, preferências, o estilo de vida que quer ter. Dessa forma, consegue dedicar-se intensamente, já que seu trabalho se confunde com o prazer.

Meredith, Nelson e Nech (*apud* MEC/SEBRAE, 2000b, p. 51) definem os empreendedores como pessoas hábeis em identificar oportunidades, organizadas e extremamente estimuladas:

Empreendedores são pessoas que têm a habilidade de ver e avaliar oportunidades de negócios; prover recursos necessários para pô-las em vantagens; e iniciar ação apropriada para assegurar o sucesso.
São orientadas para a ação, altamente motivadas; assumem riscos para atingirem seus objetivos.

Julien (*apud* MEC/SEBRAE, 2000b, p. 47), apresenta o empreendedor como imaginativo, confiante, informado e bom administrador de finanças:

- a – O empreendedor é aquele que sabe imaginar novamente, tem uma grande confiança em si mesmo, é entusiasta, tenaz, ama resolver problemas, ama dirigir, combate a rotina, evita constrangimentos...
- b – É aquele que cria uma informação interessante ou não do ponto de vista econômico (inovando em relação ao produto, ou ao território, ao processo de produção, ao mercado...) ou aquele que antecipa sobre esta informação (antes dos outros ou diferentemente dos outros).
- c – É aquele que reúne e sabe coordenar os recursos econômicos para aplicar de modo prático e eficaz sobre um mercado, a informação que ele conhece a fundo.
- d – Ele o faz, primeiro, em função das vantagens pessoais, tais como prestígio, ambição, independência, o jogo, o poder sobre si e sobre a situação econômica e, em seguida, o lucro, etc.

Uma das características frequentemente apontadas nos empreendedores é a motivação. Eles são retratados como pessoas possuidoras da energia, da autoconfiança e da crença de que dominam e constroem o seu próprio destino.

Em “O Empreendedorismo na Escola” (2007, p. 29), elaborado pela Rede Pitágoras, constata-se tal fato:

[...] os empreendedores vêm sendo descritos como indivíduos internamente motivados para atuar de maneira empreendedora, sendo mais autoconfiantes e mais desejosos de independência e autonomia do que as pessoas não-empreendedoras. Também demonstram forte predisposição pessoal para o progresso, sendo menos permeáveis a atitudes fatalistas sobre o futuro e sobre as próprias condições para enfrentar os fatores adversos do meio. Tendem a acreditar na capacidade do ser humano de forjar o próprio destino, melhorar o ambiente externo e encarar situações difíceis como desafios. Portanto, agem de maneira oposta à conduta típica de pessoas que se agarram à crença de não poderem controlar seu destino e que se asseguram psicologicamente contra as experiências de fracasso, optando pela negação da responsabilidade pessoal, pela passividade e pelo embotamento da criatividade.

Vontade, criatividade e motivação são qualidades de um empreendedor. O empreendedorismo é uma capacidade singular, com ações no plural. Pessoas empreendedoras envolvem todos ao seu redor, com um ritmo contagiante, demonstrando como suas idéias se tornarão realidade. Procuram sempre uma forma de expressão por não conseguirem conter-se no espaço do seu interior. Transportam para o exterior suas emoções, projetos e principalmente ações. O resultado é o que importa. O foco é a atitude constante, ficar parado, na inércia, não cabe a este seletivo grupo. O agir é a mola mestra da razão do empreendedor. A sua postura é voltada para o resultado. Está sempre preocupado com o que vai fazer para colocar em prática seu incontrolável senso de realização. Essas pessoas procuram sempre inventar formas e meios para aplicar suas idéias (LAMIM, 2008).

Pessoas ou equipes de pessoas, com características diferenciadas, é que lideram mudanças. São visionárias, questionam, arriscam, querem algo diferente, fazem acontecer e, enfim, empreendem. Os empreendedores são considerados pessoas diferenciadas, possuem motivação singular, são apaixonados pelo que fazem, não se contentam em ser mais um na multidão, querem deixar algo para posteridade, e estão revolucionando o mundo. Pode-se chamar o momento atual de “a era do empreendedorismo”, pois são os empreendedores que estão eliminando barreiras comerciais e culturais, encurtando distâncias, globalizando e renovando os conceitos econômicos, criando novas relações de trabalho e novos empregos, quebrando paradigmas e gerando riqueza para a sociedade (CARVALHO; OLIVEIRA e SANTOS, 2008).

Navarro (2008) afirma que ser empreendedor é ter iniciativas, idéias, mudar e inovar constantemente, o que passa pela busca de melhorias, afinal, o empreendedor é um grande inquieto, precisa estar se desafiando e se superando com frequência. Acrescenta que é visível o brilho nos seus olhos e a emoção por ter atingido a sua meta de vida, porque busca incessantemente por oportunidades que estão além dos recursos que se possui.

Ainda segundo Navarro (2008, p. 1):

É isso: o empreendedor faz o seu momento! Ele escreve, produz, dirige e protagoniza a sua própria história, porque acredita no seu esforço, dedicação e competência. Ele sabe quando é a melhor hora de parar, de retroceder, de mudar de trajetória, quando está sendo persistente ou teimoso, e quando deve ser audacioso e arriscar.

Definições sobre o “ser empreendedor” são encontradas “a mão cheia” na literatura pertinente. Uma teia de conceitos e de características empreendedoras é tecida sobre o assunto em variados meios de divulgação da informação. São retalhos de definições que, longe de se contradizerem, complementam-se, contribuindo para a construção da grande rede de conceitos e de definições aplicáveis ao empreendedor - esse personagem de atitudes amplas e abrangentes, como o exige a era da informação e o mundo globalizado, no qual está inserido.

2.3. Competências e Habilidades Empreendedoras

Perrenoud (1999), afirma que competência significa mobilizar um conjunto de recursos mentais para solucionar uma série de situações. A competência envolve a construção de conhecimentos a serem direcionados ao desenvolvimento de respostas necessárias à resolução de problemas. Descrever as competências exige a análise de situações e de ações, pois estão associadas ao contexto cultural, profissional e social do indivíduo, inserido em situações diversas e sujeito a problemas diversos.

Em tempos não muito remotos, o empreendedor era tido como alguém que dirigia ou era proprietário de um negócio que objetivava o lucro financeiro. Hoje, observa-se que o conceito de empreendedorismo adquiriu uma maior abrangência, considerando-se

empreendedoras aquelas pessoas que possuem determinadas características de personalidade, traduzidas por comportamentos e ações que as levam ao êxito pessoal e profissional, nos mais diversos ambientes e situações em que estão inseridas.

Empreendedoras passaram a ser aquelas pessoas motivadas, que possuem a habilidade de enxergar oportunidades e a competência para planejar suas ações no sentido de buscá-las e alcançá-las.

No início dos anos de 1980, teve início, nos Estados Unidos, um projeto liderado por um grupo de empresas da área de capacitação e consultoria, para desenvolver instrumentos destinados à seleção e a capacitação de empreendedores, com a finalidade de responder a importantes perguntas relacionadas às habilidades e competências dos empreendedores. Para identificar as competências, realizaram-se entrevistas que permitiram analisar situações da vida cotidiana. Foram feitas transcrições da vida pessoal de empresários de maior e menor sucesso. Especialistas da área comportamental analisaram formas de pensar, atitudes e comportamentos próprios dos empresários, estabelecendo um conjunto de características, competências e habilidades empreendedoras (MEC/SEBRAE, 2000b).

Em “Formação Empreendedora na Educação Profissional”, elaborado pelo MEC/SEBRAE (2000b, p. 38-40) constam os conjuntos de características empreendedoras elaborados na pesquisa:

- a) Conjunto da realização:
 - Iniciativa: atuar antes de ser forçado pelas circunstâncias;
 - Busca de oportunidades: reconhecer e saber aproveitar oportunidades novas ou pouco comuns;
 - Persistência: não desistir diante dos obstáculos encontrados;
 - Busca de informação: inclinação a valorizar a informação e a buscá-la pessoalmente para elaborar um plano ou tomar decisões;
 - Preocupação com a alta qualidade do trabalho: interesse em manter alto o nível de qualidade, não só no seu próprio trabalho, mas no de outras pessoas também;
 - Comprometimento com os contratos de trabalho: forte sentido de comprometimento pessoal para cumprir contratos de trabalho feitos com outras pessoas;
 - Eficiência: preocupação em reduzir o custo, os recursos necessários e o tempo para realizar as tarefas.
- b) Conjunto do planejamento e resolução de problemas:
 - Planejamento sistemático: uso de análise lógica para desenvolver planos específicos para a tomada de decisões;
 - Resolução de problemas: habilidade para mudar de estratégia quando é necessário identificar novas soluções para os problemas.
- c) Conjunto da maturidade pessoal:
 - autoconfiança: acreditar na própria habilidade, eficácia e critérios;
 - Perícia: experiência ou capacitação prévia em áreas relacionadas ao próprio negócio;
 - Reconhecimento das próprias limitações: predisposição em admitir as suas limitações e a aprender com os próprios erros.
- d) Conjunto da influência:
 - Persuasão: habilidade de apresentar-se de forma convincente aos demais;
 - Uso das estratégias de influência: tendência a pensar e definir formas para influenciar os demais.
- e) Conjunto da gestão e controle:
 - Agressividade: predisposição a apresentar problemas aos outros de forma direta e a tomar decisões fortes no papel de oposição;
 - Controle: acompanhamento para assegurar-se de que o trabalho dos outros satisfaz as expectativas relativas a procedimentos, planejamento e qualidade.
- f) Conjunto da disponibilidade para os demais:
 - Credibilidade, integridade e sinceridade: predisposição em manter a honestidade, a coerência e a integridade nas relações com os outros;

- Predisposição para o bem-estar dos empregados: sensibilidade diante dos problemas e necessidades dos próprios empregados;
- Reconhecimento da importância das relações comerciais: atuar para desenvolver relações cordiais e uma boa reputação com clientes e outras pessoas.

Observou-se, na pesquisa, que uma série de competência empreendedoras poderiam ser reforçadas com a utilização orientada das habilidades, que muitas dessas competências poderiam ser incrementadas com treinamentos e que, com uma adaptação adequada, as técnicas poderiam ser aplicadas a uma grande variedade de contextos culturais. Com isso, todos os esforços para a capacitação de competências e habilidades empreendedoras têm atualmente como base os resultados finais dessa pesquisa (MEC/SEBRAE, 2000b).

Em “Formação Empreendedora na Educação Profissional”, elaborado pelo MEC/SEBRAE (2000b, p. 40-43) constam os resultados da pesquisa, que agrupam as competências e habilidades dos empreendedores da seguinte forma:

1. Busca de oportunidade e iniciativa:

- Faz as coisas antes de solicitado ou antes de forçado pelas circunstâncias;
- Age para expandir o negócio a novas áreas, produtos ou serviços;
- Aproveita oportunidades fora do comum para começar um negócio, obter financiamentos, equipamentos, terrenos, local de trabalho ou assistência.

2. Persistência:

- Age diante de um obstáculo;
- Age repetidamente ou muda de estratégia a fim de enfrentar um desafio ou superar um obstáculo;
- Assume responsabilidade pessoal pelo desempenho necessário para atingir metas e objetivos.

3. Comprometimento:

- Faz um sacrifício pessoal ou esforço extraordinário para completar uma tarefa;
- Colabora com os empregados ou se coloca no lugar deles, se necessário, para terminar um trabalho;
- Esmera-se em manter os clientes satisfeitos e coloca em primeiro lugar a boa vontade em longo prazo, acima do lucro de curto prazo.

4. Exigência de qualidade e eficiência:

- Encontra maneiras de fazer as coisas melhor, mais rápido ou mais barato;
- Age de maneira a fazer coisas que satisfazem ou excedem padrões de excelência;
- Desenvolve ou utiliza procedimentos para assegurar que o trabalho seja terminado a tempo ou que o trabalho atenda a padrões de qualidade previamente combinados.

5. Correr riscos calculados:

- Avalia alternativas e calcula riscos;
- Age para reduzir os riscos ou controlar os resultados;
- Coloca-se em situações que implicam desafios ou riscos moderados.

6. Estabelecimento de metas:

- Estabelece metas e objetivos que são desafiantes e que têm significado pessoal;
- Define metas de longo prazo, claras e específicas;
- Estabelece objetivos de curto prazo, mensuráveis.

7. Busca de informações:

- Dedicar-se pessoalmente a obter informações de clientes, fornecedores e concorrentes;
- Investiga pessoalmente como fabricar um produto ou fornecer um serviço;
- Consulta especialistas para obter assessoria técnica ou comercial.

8. Planejamento e monitoramento sistemáticos:

- Planeja dividindo tarefas de grande porte em subtarefas com prazos definidos;
- Revisa seus planos constantemente, levando em conta os resultados obtidos e mudanças circunstanciais;
- Mantém registros financeiros e utiliza-os para tomar decisões.

9. Persuasão e rede de contatos:

- Utiliza estratégias deliberadas para influenciar ou persuadir os outros;

- Utiliza pessoas-chave como agentes para atingir seus próprios objetivos;
- Age para desenvolver e manter relações comerciais.

10. Independência e autoconfiança:

- Busca autonomia em relação a normas e controles de outros;
- Mantém seu ponto de vista, mesmo diante da oposição ou de resultados inicialmente desanimadores;
- Expressa confiança na sua própria capacidade de complementar uma tarefa difícil ou de enfrentar um desafio.

Esses dez comportamentos empreendedores descritos, que permeiam a personalidade, as atitudes e as ações das pessoas bem sucedidas profissionalmente, estão incrustados na educação empreendedora, seja naquela voltada para o meio empresarial e para o negócio ou naquela cuja propagação é apregoada no universo educacional.

A educação empreendedora transmite a ideologia de que jovem necessita da construção de uma personalidade empreendedora, por meio da aquisição de competências e de habilidades que lhe permitam a prática de comportamentos dirigidos para resultados; que lhe permitam buscar oportunidades; ter iniciativa; ser persistente em suas buscas; comprometer-se com aquilo que faz; exigir qualidade e eficiência daquilo que produz ou do seu desempenho; saber calcular os riscos que corre e ter coragem de arriscar; estabelecer metas na sua vida pessoal e profissional; buscar constantemente informações; planejar e monitorar sistematicamente as suas ações; persuadir em seu favor e construir redes de contatos; ser independente e autoconfiante.

Para Timmons e Hornaday (apud Dolabela,1999), as principais características dos empreendedores são: seguir uma pessoa como modelo, ter iniciativa, autonomia, autoconfiança, otimismo, necessidade de realização, trabalhar sozinho, ter perseverança e tenacidade, ter energia, ser um trabalhador incansável, ser capaz de dedicar-se intensamente ao trabalho, ser capaz de fixar metas e alcançá-las, ter alto comprometimento, ser um sonhador realista, orientar-se para resultados, tecer “redes de relações”, traduzir seus pensamentos em ações, definir o que deve aprender, criar um método próprio de aprendizagem, não ser aventureiro, assumir riscos moderados e fazer tudo para minimizá-los e manter alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-o para detectar oportunidades.

Meredith, Nelson e Neck (apud MEC/SEBRAE, 2000b), descrevem como principais características dos empreendedores a autoconfiança, a orientação para a tarefa-resultado, assumir riscos, liderança, originalidade e orientação para o futuro.

Timmons (apud MEC/SEBRAE, 2000b), descreve, ainda, o empreendedor como alguém que possui direção e energia; autoconfiança; envolvimento de longo prazo; dinheiro como uma medida do desempenho; persistência na resolução de problemas; estabelece metas; assume riscos moderados; usa de feedback; toma iniciativas e busca responsabilidade pessoal; utiliza-se de recursos; luta contra padrões auto-impostos; possui controle interior e tolerância à ambigüidade e à incerteza.

Observa-se que o empreendedor é um indivíduo independente e autônomo, com capacidade de gerenciar suas atitudes e buscas. A sua independência o faz ter a necessidade de se renovar sempre, para se manter antenado com o mundo em que vive. Essa autonomia é inerente ao ser humano, mas, nos empreendedores, ela se torna uma necessidade, uma obrigatoriedade, um estilo de vida.

Com relação ao espírito autônomo do ser humano, Santos (2003, p.25) assim se manifesta:

A autonomia constitui um processo em permanente construção, uma luta interior, às vezes dolorosa ao abandonar as crenças antigas e lidar com as incertezas da vida contemporânea. Por estas razões, dizemos que o homem é um ser em permanente

crise. Crise de renovação e de busca de explicações mais condizentes com a atual condição de vida.

Os empreendedores têm grande capacidade de perceber oportunidades; definem objetivos a longo prazo e definem com clareza objetivos de curto prazo; formulam estratégias para alcançar seus objetivos; buscam muitas informações; assumem riscos moderados e calculados; aprendem com as próprias experiências de fracasso; buscam fazer cada vez melhor, mais rápido e mais barato; são inovadores; constroem e utilizam redes de apoio (REDE PITÁGORAS, 2005).

Segundo Hashimoto (2008), qualquer pessoa pode adotar uma atitude empreendedora, nas mais diversas situações, seja com o cliente, diante de um problema, durante uma reunião, ao montar a barraca de camping, ao ir a um show de rock ou dando banho no cachorro. Hashimoto (2008, p. 1), aponta, ainda, algumas atitudes empreendedoras que podem se manifestar no indivíduo:

1. **Superação:** A capacidade de ir além, superar qualquer obstáculo, sobrepujar os limites, desafiar, questionar o status, duvidar dos paradigmas impostos, provocar discussões, romper com padrões pré-estabelecidos. Caracteriza aqueles que são determinados e perseverantes. Não desistem nunca.
2. **Criatividade:** Realizar algo novo, diferente ou único. Desenvolver a habilidade de ver o que ninguém vê, identificar oportunidades nos locais mais improváveis, ter idéias à profusão, perceber coisas que normalmente passam despercebidas para os outros.
3. **Iniciativa:** É fazer o que precisa ser feito, sem que seja solicitado. É agir sem ser mandado, conquistando sua própria autonomia. Quem tem iniciativa não gosta de depender de ninguém para conquistar suas realizações e está sempre conduzindo várias coisas ao mesmo tempo.
4. **Energia:** Descreve aquele que demonstra incansável disposição para trabalhar, ir à luta e partir para a execução, transformar a iniciativa em “acabativa”. Ter energia é estar sempre disposto e motivado, procurando sempre tirar os planos do papel. A palavra ‘Preguiça’ não faz parte do seu vocabulário.
5. **Valor:** É a capacidade de gerar algum benefício para alguém. São os resultados finais da iniciativa que são valorizados por alguém. Estes resultados podem ser de natureza financeira ou não. Pode ser o lucro, o bem estar, a valorização da imagem, a satisfação de um cliente, a redução de custos ou um prêmio qualquer.
6. **Compromisso:** É assumir a responsabilidade e as conseqüências. É ter a coragem de dizer a todos o que você fez, vestir a camisa de algo maior do que seus interesses pessoais, independentemente dos resultados. Cumprir o que promete e levar uma realização às últimas conseqüências, mesmo que prejudique a si mesmo. É não tirar da reta quando a coisa aperta e demonstrar assim credibilidade e confiabilidade.
7. **Risco:** A capacidade de aceitar o fato de que as coisas podem não sair como planejado e que o erro é uma forma de aprendizado. Pessoas que assumem riscos calculados sabem avaliar os benefícios e não se incomodam em sair da zona de conforto quando necessário.

As características de personalidade empreendedora, geradoras das competências e das habilidades que impulsionam os empreendedores ao fazer, a ter atitude, à busca incisiva da realização são tão subjetivas, variadas e intensas, que os próprios empreendedores parecem encontrar dificuldade para tecer o leque sensitivo de emoções e de desejos que se abre em seu caminho, continuamente pontilhado de planos, de ações e de buscas.

2.4. O Empreendedorismo nas Ações Educacionais Governamentais

O Ministério da Educação, entendendo as implicações geradas, no universo ocupacional, pelo processo de globalização, como a redução de empregos formais, viu-se na necessidade de criar instrumentos que possibilitassem aos jovens formandos, das Instituições

Federais de Ensino Tecnológico, uma nova forma de inserção no mercado de trabalho. Com isso, percebeu-se, no empreendedorismo, um poderoso instrumento para a expansão de novos empreendimentos.

Conhecendo e assimilando a cultura empreendedora, o jovem teria uma nova e valiosa forma de posicionamento profissional. Em vez de sair da escola preparado para ser empregado, teria uma outra opção: a de ser um empreendedor. Ele receberia na própria escola o preparo adequado para montar o seu próprio negócio.

Mas, para que o jovem tivesse contato com o empreendedorismo, seria preciso que os agentes, que dirigem, organizam e trabalham para funcionamento da escola, conhecessem e se imbuíssem do pensamento empreendedor. Foram, então, estabelecidas ações governamentais e foram criados instrumentos, objetivando a disseminação da cultura empreendedora, no universo educacional, com ênfase no ensino tecnológico.

No início da década atual, o Ministério da Educação (MEC), por meio da então Secretaria de Educação Média e Tecnológica (SEMTEC), em conjunto com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), organizou o “Programa Integrado Técnico Empreendedor MEC/SEBRAE”.

Em “Formação Empreendedora na Educação Profissional”, elaborado pelo MEC/SEBRAE (2000b), consta que o programa tinha como objetivo por em prática diversos projetos integrados, que possibilitassem a capacitação dos educadores das Instituições Federais de Educação Tecnológica quanto aos conhecimentos básicos da área de empreendedorismo. Esses conhecimentos seriam úteis e produziram resultados em qualquer atividade que os participantes estivessem envolvidos.

Ainda em “Formação Empreendedor na Educação Profissional”, elaborado pelo MEC/SEBRAE (2000b), consta que o Programa foi composto por seis projetos integrados, sendo o “Projeto de Formação Empreendedora na Educação Profissional de Nível Técnico”, o “Projeto de Agências Articuladoras SEBRAE nas Escolas da Rede Federal e nos Centros de Educação Profissional do MEC/PROEP”, o “Projeto de Incubadoras de Empresas”, o “Projeto de Consultoria Técnica nos Centros de Educação Profissional do MEC/PROEP (PATME)”, o “Projeto Prêmio Técnico Empreendedor” e o “Projeto EMPRETEC”.

O “Projeto de Formação Empreendedora na Educação Profissional de Nível Técnico” teve a colaboração do “Laboratório de Ensino à Distância” (LED), da Fundação de Ensino e Engenharia de Santa Catarina (FEESC), para desenvolver o “Curso de Capacitação de Professores para o Empreendedorismo”. Seu desenvolvimento ocorreu em duas etapas. A primeira etapa foi intensiva e presencial, voltada para a formação de multiplicadores, capacitados em oficinas. A segunda etapa foi realizada a distância, com a utilização de teleconferências, Internet, material didático e o sistema de acompanhamento ao Estudante a Distância (SAED). Foi voltada para professores e técnicos das Instituições Federais de Educação Tecnológica. Os multiplicadores, capacitados na primeira etapa, atuaram como organizadores e instrutores nas tele-aulas, em suas instituições (MEC/SEBRAE, 2000b). O programa capacitou centenas de servidores das Instituições Federais de Ensino, nos conhecimentos de empreendedorismo e em relação à prática dos comportamentos empreendedores, no seu ambiente de trabalho e na vida.

O “Projeto de Agências Articuladoras SEBRAE, nas Escolas da Rede Federal e nos Centros de Educação Profissional do MEC/PROEP”, criou agências articuladoras nas IFETs e nos Centros de Educação Profissional MEC/PROEP. Essas agências funcionam como centros de informação e acesso aos serviços do SEBRAE, para o público em geral. O projeto contribuiu para o incremento das relações dessas instituições com as forças produtivas das comunidades onde estão inseridas (MEC/SEBRAE, 2000b).

No “Projeto de Incubadoras de Empresas”, foram implantadas incubadoras de empresas físicas e virtuais, nas Instituições Federais de Ensino, que atuam no estímulo e no

apoio ao surgimento de novos negócios (MEC/SEBRAE, 2000b). O projeto demonstra funcionalidade e eficiência, haja vista o fato de que inúmeras micro e pequenas empresas de sucesso no Brasil têm sua origem nas incubadoras.

Em o “Manual para a Implantação de Incubadoras de Empresas”, elaborado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (2000, p. 11) fica claro o conceito de Incubadora de Empresa:

Uma Incubadora é um mecanismo que estimula a criação e o desenvolvimento de micro e pequenas empresas industriais ou de prestação de serviços, de base tecnológica ou de manufaturas leves por meio da formação complementar do empreendedor em seus aspectos técnicos e gerenciais e que, além disso, facilita e agiliza o processo de inovação tecnológica nas micro e pequenas empresas. Para tanto, conta com um espaço físico especialmente construído ou adaptado para alojar temporariamente micro e pequenas empresas industriais ou de prestação de serviços e que, necessariamente, dispõem de uma série de serviços e facilidades.

O “Projeto de Consultoria Técnica nos Centros de Educação Profissional do MEC/PROEP (PATME)” orientou e credenciou as Instituições Federais de Educação Tecnológicas e os Centros de Educação Profissional MEC/PROEP, para prestarem consultorias no âmbito do Programa de Apoio Tecnológico às Micro e Pequenas Empresas (PATME), que foi operacionalizado pelo SEBRAE e pela FINEP (MEC/SEBRAE, 2000b). Inúmeros trabalhos de consultoria foram prestados pelas Instituições Federais de Ensino e pelos Centros de Educação Profissional, no âmbito do Programa.

O “Projeto Prêmio Técnico Empreendedor”, realizado desde 2002, promove anualmente um concurso nacional que estimula o desenvolvimento de projetos discentes que reflitam a prática empreendedora nas Instituições Federais de Educação Tecnológica. Envolve alguns professores e alunos dos cursos técnicos das instituições, tendo como finalidade premiar projetos originais e empreendedores, passivos de serem colocados em prática. Abrange diversas áreas de atuação da escola, contribuindo para uma melhor qualidade da formação profissional (MEC/SEBRAE, 2000b).

MEC/MAPA/SEBRAE (2008, p. 2), descreve os objetivos do Projeto e as práticas empreendedoras que caracterizam a sua organização:

Objetivos: Estimular, reconhecer, premiar e divulgar as atividades de empreendedorismo e cooperativismo desenvolvidas pelos alunos dos cursos técnicos e tecnológicos das Instituições Públicas de Educação Profissional e Tecnológica – IPEPTs. Essas práticas empreendedoras e cooperativistas se caracterizam como soluções técnicas e tecnológicas com possibilidade de se transformar em “negócio” executável pelos alunos, apresentadas em um Projeto, sob a orientação de um professor e que comprovadamente contribuam com o processo de desenvolvimento sócio-econômico de suas comunidades.

Desde a criação do programa, inúmeras Instituições Federais de Ensino, professores e equipes de alunos foram premiados pelo desenvolvimento de projetos originais e empreendedores, que contribuíram para o desenvolvimento educacional de suas instituições e para o desenvolvimento da cultura empreendedora no país.

O Projeto “EMPRETEC” teve como objetivo promover uma capacitação comportamental para os professores das Instituições Federais de Educação Tecnológica e dos Centros de Educação Profissional MEC/PROEP, para que pudessem desenvolver e fortalecer o espírito empreendedor, contribuindo para a promoção da cultura empreendedora nas suas escolas contempladas pelo Programa. A internalização da visão e da prática empreendedoras, pelo corpo docente dessas instituições, foi tomada como fator decisivo para a disseminação dos comportamentos empreendedores nas escolas (MEC/SEBRAE, 2000b). Um número

considerável de docentes da educação federal passou pelo programa, transferindo para suas escolas a ideologia comportamental empreendedora assimilada por meio da metodologia e das oficinas desenvolvidas no curso.

Os Projetos descritos são ações que demonstram o reconhecimento do governo brasileiro quanto ao valor e à importância do empreendedorismo na formação acadêmica e profissional do cidadão. São atitudes governamentais que só vêm enfatizar e validar o empreendedorismo como um caminho que precisa ser trilhado pelo jovem em sua vida acadêmica, uma prática que precisa estar impregnada na cultura educacional, um conhecimento que precisa fazer parte do currículo escolar de forma permanente e integrada ao ensino das demais disciplinas.

2.5. Empreendedorismo: um Tema Transdisciplinar, à Luz da Complexidade

Num mundo moderno, globalizado, em que a informação chega de todas as partes, de forma contínua, a capacidade de absorção dessas informações pelo ser humano se tornaria impossível, de maneira compartimentada, em blocos de conhecimentos.

Observa-se que uma mesma informação, quando repassada por diferentes meios de divulgação de mídia, é absorvida de forma natural, sem muito esforço e até de forma inconsciente, sem o peso da obrigação do ter que saber.

Sabe-se que a tradicional educação escolar é transmitida ao aluno por meio de blocos de conhecimentos. Na escola, ele é bombardeado por informações destiladas por professores de diversas disciplinas, de forma cansativa, estanque, fragmentada, em um espaço de tempo reservado àquele professor e àquela disciplina.

Santos (2008, p. 10) se refere à prática educativa atual, marcada pela fragmentação dos conteúdos e pelo descaso dos docentes com a prática transdisciplinar:

Na prática educativa moderna, os professores desconsideram o Princípio hologramático e o Princípio da Transdisciplinaridade, separando a parte do todo, dando um tratamento mecânico ao conhecimento. Os professores dedicam-se a explicações exaustivas em definições, conceitos, fórmulas e fazem uso da linguagem voltada para a racionalidade tecnocientífica. A fragmentação traz como consequência a idéia de neutralidade e objetividade do conhecimento. Com esse viés, o conhecimento referido em sala de aula perde sentido existencial ao não trabalhar a relação com o todo e como o sujeito do processo cognitivo.

Werneck (2007), afirma que a transdisciplinaridade é o mais alto grau de relações entre disciplinas, de maneira que chega a ser uma integração global, dentro de um sistema totalizador. Esse sistema facilita a interpretação, com o objetivo de constituir uma ciência que explique a realidade sem fragmentações.

Necessário se faz tornar a aprendizagem escolar mais prazerosa, menos obrigatória e mais natural, sem que seja simplesmente a tarefa de sentar num banco, com hora marcada, para se aprender cada coisa. Quem é que nunca ouviu de alguém a seguinte frase: “Puxa vida, eu não aprendi isso porque faltei àquela aula.” É necessário que os conhecimentos sejam desfragmentados e que se aprenda um pouco de tudo, em todas as aulas.

Morin (2004, p. 13) posiciona-se da seguinte maneira em relação à fragmentação do conhecimento:

Há inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas, e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidisciplinares, transnacionais, globais, planetários.
Em tal situação, tornam-se invisíveis:
- os conjuntos complexos;

- as interações e retroações entre partes e todo;
- as entidades multidimensionais;
- os problemas essenciais.

De fato, a hiperespecialização impede de ver o global (que ela fragmenta em parcelas), bem como o essencial (que ela dilui). Ora, os problemas essenciais nunca são parceláveis, e os problemas globais são cada vez mais essenciais. Além disso, todos os problemas particulares só podem ser posicionados e pensados corretamente em seus contextos; e o próprio contexto desses problemas deve ser posicionado, cada vez mais, no contexto planetário.

Ao mesmo tempo, o retalhamento das disciplinas torna impossível apreender “o que é tecido junto”, isto é, o complexo, segundo o sentido original do temo.

Os conhecimentos fragmentados apenas atendem a usos técnicos. Não são próprios e não conseguem conjugar-se para alimentar um pensamento capaz de considerar a situação humana no âmago da vida, na terra, no mundo, e de enfrentar os grandes desafios da época atual. Não se consegue integrar conhecimentos para a condução da vida. Assim, observa-se sentido na frase de Eliot: “Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento?” (MORIN, 2004).

Jamais se poderia falar em propriedade do saber. Nenhuma área do conhecimento é proprietária do saber. É, no máximo, encarregada, oficialmente, de uma maior responsabilidade pelo acompanhamento da construção de competências e habilidades baseadas nas concepções daquele saber. Porém, ao se falar em construção do conhecimento, todas as disciplinas servem a esse propósito e têm igual responsabilidade nessa tarefa.

Assim, no ambiente escolar, há que se trabalhar os conhecimentos de maneira integrada, em que a diversidade de assuntos e as variedades temáticas cheguem ao aluno por meio de todas as disciplinas, de forma transdisciplinar.

Para Santos, Santos e Sommerman (2008, p.7):

A transdisciplinaridade importa transgressão das fronteiras epistemológicas. Por isto mesmo requer dos docentes atitudes transversáveis e sua atuação nos diferentes níveis do real, tanto na dimensão dos opostos como no nível da articulação e diálogo entre saberes.

No contexto apresentado, o empreendedorismo, por envolver características de personalidade, emoção, práticas de determinados comportamentos e posturas atitudinais, surge, no universo educacional, como um tema aproximador e integrador das disciplinas, um poderoso e eficaz instrumento de propagação da ideologia transdisciplinar nas práticas escolares.

Da mesma maneira que se pode empreender em qualquer situação em que se vive, pode-se também se empreender no conjunto de disciplinas que se ensina, pois o que se destacam são práticas de ensino e atitudes educacionais ao alcance de todos os docentes, que podem ser difundidas no universo discente, unindo e desfragmentando os conhecimentos disciplinares.

Práticas docentes empreendedoras, entendidas em sua amplitude, situam o tema “empreendedorismo” no universo da transversalidade e da transdisciplinaridade, não havendo como contestar o seu caráter comunicativo e aproximador de todas as disciplinas do currículo escolar. É, por exemplo, perfeitamente possível, dentro dos trabalhos, tarefas e atividades de qualquer disciplina, que o aluno pratique e descreva comportamentos empreendedores praticados na realização de tarefas. São comportamentos como a persistência, a independência, a autoconfiança, o comprometimento, a busca de informações, a exigência de qualidade e de eficiência, o correr riscos, o estabelecimento de metas, a persuasão e a rede de contatos, que desenvolve o espírito empreendedor.

Transdisciplinaridade e pensamento complexo se relacionam, despontando como instrumentos capazes de promover a reorganização e a reelaboração do conhecimento, estabelecendo uma unidade entre todo o saber e primando pela tão necessária contextualização desses saberes. Assim, quanto ao fazer pedagógico, a tarefa de educar assume uma perspectiva globalizadora, conectando, unindo, interligando o conhecimento ao trabalho, à produção, ao fazer, ao sentir, à vida, a tudo e a toda a existência humana, numa ideologia empreendedora, entendida e situada no universo da complexidade.

Uma postura docente empreendedora, direcionada ao preparo de alunos empreendedores, exige a conjugação de atividades didáticas à prática de comportamentos empreendedores. Essa necessária união permite a rotação, a interação, a solidariedade das disciplinas em prol do ensino empreendedor e da melhor assimilação dos conteúdos. Tal processo beneficia a cada disciplina em si e leva cada disciplina a beneficiar a totalidade do processo de aprendizagem, evidenciando o empreendedorismo como conhecimento transdisciplinar, dentro do contexto da complexidade.

A inserção do empreendedorismo e da transdisciplinaridade no universo educacional aponta a necessidade de uma releitura e de uma reelaboração dos objetivos educacionais, que são exigências próprias do pensamento complexo.

Santos (2003, p.95) aborda o pensamento complexo como revelador de falhas no sistema educacional:

[...] O Pensamento complexo, além de mostrar a relevância dos problemas do dia-a-dia, coloca a necessidade de, com a mesma radicalidade, reescrever os fundamentos de alguns Objetivos Educacionais a serem perseguidos, contextualizado-os dentro das condições de vida da atual circunstância histórica. Na realidade, são os mesmos objetivos já familiares aos educadores. Enfocá-los, porém, por uma nova lente, provoca uma nova leitura e evidencia aspectos negligenciados.

O trabalho escolar direcionado ao desenvolvimento de comportamentos empreendedores nos discentes é um importante meio para se levar os atores do processo de ensino a enxergarem a organização curricular em sua complexidade, a compreenderem que os saberes de cada disciplina estão interligados, conectados, são complementares e se esvaziam se entendidos de forma isolada. Com essa ideologia, a escola empreendedora reorganiza o seu currículo, à luz da complexidade, para preparar cidadãos que estão inseridos em um mundo complexo.

Segundo Werneck (2007), neste mundo complexo, caótico, intenso, dialético, a escola empreendedora lida com a complexidade. Entre a linearidade e a complexidade, ela fica com a segunda opção. A idéia de se construir uma escola empreendedora é de que a educação modifica o ser humano, modifica o meio e acolhe as diferenças. Uma escola empreendedora cumpre as suas obrigações legais, mas está comprometida com o empreendedorismo. Uma escola empreendedora não trabalha apenas as matérias estabelecidas no currículo escolar, mas trabalha conteúdos extracurriculares, a lógica do mundo e as suas transformações, para preparar o seu aluno para o futuro desafiador e inevitável, que o aguarda.

Em uma escola empreendedora, há o desenvolvimento de projetos no lugar de disciplinas isoladas, aceitam-se as conexões entre pessoas, disciplinas e saberes. O professor, nessa escola, é muito mais um assessor do que aquele que reúne todos os saberes. Está sempre presente, orienta pesquisas, avança projetos, desafia e incentiva. Neste tipo de escola, os alunos entenderão que sempre existem possibilidades, que tudo está ligado a tudo, que não há treinamento de "monstrinhos", que os alunos trabalham em projetos e aprendem a organizar projetos. Se um professor tiver a intenção de trazer uma grande colaboração para os alunos, deverá desenvolver algo bem diferente: deverá procurar inteirar-se das questões que envolvem o pensamento complexo, pois são essas as questões que permitem e que incentivam a

construção do conhecimento através da organização de projetos e do desenvolvimento de centros de interesse (Werneck, 2007).

As práticas transdisciplinares empreendedoras transportam a aprendizagem para o território da emoção, pois o empreendedor é, antes de tudo, movido por estados emotivos e subjetivos, como o entusiasmo e a alegria sentidos pelas iminentes conquistas. Dessa forma, não se pode divorciar a emoção do processo de aprendizagem.

Santos (2003. p. 36) posiciona-se quanto à importância da emoção no processo de ensino:

As emoções acompanham o processo de ensino/aprendizagem e são a mola propulsora de um ensino criativo e renovador dos conhecimentos. A subjetividade é um elemento permanente das partes envolvidas. O pensar, o sentir e o atuar constituem uma unidade integrada, cada um deles leva ao outro, não há como separar, há uma interferência mútua.

O Empreendedorismo e a transdisciplinaridade, no ambiente escolar, figuram atualmente como instrumentos essenciais, indispensáveis à preparação do futuro profissional que será lançado no mercado de trabalho. Esses dois instrumentos mudam a pessoa. Têm a função e o poder de fornecer ao indivíduo as ferramentas necessárias à compreensão das formas de construção e de aquisição do conhecimento. Têm o poder de levá-lo a entender o mundo e o saber que nele existe, estando sempre apto a aprender e a reaprender os saberes necessários às suas práticas. A conjugação dos dois aspectos produz um ingrediente único, que integra e desperta no ser humano a força necessária à concretização dos seus objetivos, à idealização de suas pretensões, ao alcance e à conquista das suas metas e à superação dos desafios que encontrará ao longo da vida. E toda essa teia de saberes, de emoções, de comportamentos e de ações integram um todo harmônico e equilibrado, só compreendido sob a ótica do pensamento complexo.

Para que seja bem trabalhada a perspectiva apresentada, o professor e o aluno precisam ter uma postura e um perfil empreendedor, conforme será abordado nas seções seguintes.

2.6. O Perfil Empreendedor dos Agentes do Processo de Ensino-Aprendizagem

O aprendizado deve ser o fenômeno que prepara o indivíduo para a ação, para a realização e para o fazer. Uma boa educação deve buscar esse aprendizado. Na suposta direção desse processo, está o professor. Este, precisa utilizar a inteligência empreendedora na ação pedagógica, sendo capaz de construir e de fazer valer ferramentas que transformem o ato pedagógico em desafios permanentes. Para que essa inteligência aflore, o professor precisa buscar atitudes, habilidades e crenças, ou seja, criar uma rede de habilidades. Dessa forma, verifica-se que o professor empreendedor denota a introjeção de valores, atitudes, comportamentos, formas de percepção do mundo e de si mesmo, voltados para atividades em que o risco, a capacidade de inovar, de perseverar e de conviver com a incerteza são elementos indispensáveis para o sucesso do seu ato de educar (MARTINS *et. al.* 2008).

Se observam-se alunos desestimulados pelo aprendizado e descrentes no seu potencial de realização pessoal, necessita-se de instrumentos que venham a reverter esse quadro. Assim, enxerga-se, nas ações docentes e institucionais, a responsabilidade pela mobilização e pela motivação dos discentes para a construção do conhecimento. Considerando esse aspecto, a educação empreendedora urge por ser inserida no currículo escolar.

Os indicativos para a ação do docente de visão empreendedora, apresentados em “Formação Empreendedora na Educação Profissional”, elaborado pelo MEC/SEBRAE, 2000b), são:

- Situar-se como um docente;
- Conhecer o mundo dos criadores e dos empreendedores;
- Eliminar a pressão em relação ao conformismo;
- Reforçar a autonomia e a liderança dos estudantes;
- Ilustrar o ensino com exemplos da vida real, cultivar a imaginação;
- Levar o estudante a definir por si mesmo uma situação, um problema, uma visão;
- Habituar o estudante a identificar aquilo que lhe interessa, motivá-lo a aprender;
- Ser aberto à realidade circundante;
- Gerar ocasiões para levar o estudante a agir;
- Tornar-se um docente empreendedor.

O educador empreendedor procura desenvolver no jovem o espírito de autonomia, a capacidade de resolver problemas e de se desembaraçar sozinho dos percalços e das situações que irá vivenciar em sua trajetória de vida. E ensina dessa forma porque ele próprio age dessa forma, e não consegue se comportar, educar e existir dentro de outra concepção.

Para a Rede Pitágoras (2005), trabalhar o empreendedorismo na educação é não bloquear, no dia-a-dia da escola, o potencial empreendedor que os jovens têm consigo, ao se trabalhar com as pequenas e as grandes questões. Constam, ainda, nessa mesma publicação, as seguintes recomendações de ações e de atitudes, que podem ser utilizadas pelos docentes, para o desenvolvimento do espírito empreendedor nos alunos:

- Dê espaço para a criatividade. Procure estimular a quebra de pensamento linear. Uma boa idéia faz toda a diferença. Além disso, pessoas criativas são mais soltas, autoconfiantes e propensas à solidariedade.
- Dê espaço para o erro, pois não há aprendizado sem ele. Lide com o erro de maneira construtiva, transformando-o em oportunidade de melhoria.
- Dê espaço para o diálogo. Crie espaço para a exposição de relatos e sentimentos de seus alunos.
- Dê espaço para a emoção (sua e de seus alunos)
- Crie situações que fortaleçam o respeito mútuo, a colaboração e o exercício da empatia, eliminando todo e qualquer tipo de discriminação.
- Evite dar respostas prontas. Provoque nos seus alunos a busca de informações, o desejo de realizar algo por esforço próprio. Surpreenda-os com perguntas desafiadoras.
- Abandone a postura paternalista em sua relação com os alunos. Estimule a busca de condições para melhorias constantes.
- Valorize a experiência de cada um. Promova um ambiente que favoreça a auto-avaliação, o fortalecimento da auto-estima individual do grupo.
- Pense e replaneje em ação. Esteja atento aos fatores externos. A velocidade é enorme e a necessidade maior ainda! Portanto, é hora de ação! Provoque os alunos para perceberem essa realidade.
- Faça dos recursos tecnológicos um grande parceiro.
- Estimule a capacidade de análise crítica de seus alunos diante das situações que se apresentam, a fim de participarem das decisões que afetarão suas vidas.
- Crie espaço, em sua escola, para o protagonismo de seus alunos. Incentive-os a sonhar, criar e agir!
- Não descuide de suas próprias habilidades como educador. Vale destacar Makarenko, educador russo, que tão sabiamente diz: “O exemplo não é a melhor forma de ensinar, é a única”.

Não basta aos docentes terem idéias, é preciso transformá-las em resultados. Conforme afirma Martins *et. al.* (2008), para que os resultados apareçam, os docentes precisam acrescentar, em sua prática diária, requisitos como gostar de gente; conhecer seus

alunos; garantir o feedback; utilizar conflitos como oportunidades, negociação e solução de problemas; oportunizar a liberdade de expressão; estimular a parceria; conhecer e acompanhar as mudanças, analisando seus impactos; discutir a realidade dos alunos; ser um “agente de mudanças”; espírito de equipe; praticar a delegação responsabilidades; descobrir talentos; motivar; negociar; enfrentar desafios; correr riscos; não ter medo de errar; expor e discutir suas idéias; conhecer seus talentos e fraquezas; convencer-se de que não sabe tudo; acreditar que cada ação é uma oportunidade para o aprendizado; estar aberto a mudanças; ser audacioso; criticar sugerindo alternativas; comprometer-se com resultados; declarar guerra à burocracia, à acomodação, ao imobilismo; exercitar o potencial criativo.

Segundo Rocca (2008), bons educadores devem estimular e recompensar seus alunos por comportamentos e projetos calcados em persistência, disciplina, liderança e criatividade. Dessa forma, criam, acima de tudo, uma cultura de fazer muito com pouco.

Entusiasmar-se pelo que ensina suscita no aluno o desejo de aprender, convidando-o ao desafiante jogo da transformação. Essa é também uma das competências do educador no seu ofício diário na sala de aulas (Liberato, 2008, p. 6).

Outro aspecto que o docente deve considerar, enquanto empreendedor é primar pela sua auto-estima, pois um docente estimulado, acreditando no seu potencial e gostando do que faz estará sempre propenso à criatividade e terá sempre desempenhos significativamente melhores nas suas aulas.

Quanto aos discentes, destaca-se que, se o homem é um ser social, o aluno, sendo homem, é também um ser social. Ao ser denominado dessa forma, necessita, portanto, ser preparado para viver em sociedade e para empreender sua vida. Sendo empreendedor, em suas ações e práticas, o discente busca ferramentas para além da sua sobrevivência, busca cotidianamente instrumentalizar-se para atingir o seu sucesso, questiona a escola que lhe é apresentada, problematiza a realidade que lhe cerca. Posiciona-se dessa forma porque quer muito mais do que a simples informação que lhe é passada, muitas vezes, de maneira caótica, pelo professor. Ele quer ir além, quer instrumentalizar-se, para aproveitar essas informações, de forma a conectá-las com as suas necessidades de intervenção no mundo. O aluno de hoje quer a provocação, a interação, a reflexão, a motivação para a sua ação de “aprender”. Ele percebe, no mercado de trabalho, que o “modelo fordista” acabou. O adestramento cedeu lugar ao conhecimento. A educação passou a ser um ingrediente de produção, fundamental e valioso (MARTINS *et. al.*, 2008).

Observa-se significativa mudança de atitudes no aluno que conhece o conjunto de comportamentos empreendedores e entende que eles são praticados por todas as pessoas vitoriosas profissionalmente. O aluno reconhece que se encontra, em suas atividades diárias, já inserido na prática de muitos dos comportamentos, sentindo-se, pela utilização propositada e mais incisiva deles, estimulado a “aprender a aprender”, a estudar e a agir em direção às conquistas pessoais e profissionais. Esse estímulo permite que ele descubra o grande potencial de aprendizado e de realização que possui, mas que, até então, ignorava.

Organizar uma proposta pedagógica comprometida com o empreendedorismo faz com que seja necessária a adoção de estratégias que favoreçam e incentivem, no aluno, atitudes e posturas como: autonomia, iniciativa, autovalorização, ética, criatividade, cidadania, liderança, diálogo, participação, desenvolvimento de projetos, resolução de problemas, boa utilização da informação e dos recursos, inovação e pioneirismo (REDE PITÁGORAS, 2005).

A formação do empreendedor é mais uma questão de atitude quanto à maneira de ensinar o que já está definido. Ela deve dar ênfase ao desenvolvimento de maneiras de pensar, deve orientar sobre o desenvolvimento de capacidades imaginativas que levem o estudante a desenvolver um perfil que lhe permita articular suas visões, controlar melhor seu progresso, aprender a gerir seu sistema de relações, identificar suas maneiras de operar, que permitam utilizar melhor suas energias e explorar sua razão de ser. Caso isso não aconteça, os

estudantes não terão um nível de autonomia suficiente. Esperarão muito até conseguirem emprego. Não aprenderão a definir o que lhes interessa. Não adquirirão a convicção de que cabe a eles a definição daquilo que consideram interessante para si. Não adquirirão uma cultura empreendedora (MEC/SEBRAE, 2000b).

É necessário que, nas escolas, o aluno seja preparado para saber construir o seu próprio conhecimento, estando em condição de criar estratégias de estudo e de aprendizado que lhe possibilitem trilhar caminhos pessoais mais rápidos, mais prazerosos e mais eficazes, para o alcance de suas metas.

Com relação à aquisição do conhecimento, Dolabela (1999, p. 114) diz que “Um traço marcante do empreendedor é sua capacidade de desenvolver métodos próprios de aprendizado [...]”. Nessa mesma perspectiva, Werneck (2007, p. 29) afirma que “Uma escola empreendedora deverá ser flexível. Um aluno ao seu final estará muito mais bem preparado para a vida e, para a satisfação de todos, passará nos mais difíceis vestibulares porque estudou com mais atenção por estar motivado [...]”.

O ensino empreendedor, além de oferecer oportunidade de realização pessoal, estimula atitudes nobres no discente, levando-o a pensar em si e na coletividade, contribuindo com o desenvolvimento do país (REDE PITÁGORAS 2005). É necessário ganhar o aluno para a educação por meio de trabalhos com projetos, por meio de atividades que fujam da rotina, que fujam do convencional e do previsível, que levem o discente à construção de competências instrumentais úteis, que o direcionem para o exercício da criatividade, da inovação, da coragem, da busca, da emoção e do sonho.

Quanto à necessidade e à importância do desejar, do querer e do sonhar, na formação acadêmica do jovem, Souza (2008, p. 2) assim se refere:

Além das competências técnicas e instrumentais, o jovem deve ter a capacidade de sonhar. O sonho do jovem deve ser aquele estruturante, com a energia, a emoção, capaz de impulsioná-lo, ao transformar-se em algo concreto, em um projeto de ação, em outros termos, em um empreendimento. O elemento não-racional, a emoção, tem o sentido da crença, da fé que o jovem deve ter em sua capacidade de sonhar e concretizar suas aspirações, a fim de conquistar sua auto-realização. Dessa forma, induz o jovem a acreditar que terá condições de assumir a responsabilidade pela construção de seu próprio destino. Como empreendedor, atuando de forma autônoma, o jovem não estará mais na situação de refém das escassas oportunidades de emprego, pois deverá tornar-se um identificador de oportunidades, promotor de ações efetivas e inovadoras em prol do desenvolvimento econômico e da criação de novos postos de trabalho.

Dolabela (2003) aborda a pedagogia empreendedora e o sonho, declarando que, ao formular o sonho e ao buscar a sua realização, o aluno coloca-se como um aprendiz de si mesmo, constrói sua relação com o outro e exercita sua capacidade de agir, o que lhe propicia a condição de construir sua própria vida.

É esse o perfil acadêmico que se espera: um perfil empreendedor. É esse o perfil profissional que se espera do jovem: sempre propenso à aquisição do saber e a dar direcionamento à própria vida. É essa a contribuição que se espera do profissional: a consolidação de uma sociedade melhor.

2.7. Estímulo Empreendedor: Elemento Fundamental para o Aprendizado Escolar

A educação empreendedora é essencial para o desenvolvimento de um país, nos aspectos sociais, humano, técnico, científico e econômico. A motivação é uma característica que permeia todas as outras características de comportamento empreendedor. Quem não está motivado, não se entrega ao conhecimento e não tem a sua personalidade afetada pela “magia” empreendedora, não se deixa ter acesso a esse poderoso instrumento, fundamental

para a inserção do homem no mercado de trabalho e para que ele se mantenha atualizado, vivo e atuante no setor produtivo.

De acordo com MEC/SEBRAE (2000b), uma educação empreendedora é determinante para motivar o jovem a adquirir uma atitude de busca, de senso crítico e de interesse por tudo aquilo que o cerca, levando-o a identificar oportunidades, a avaliá-las e a ser condutor do seu próprio destino. O empreendedor gosta de aprender, mas só aprende quando identifica um interesse. Vários empreendedores estudados já disseram, em entrevistas, que abandonaram a escola ainda jovens porque nada aprendiam de interessante. É preciso levar os alunos a definirem o que querem, os temas que lhes interessam, porque é esse o incentivo necessário para investirem seus talentos e suas energias. Considerando esse aspecto, pode-se dizer que o modelo de educação tradicional deve adequar-se à formação de empreendedores que nunca sejam condicionados à passividade.

Chér (2008, p. 37-38) assim se expressa com relação ao desejo de empreender:

Aqueles que sentem forte desejo de realização como decorrência de suas visões de futuro – ou até inspirados por elas – sairão com vantagem sobre os demais. De qualquer forma, é possível desejar empreender antes de ter algo específico em vista. O desejo de realizar mobiliza a pessoa na direção de empreender por conta própria, mesmo que a oportunidade ainda não esteja clara e formada [...]

Ao receber o estímulo empreendedor e contagiar-se pelo “germe” do “querer fazer” e do “ser capaz de fazer” o próprio aluno terá condição de se mobilizar e de reconstruir permanentemente o seu perfil empreendedor, adaptando-se ao perfil exigido pelo mercado em constante transformação, pois terá aprendido a aprender, será agente na construção do seu próprio conhecimento e estará apto a substituir habilidades e competências que já possui por outras demandadas pelo mercado de trabalho ou a agregar novas competências e habilidades àquelas que traz consigo.

Existem quatro pilares que orientam a educação do presente - conhecer, fazer, ser e conviver – assim, há a necessidade de se acrescentar um quinto pilar: “aprender a empreender”. Nesse sentido, a conduta empreendedora desperta no indivíduo a energia motivacional e, conseqüentemente, favorece a ação para o “aprender a ser”, “aprender a conhecer”, “aprender a fazer”, “aprender a conviver” (REDE PITÁGORAS, 2005).

As pessoas que têm o espírito empreendedor gostam de aprender, sabem que para fazer o que querem devem aprender. Mas para aprender, elas têm necessidade de identificar um interesse, alguma coisa que as motive e sobre a qual possam empreender uma aprendizagem concreta (MEC/SEBRAE, 2000b).

Dolabela (1990) afirma que, segundo pesquisas, o empreendedorismo oferece elevados graus de realização pessoal. Pelo fato de exteriorizar aquilo que se passa no interior do indivíduo, a atividade empreendedora faz com que trabalho e o prazer andem juntos.

É necessário que os agentes, dirigentes do processo de ensino, viabilizem condições e práticas situacionais que levem o aluno a se sentir motivado. Com relação à motivação para o aprendizado, assim Libâneo (1994, p. 253) se manifesta:

A motivação dos alunos para a aprendizagem, através de conteúdos significativos e compreensíveis para eles, assim como de métodos adequados, é fator preponderante na atitude de concentração e atenção dos alunos. Se estes estiverem envolvidos nas tarefas, diminuirão as oportunidades de distração e de indisciplina.

Sasso (2008, p. 1) se posiciona com respeito à vontade na atividade profissional, afirmando que a arte continua de se alimentar de vontade e coragem é o verdadeiro desafio da vida:

O difícil da vida profissional não está nas salas de aulas, nos treinamentos, mas na arte contínua de se alimentar de vontade e coragem, desafiando o que ainda é desconhecido, pois a matemática fixa os fundamentos contábeis para os resultados, mas nem de longe prevê o que teremos que ser e fazer para desenvolver as variáveis adequadas que alavancarão a sua composição.

O estímulo para o estudo e para o aprendizado é imprescindível ao raciocínio, à criatividade, à consolidação do espírito empreendedor e ao desenvolvimento pleno da educação escolar. A construção desse estímulo deve ser motivo de preocupação e de busca permanente da escola.

A preocupação apresentada é tão latente que os “Parâmetros curriculares nacionais do ensino médio”, elaborados pelo MEC/SEMTEC (2002), reconhecem que a capacidade de abstração, de raciocínio, de criatividade, de curiosidade, de resolução de problemas diversos, de trabalhar em equipe, de disposição para procurar e aceitar críticas, de disposição para o risco, de desenvolvimento do pensamento crítico, de saber comunicar-se, de buscar conhecimento, cada vez mais, faz-se necessária na formação do aluno.

Ter alunos estimulados, motivados, dispostos a aprender, que acreditam que são capazes de aprender e que acreditam que seus esforços são importantes para adquirir o saber é fundamental no processo de formação do caráter discente. Haja vista que a disposição, o querer aprender, o anseio por aprender precedem o próprio aprendizado. Estes são ingredientes sem os quais se torna impossível a concretização do processo de aquisição do conhecimento.

Diante do exposto, espera-se que esta pesquisa possa contribuir com a identificação do desestímulo dos alunos investigados pelo aprendizado. Espera-se também que o trabalho colha dos docentes a sua crença no ensino empreendedor como instrumento capaz de levar o discente à construção do tão necessário estímulo.

2.8. A Importância do Empreendedorismo na Escola

A evolução tecnológica e as profundas transformações sociais que vêm ocorrendo no mundo do trabalho impõem novas exigências aos profissionais. O mundo é diferente, as formas de trabalho são diferentes, a vida é diferente. Dessa forma, há necessidade de se educar o homem de uma maneira diferente daquela com a qual vem sendo educado há décadas. Assim, a escola, que tem imensa responsabilidade na preparação desse homem para a vida e para o trabalho, não pode virar as costas e ignorar o seu papel. Precisa se adequar. Precisa se reciclar. Precisa acompanhar a evolução e as inovações advindas da era da informação. Precisa se atualizar sempre, para fornecer sempre uma educação válida, útil, atual e transformadora.

Gohn (1999) afirma que a Educação tem sido proclamada como uma das áreas-chave para enfrentar os novos desafios gerados pela globalização e pelo avanço tecnológico, na era da informação.

Sabino, Freitas e Dalto (2008) declaram que é necessária a elaboração de um trabalho prático e real, que viabilize a identificação alternativas e de espaços neste contexto e que permita uma diferenciação, uma transformação, um resgate do humano como sujeito da sua história. Afirma que cabe às agências formadoras oportunizar situações para que o aluno construa conhecimentos, com sólida função científica e tecnológica, que o preparem e o ajudem a encontrar “o seu trabalho”, dentre as múltiplas alternativas oferecidas pelo atual “mundo do trabalho”, e que permitam a sua inserção no “mundo da vida”.

A sociedade contemporânea e a futura, nas quais irão atuar as gerações que agora entram e que já estão na escola, requerem um novo tipo de profissional em todos os setores econômicos, com ênfase na necessidade de competências múltiplas do indivíduo, no trabalho

em equipe, na capacidade de aprender e de adaptar-se a situações novas. Para sobreviver nessa sociedade e integrar-se ao mercado da era moderna, o indivíduo precisa desenvolver uma série de capacidades novas: autogestão (capacidade de organizar seu próprio trabalho), resolução de problemas, adaptabilidade e flexibilidade diante de novas tarefas, assumir responsabilidades, aprender por si próprio e constantemente trabalhar em grupo (BELLONI, 1999).

Para que a escola forneça uma educação que prepare um cidadão com esse perfil, necessita enxergar além dos seus muros, entender as exigências do setor produtivo e adequar-se às demandas profissionais encontradas. Tais atitudes da escola envolvem o entendimento e a mudança de comportamento de seres humanos, de pessoas que estão na direção do processo educativo e que, inclusive, não foram educados com os padrões de ensino que precisam oferecer.

Liberato (2008) registra que a escola, espaço de vida, socialização e formação dos jovens, como instituição promotora da educação, tem, inserido nela, o professor, agente determinante na construção dos saberes e das novas competências, cabendo-lhe a missão de preparar esses jovens para uma nova era, que não é mais a do pleno emprego, e que exige outros referenciais na direção do trabalho e da cidadania.

Aponta-se a necessidade de uma mudança comportamental, que leve os profissionais da área de educação a entenderem a necessidade de uma outra escola, cujo trabalho não seja pautado apenas no atendimento das exigências curriculares impostas pelo sistema, como se todos trabalhassem como seres autômatos, desprovidos de vontade própria e de autonomia.

Fala-se de uma instituição em que professores e alunos, de forma solidária, construam um envolvimento real nas atividades desenvolvidas no cotidiano escolar. Atividades que fujam à obrigatoriedade da aula expositiva, e que inundem a vivência dos alunos com oportunidades de exercer competências, habilidades e comportamentos que serão exigidos deles, em situações futuras e reais, na vida e no mercado de trabalho.

No contexto apresentado, estudiosos da área de educação e educadores em geral têm sinalizado para a inserção do empreendedorismo na escola, têm apontado a disseminação da cultura empreendedora, no universo discente, como poderoso instrumento de transformação e de ascensão social, destinado a promover a educação ideal.

O tema empreendedorismo é encarado com tanta importância no mundo atual que Timmons (*apud* DOLABELA, 1999) o entende como uma revolução silenciosa, que será para o século XXI, mais do que a revolução industrial foi para o século XX.

Werneck (2007, p. 32) afirma que “educar para empreender é o imperativo do momento”. Souza (2008, p. 1) também fala sobre a importância da aplicabilidade do discurso empreendedor na vida do jovem, situando-o, no cenário econômico, como agente transformador:

As proposições do discurso empreendedor destinam-se a todo e qualquer personagem presente no mundo do mercado, mas recentemente se dirigem, de forma contundente, a um público específico, os jovens.

Nesse discurso, o jovem empreendedor deve ser o motor da economia, um agente de transformação, dentro e fora das organizações. É o indivíduo adequado para a competitividade, ajustado ao novo regime de acumulação capitalista, portador de qualidades como flexibilidade, independência, inovação. É aquele que assume riscos e busca realizar seus sonhos de ascensão e mobilidade social.

Empreendedorismo, educação e revolução – uma tríade que parece configurar a ordem do momento, um caminho que é apontado, cada vez mais, como necessário e obrigatório, caso se pretenda chegar a um lugar melhor, caso se pretenda acompanhar, junto com o mundo, os caminhos que levam ao futuro.

Quando se fala em inserção do empreendedorismo na escola, está-se falando em propagação da necessária cultura empreendedora no universo educacional, direcionada ao benefício de toda a sociedade, o que se observa no dizer de Liberato (2008, p. 2):

Educação Empreendedora. Sua idéia básica é fazer chegar ao jovem da escola pública a cultura do empreendedorismo, através de uma proposta pedagógica voltada para a formação de competências que resultassem em desempenhos geradores do crescimento pessoal e profissional, contribuindo para o desenvolvimento sócio-econômico do Estado, favorecendo a inclusão social e o desenvolvimento local e regional.

Pereyra, *et. al.* (2003, p 141) também reconhecem a propagação do empreendedorismo na escola como algo que beneficiaria a toda a sociedade:

Se promovermos em nossas crianças, nossos técnicos e futuros profissionais o comportamento empreendedor, estaremos fazendo com que cada vez mais atores sociais contribuam com o desenvolvimento das comunidades, visando uma sociedade empreendedora.

A literatura que versa sobre o assunto apregoa que a instituição educadora não pode caminhar avessa ao empreendedorismo, não pode abrir mão da construção de comportamentos empreendedores em seus alunos e de usar esses comportamentos como fundamental e poderoso instrumento no processo de construção do conhecimento. Declara, ainda, que cabe à escola reconhecer e trazer para si a responsabilidade de promover uma educação empreendedora, de fornecer aos jovens instrumentos que facilitem a sua entrada no mercado de trabalho.

Rede Pitágoras (2005) aponta que o processo educacional necessita ser conjugado ao empreendedorismo. É imperioso que se crie uma educação empreendedora para todas as áreas da atividade humana e que seja expandida pela figura do educador-empreendedor ou do empreendedor-educador. O empreendedor é alguém capaz de fazer algo por esforço próprio e de promover mudanças, por isso, nunca o empreendedorismo precisou tanto da educação e nunca a educação precisou tanto do empreendedorismo. O desafio é oferecer uma educação empreendedora que sirva a todos os alunos, para que sejam competentes em empreender suas próprias vidas e constituir uma nova sociedade empreendedora. É através da educação que o empreendedorismo brasileiro pode sair ganhando. É através do empreendedorismo na escola que a educação brasileira pode sair ganhando enormemente.

A introdução do empreendedorismo no currículo escolar visa, a princípio, disseminar a cultura empreendedora na escola, discutindo a importância do empreendedor no ambiente escolar e a necessidade de inovação nesse ambiente. Essa atitude passa por capacitar e orientar os docentes para o trabalho focado na competência empreendedora, com a execução de projetos conjuntos (REDE PITÁGORAS, 2005).

Souza (2008, p. 4) também comenta a perspectiva da educação empreendedora na vida do cidadão:

[...] a perspectiva da educação empreendedora está ancorada nas orientações da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, que confere à educação a missão de dotar o indivíduo da capacidade de tomar o destino em suas mãos e contribuir para o progresso da sociedade. Esse princípio deve apoiar-se no fomento à iniciativa, no espírito empreendedor dos indivíduos, que se acredita seja a melhor alternativa para os países em desenvolvimento alimentarem o seu desenvolvimento endógeno.

Não há como contestar o desafio com o qual a sociedade se defronta e a tarefa que a escola tem de assumi-lo. É fato que as rápidas e constantes modificações na vida do homem fizeram surgir a necessidade de um novo ensino, da busca de instrumentos e de formas de educar, que permitam ao homem viver e acompanhar a evolução das coisas, no novo mundo que ele mesmo criou. Nesse contexto, a escola não pode se esquivar. Não pode fugir à responsabilidade. Precisa acreditar no empreendedorismo e adotá-lo no seu dia-a-dia.

Pereyra *et. al.* (2003) afirmam que se foi possível preparar o estudante para ser empregado, conforme métodos padronizados de ensino, é possível ensinar-lhe a ser empreendedor.

Zabala (2002) afirma que não se pode aceitar nenhuma forma de aprendizagem que não seja a mais significativa possível.

Martins *et. al.* (2008, p. 2) assim retrata a escola empreendedora:

Escola empreendedora é aquela que se vale de uma rede de relações – os alunos, os professores, os gestores, os administrativos e a sociedade – na busca de sua significação neste cenário de mudanças. É aquela que se pauta por um discurso inovador, capaz de preparar pessoas que assumem, que controlam a responsabilidade sobre seu próprio processo de aprendizagem, que compreendem, representam, planejam, revisam formas, detectam e corrigem seus próprios erros na busca de resultados qualquer que seja o empreendimento.

Se vive-se a era da globalização, tudo está conectado. A mudança de uma peça no “tabuleiro da vida” pede que se reestruturem todas as outras peças. Se o mundo foi mudado, é necessário que se ensine a escola a mudar o homem, para que continue a viver bem nesse mundo.

Observa-se que a escola prende-se à didática tradicional, com seus padrões de ensino pré-concebidos e “empacotados”, em que o mesmo conhecimento acadêmico é repassado ano a ano e a aprendizagem é testada nos mesmos moldes. Se a resposta do aluno se encaixa no molde, está aprovado, caso contrário, fica retido, independente de quem ele seja e da bagagem que traz consigo. Assim, o meio acadêmico acaba por reprimir potenciais empreendedores, que se retraem, sufocando, reprimindo e sepultando comportamentos e idéias, quem sabe, pioneiras e inovadoras.

Santos (2003, p. 34) assim se manifesta a respeito da escola tradicional:

Na educação, o padrão de ensino tem sido o de não questionar, acatar passivamente a autoridade, acreditando-se na certeza da verdade professada. Exige-se a memorização e a repetição. É a pedagogia dos resultados e do conteúdo. Punem-se as tentativas de liberdade e de expressão.[...].

Perrenoud (apud SANTOS, 2003, p. 78) assim se manifesta sobre a educação escolar:

A educação deve superar a idéia de que os alunos são todos iguais e a suposição de que as pessoa aprendem nos mesmos moldes e em iguais condições, que elas aprendem as mesmas coisas com um mesma metodologia, um ensino sincronizado com os cortes de números de horas e de semestres e a atuação docente transformada em fórmulas e receitas [...].

Em Rede Pitágoras (2005, p. 43), fica evidente a concepção necessária ao funcionamento da escola e a importância do ato de empreender:

“Não é mais possível conceber uma escola que insista em colocar seus alunos em uma redoma, esperando respostas que se adaptem a expectativas próprias. É preciso

tirar da redoma os professores, os alunos, a metodologia de trabalho, a escola como um todo. É preciso empreender!”

Empreender para a cidadania, a colaboração, o amor, a felicidade, a sensibilidade e, a partir daí, empreender para gerar riquezas materiais. Precisamos trabalhar a geração de riquezas de espírito. A riqueza material vem como consequência! Em tempos de violência, e muitos desacertos, isso não é modismo, é sobrevivência!

Pensar em desenvolver uma proposta empreendedora é pensar no abandono das formas tradicionais de ensino e da passividade dos alunos. É pensar na adoção de um processo de aprendizagem ativo, que leve aos alunos situações da vida real e propicie a eles a busca de soluções reais.

Em “Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico”, elaborados pelo MEC (2000a), consta que a revolução tecnológica e a reorganização do trabalho exigem uma completa revisão dos currículos da educação básica e da educação profissional. Uma vez que se exige dos trabalhadores, de forma crescente, maior capacidade de raciocínio, autonomia intelectual, pensamento crítico, iniciativa própria, espírito empreendedor, capacidade de visualização e de resolução de problemas.

O grande desafio do mundo moderno é o de qualificar tecnicamente o trabalhador a partir de uma metodologia que se desvincule da concepção tradicional de capacitação, até então baseada nas demandas da formação profissional direcionada para o “aprender a fazer e fazer para aprender” por outra que permita “aprender a aprender” (MEC, 2000a).

É essencial considerar que a escola precisa preparar indivíduos empreendedores, que estejam em condição de aprender e de renovar os seus conhecimentos por toda a vida. O cidadão precisa ter competência e habilidade para reciclar-se e para renovar-se sempre, pois é isso que o mundo do trabalho, em constante transformação, exige do profissional.

Com relação à necessidade permanente de renovação e da aquisição de novos conhecimentos no mundo do trabalho, Ducker (2008), afirma que, na sociedade tradicional, acreditava-se que o aprendizado chegava ao fim com a adolescência ou com a idade adulta. O que não se havia aprendido até esse período não se aprenderia mais. Os sistemas de educação e as escolas são ainda, baseados nessas suposições. Porém, a suposição correta, em uma sociedade empreendedora, é de que os indivíduos precisarão aprender coisas novas bem depois de adultos e, quem sabe, até mais de uma vez. Supõe-se que o que aprenderam, até o início da vida adulta, ficará obsoleto em pouco tempo e terá que ser substituído, ou, pelo menos, renovado, por novas habilidades e novos conhecimentos. Assim, o surgimento da sociedade empreendedora apresenta-se como um ponto crucial na história.

Delors (2001, p. 89-90) manifesta-se sobre a necessidade permanente de aquisição de conhecimentos por parte do ser humano e sobre as aprendizagens escolares fundamentais, que atuariam como suporte para a construção desses conhecimentos:

Não basta que cada qual acumule no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimentos de que se possa abastecer indefinidamente. É, antes, necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer esses conhecimentos, e de se adaptar a um mundo em mudança.

Para poder dar respostas ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais, que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo, para cada indivíduo os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente, aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta.

Reconhecer o empreendedorismo como sendo importante para a formação profissional e para a vida é muito pouco, é quase nada. Fazem-se necessárias atitudes reais e concretas, direcionadas a sua inserção no cotidiano escolar e na vida do homem. Porém, a tarefa não é tão simples, pois passa por uma mudança cultural, por uma mudança de paradigmas na prática docente e pela quebra da resistência da comunidade escolar quanto à inserção do novo.

Segundo Ducker (2008), as instituições de serviço público precisam ser tão empreendedoras e inovadoras quanto qualquer negócio. As rápidas mudanças na sociedade de hoje, na tecnologia e na economia constituem, ao mesmo tempo, uma ameaça ainda maior e uma oportunidade ainda maior. No entanto, as instituições acham difícil inovar. A maior parte das inovações é imposta às instituições por quem está fora delas. As forças que impedem o empreendedorismo e a inovação numa instituição são próprias dela e integram-se a ela.

A função da escola é gerar nas pessoas condições para que desenvolvam competências e habilidades que estimulem a identificação de oportunidades e de interesses, transformando sonhos e visões em projetos executáveis. Acontece que a lógica dos educadores não foi desenvolvida para formar empreendedores, mas, sim, para formar pessoas que vão desempenhar papéis já definidos nas organizações (MEC/SEBRAE, 2000b).

Moran (2008, p. 1) afirma que “Ninguém dá o que não tem, a maioria dos educadores foi formada para reproduzir o conhecimento e não para inovar, a inovação requer mudança de cultura [...]”. Contudo, dificuldades jamais podem perdurar como empecilhos, haja vista a máxima de que “toda mudança é objeto de resistência”.

Para que o docente adquira subsídio pedagógico empreendedor e insira o empreendedorismo em suas aulas, é necessária a introdução de uma política pedagógica empreendedora na escola. É necessário haver uma prática pedagógica empreendedora, que abre espaço para o sonho, para a liberdade e permite ao aluno o controle do processo de aprendizagem. Deve-se manter o foco de que a educação empreendedora é determinante para desenvolver o potencial empreendedor do jovem e que não se trata de formá-lo para que simplesmente desenvolva um negócio. Antes disso, trata-se de motivá-lo a adquirir uma atitude de busca, de senso crítico, de interesse por tudo aquilo que o cerca, permitindo que identifique oportunidades, avalie-as e as coloque em prática, para que possa ser condutor de seu próprio destino.

Desconsiderar o empreendedorismo na formação dos novos cidadãos, que são os futuros propulsores do processo produtivo, é mergulhar na alienação. Desvincular a escola desse processo é “tirar o seu chão”, porque o nível de desenvolvimento econômico está ligado ao nível de escolaridade, tornando o mercado de trabalho cada vez mais exigente em termos de autoconhecimento, espírito criativo e capacidade empreendedora (MEC/SEBRAE, 2000b).

De certa forma, os educadores não têm escolha: é necessário formar os jovens em condição de se assumirem por si mesmos, como empreendedores das suas vidas. O empreendedorismo não é uma alternativa a ser acalentada em caráter experimental. É uma possibilidade concreta de reestruturação e de transformação da educação escolar, fundada em justificativas pertinentes, concretas e vigorosas.

Dolabela (1999) apresenta uma série de razões para o ensino do empreendedorismo: a tradição do ensino, de formar empregados não é mais compatível; exige-se, hoje, mesmo para aqueles que serão empregados, um alto grau de empreendedorismo; a metodologia do ensino tradicional não é adequada para formar empreendedores; as instituições de ensino do Brasil estão distanciadas das entidades das quais os cidadãos dependem para sobreviver; os valores do ensino no país não sinalizam para o empreendedorismo; o empreendedor é alguém comprometido com a comunidade e com forte consciência social, a sala de aula é um excelente local para o debate desses temas.

No entendimento de Werneck (2007, p. 99), “[...] Se uma escola não for empreendedora, não poderá afirmar que prepara para a vida”. Portanto, como afirma Dolabela

(2008b), o ensino do empreendedorismo deve ser introduzido na educação formal, da pré-escola à universidade. Justificativas, para isso, podem ser amparadas na necessidade da presença do empreendedor em todas as áreas - o que é essencial para o desenvolvimento humano, social e econômico - e também na capacidade empreendedora - que é um requisito dos tempos modernos, para qualquer atividade e sob qualquer relação de trabalho, estando relacionada à ação nas artes, na ciência, no governo e na política.

Com relação ao início do processo Werneck (2007, p. 90) acrescenta:

Por onde começar? Pelo estudo do que vem a ser empreendedorismo. Toda a comunidade escolar precisará saber que teoria é essa e como se pode praticar seus princípios básicos. Isso demandará cursos, conferências, leituras e estudos até que a própria comunidade escolar entenda a necessidade de fazer um projeto comum e desenvolvê-lo [...].

É isso: para se ensinar de uma maneira diferente, é preciso capacitar, de uma maneira diferente, aquele que ensina. Assim, a grande mudança nos paradigmas e na prática escolar começa pela capacitação dos educadores, pelo aprender a desaprender para poder reaprender.

Paim (2001, p. 8) também comunga com esse pensamento:

A grande jornada inicia-se na capacitação dos educadores, no aprender a desaprender, na mudança do paradigma educacional. Só consegue absorver novas idéias e pô-las em prática quem está receptivo. Para que mudanças aconteçam, precisa-se estar desarmado e em busca de novas soluções. Para a condução desse novo profissional, faz-se necessária a busca de novas estratégias metodológicas e a reestruturação curricular [...]

E a implantação do empreendedorismo na escola não pode mais esperar, porque o mundo não espera, a tecnologia não espera, as novas demandas sociais não esperam. O professor ficará para trás, os alunos ficarão para trás e a educação escolar ficará para trás, se não agir já, se continuar a dormir o sono pedagógico da resignação.

Não são apenas os grandes educadores e estudiosos do assunto que sugerem essa nova forma de ensino, que apontam mais uma promessa de mudança na prática docente e institucional, como muitas outras surgidas ao longo da história da educação. É o mundo do trabalho que clama por uma atitude, que tem nome e endereço certo: empreendedorismo.

A partir do momento em que a comunidade escolar entende a importância do empreendedorismo em suas ações e se encontra sensível à proposta, faz-se necessário o estabelecimento de diretrizes institucionais a serem seguidas para a implementação dos trabalhos e a indicação de estratégias direcionadas à viabilização das práticas.

Ducker (2008) apresenta-nos, como diretrizes empreendedoras necessárias em uma instituição, uma clara definição de sua missão, com a criação de programas e projetos; uma declaração explícita de metas; o entendimento do malogro em alcançar objetivos como indício de que o objetivo está errado ou definido erradamente; e diretrizes e práticas para a busca constante de oportunidade inovadora, enxergando-se a mudança como oportunidade e não como ameaça.

Dolabela (1999) apresenta, dentre as sugestões para inserir o aprendizado do empreendedorismo na educação, o ensino do empreendedorismo para todos os níveis educacionais, o estímulo à pesquisa na área de empreendedorismo e a implantação de políticas públicas de legislação de apoio.

A novidade está nos educadores dominarem as formas de incorporar ao processo de aprendizado elementos como emoção, o conceito de si, a criatividade, o não-conformismo, a persistência. Esta é a proposta de aprendizado do empreendedorismo que deveria estar

inserida em todos os conteúdos formativos e nos programas de ensino de todos os níveis e áreas (DOLABELA, 1999).

Para se conceber uma escola empreendedora, será necessário desconstruir muitos conceitos de estrutura e de docentes e adotar outras formas de aprender que privilegiem o ato de empreender. Essa atitude exige compromisso e muito trabalho, visto que nem a sociedade, nem os dirigentes e nem os educadores estão preparados para mudanças bruscas de paradigmas (WERNECK, 2007).

Moran (2008, p. 1) faz a seguinte declaração quanto à forma de inserção da cultura empreendedora na escola:

[...] É necessária mais parceria entre a escola e a empresa. Trabalhar mais com projetos e incentivar o aluno que tem vontade de arriscar a desenvolver o empreendedorismo. O foco para a mudança é desenvolver alunos criativos, inovadores, corajosos. Alunos e professores que busquem soluções novas, diferentes, que arrisquem mais, que relacionem mais, que saiam do previsível, do padrão.

O local ideal para se trabalhar o empreendedorismo é realmente a escola e o instrumento propício para esse trabalho são mesmo os projetos, como afirma Gomes (2008, p.1):

É na escola que devemos incutir e incentivar os alunos para uma nova atitude. Os nossos alunos precisam estar preparados para um futuro diferente, onde a criatividade, a inovação e uma atitude positiva perante as dificuldades serão a alavanca para o sucesso.

Para que os alunos consigam mais facilmente realizar os seus sonhos não basta apenas a conclusão de um curso. Cada vez mais aumenta o número de licenciados desempregados. Sair da universidade e encontrar emprego já não é para todos, por isso precisamos de pessoas mais empreendedoras, capazes de ter idéias e concretizá-las. O sucesso de cada cidadão define-se por um espírito empreendedor, de cooperação e de liderança.

Torna-se premente agirmos, torna-se urgente sensibilizarmos os estudantes para este fato. É importante prepararmos os nossos jovens para uma atitude mais ativa e mais atuante. A escola é o local propício ao desenvolvimento de competências e atitudes empreendedoras. O empreendedorismo pode ser ensinado através de atividades e conferências que sensibilizem e motivem o aluno para a ação, tornando-se uma pessoa mais participante no seu meio.

Na escola, a Área de Projeto é o espaço propício ao desenvolvimento de competências e capacidades que caracterizam um empreendedor. É um momento que pode ser ocupado com a criação de produtos novos, de protótipos, ou de novas experiências. Pode ser dedicado ao debate e à defesa de idéias. É o espaço adequado e recomendado ao desenvolvimento de projetos.

Com relação ao trabalho da escola, a Rede Pitágoras (2005) afirma que a complexidade do mundo moderno e a globalização exigem do processo educativo a promoção e a construção de novos conhecimentos, habilidades, competências e valores, que desenvolvam o potencial empreendedor nos alunos. É preciso que a escola se reorganize e reveja seus objetivos, passando a trabalhar para a construção de competências que promovam conquistas e realizações. Faz-se necessária uma educação que gere no educando autonomia, emoção, valoração, iniciativa e ação para empreender sua vida. Faz necessária uma educação que esteja a serviço da sociedade e comprometida com a construção de uma vida digna para todos. E, para que esse ideal seja alcançado, faz-se necessário que o projeto pedagógico da escola contemple a as competências e habilidades empreendedoras na formação dos educandos.

Rocca (2008) afirma que, ao contrário do que se imagina, o papel das escolas na formação de empreendedores vai muito além de ensinar técnicas de gestão apropriadas para implementar novos negócios. Uma boa escola deve, antes de tudo, desenvolver a capacidade emocional necessária para empreender, por meio de seu currículo e do próprio ambiente em que seus alunos estão inseridos.

Não é mais possível compreender um trabalho escolar que não esteja embasado em concepções e práticas pedagógicas empreendedoras. Não é mais possível aceitar um currículo escolar desprovido de abordagens empreendedoras. Não se pode mais entender, como comprometida com o ideal de educar, aquela instituição que não adota uma pedagogia empreendedora.

Dolabela (2003, p. 2) fala sobre a ideologia da Pedagogia Empreendedora:

Pedagogia Empreendedora é uma estratégia destinada a dotar o indivíduo de graus crescentes de liberdade para fazer sua escolha. A criança, ao formular seu sonho e tentar transformá-lo em realidade, assumirá o controle de todo o processo e suas conseqüências, analisando a viabilidade do sonho e sua capacidade de gerar auto-realização. Ela assume o controle e a responsabilidade, em graus compatíveis com seu grau de maturidade, por meio de exercícios que a acompanham da pré-escola ao nível médio.

Os resultados da ação empreendedora devem ser medidos em função de sua capacidade de oferecer para a sociedade, de forma distribuída: utilidade, melhoria das condições de vida, solução de problemas, renda, ciência, tecnologia, desenvolvimento, emoção, beleza, equilíbrio, cooperação, liberdade e democracia. O empreendedorismo deve ser visto como um instrumento de realização de desejos coletivos e sociais e de geração de resultados que apresentem benefícios para todos (DOLABELA, 2008b).

É inegável que as mudanças demandam intensos trabalho, disposição e doação, mas os resultados observados no comportamento e nos ganhos práticos dos discentes são compensadores e valem todo o esforço, pela certeza de se estar cumprindo o ideal de realmente educar. Assim, Werneck (2007, p. 27) aborda o resultado de práticas empreendedoras no trabalho com os discentes.

[...] Os educandos começarão a ver que muitos, além do que aprenderam, construíram por conta própria, empreenderam e suas atividades e projetos deram certo. É preciso ver, constatar para acreditar no que a escola pode desencadear. Esses elementos são motivadores e impulsionam as pessoas que estão estudando mediante a contínua ligação delas com o contexto.

Vale ressaltar que, para a inserção do empreendedorismo na escola, faz-se necessário, de antemão, reunir um grupo de pessoas empreendedoras, visto que, a ação empreendedora é necessária a todo tipo de realização humana e o “ser empreendedor” é necessário para se produzir empreendedores. Mas, e quanto aos demais integrantes da comunidade escolar que, a princípio, estariam fora do grupo pioneiro? Esses seriam alvo do grupo, que os buscaria, atuando de forma a despertar neles o espírito empreendedor, com o objetivo de angariar esforços para a tão nobre, necessária e indeclinável causa.

2.9. Campus de Alegre: História, Ensino e Formação Profissional

2.9.1. O Campus de Alegre, na história

A vida do ser humano é também marcada pela atividade profissional que executa, pelo seu ambiente de trabalho, pela existência desse ambiente e pela história dessa existência. Assim, para a realização da pesquisa proposta, fez-se necessária a apresentação da história de

existência da instituição, para que se reconhecessem as origens, as transformações, os caminhos trilhados, as vitórias, os percalços, as conexões e os desdobramentos ocorridos até se adquirir a atual identidade.

O conhecimento da história da escola leva os servidores a estabelecerem uma identidade institucional, a se enxergarem dentro dessa identidade, a se sentirem responsáveis por ela e pela sua construção. Essa identificação mobiliza o profissional para o trabalho e para a construção de uma escola sempre melhor, pois se sente vitorioso com as conquistas institucionais e também responsável pelos insucessos.

O programa de ensino agrícola, de grau elementar e médio, foi institucionalizado, no Brasil, pela Lei Orgânica do Ensino Agrícola, Decreto Lei nº 9.613, de 20 de agosto de 1946, e pelos artigos 2.º e 4.º do Decreto Federal nº 22.470, de 20 de janeiro de 1947, que apresentava a seguinte inovação: criação de escolas agrícolas, que deveriam funcionar em regime de internato, onde seriam ministradas as quatro séries do 1º ciclo (Ginásio Agrícola) e as três séries do 2º ciclo, atribuindo-se aos concluintes o diploma de Técnico em Agricultura.

Objetivando atingir às metas desse Decreto, em 07 de maio de 1953, foi firmado um convênio entre o Governo Federal e o Estado do Espírito Santo, para a formação de uma escola agrícola no Município de Alegre. Foi escolhida, para esse fim, a Fazenda "Caixa D'Água", com área de 327,8 ha, situada em Rive, distrito de Alegre, de propriedade do Sr. Carlos Caiado Barbosa e sua esposa. Contribuíram para essa aquisição o município de Alegre e o Governo do Estado, sendo que, nos termos dessa escritura, o município renunciou a sua parte em favor do Estado.

Em 17 de dezembro de 1974, conforme Lei Estadual nº 2.949, o Estado doou à União Federal a área de terra onde está situada a atual Escola. Em 29 de junho de 1953, pela Portaria nº 825, da Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário - SEAV, do Ministério da Agricultura, foi nomeado como primeiro diretor da escola, o Engenheiro Agrônomo Dr. Ivan Neves de Andrade, que iniciou a construção das instalações necessárias ao seu funcionamento. Os primeiros prédios construídos foram os pavilhões da Escola, da administração e do almoxarifado.

A escola funcionou como Centro de Treinamento Rural nos dois primeiros anos do Governo Estadual de Carlos Lindenberg e, em 02 de março de 1962, foram iniciadas as atividades escolares.

Em decorrência da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), as Escolas Agrícolas passaram a ser denominadas de Colégios Agrícolas, ministrando as três séries do 2º ciclo (Colegial) e conferindo aos concluintes o diploma de Técnico Agrícola. Assim, em 13 de fevereiro de 1964, pelo Decreto nº 53.558, foi estabelecida a designação da Escola como "Colégio Agrícola de Alegre". A formatura da primeira turma de Técnicos Agrícolas se deu no dia 20 de dezembro de 1968.

A administração do Ensino Agrícola Federal, no período de 1970 a 1974, passou por sérias dificuldades, tendo sido reduzida a um Grupo de Trabalho de Dinamização do Ensino Agrícola (GT – DEA), subordinado ao Departamento de Ensino Médio (DEM), do Ministério da Educação e Cultura.

O DEM reconheceu a impossibilidade de continuar coordenando a extensa rede de Escolas Agrícolas, sugerindo a criação de um órgão para administrá-las. Em 09 de julho de 1973, foi criada a Coordenação Nacional do Ensino Agrícola – COAGRI, pelo Decreto nº 72.434. Os trabalhos da COAGRI foram iniciados com o Grupo Tarefa (GT - COAGRI), sendo, esse, gerenciado pelo Dr. Oscar Lamounier Godofredo Júnior. A partir do Decreto nº 83.935, de 04 de setembro de 1979, publicado no DOU de 05/09/1979, foi substituída a denominação de Colégio Agrícola de Alegre – CAA por Escola Agrotécnica Federal de Alegre – EAFA.

A COAGRI foi extinta pelo Decreto nº 93.613, de 21 de novembro de 1986, sendo criada a Secretaria de Ensino de 2º Grau – SESG. Por meio do Decreto Presidencial nº 99.244, de 10 de maio de 1990, publicado no Diário Oficial e 11 de maio de 1990, as Escolas Agrotécnicas foram vinculadas ao Ministério da Educação, sendo instituída a Secretaria Nacional de Educação Tecnológica, que passou a ser chamada de Secretaria de Educação Média e Tecnológica - SEMTEC e, atualmente, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC.

A Escola Agrotécnica Federal de Alegre teve declarada regularidade dos estudos pela Portaria nº 20, de 29 de agosto de 1980, da Secretaria de Ensino de 1º e 2º Graus do Ministério da Educação e Cultura, mais tarde vinculada à Secretaria de Ensino de 2º Grau, do Ministério da Educação, conforme item I da Portaria nº 833 de 01/12/1986.

A escola foi transformada em Autarquia pela Lei 8.731, de 16 de novembro de 1993, sendo vinculada ao Ministério da Educação e do Desporto, nos termos do Art. 20, anexo I, do Decreto nº 2.147, de 14/02/1997. (Informações: PDI/EAFA, 2006)

No ano de 2008, por meio da Lei Federal nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, foi inserida na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, sendo transformada no Campus de Alegre, do Instituto Federal do Espírito Santo.

2.9.2. O ensino ofertado pelo campus

Uma instituição educacional, comprometida com o ideal de educar e consciente da sua função social de viabilizadora do conhecimento acadêmico e preparadora do indivíduo para o mundo do trabalho e para o exercício da cidadania, deve se mobilizar permanentemente, para conhecer as crescentes demandas por novos conhecimentos junto à comunidade na qual está inserida.

Esse conhecimento é fundamental para que a escola forneça ao cidadão ferramentas válidas e úteis, exigidas pelas novas formas de trabalho e de saber, advindas com a era da informação e com um mundo globalizado. Tais ferramentas são traduzidas por conhecimentos e os conhecimentos são traduzidos por cursos preparatórios, oferecidos por instituições educacionais.

Com a Reforma da Educação Profissional, em 1997, a então Escola Agrotécnica Federal de Alegre iniciou um processo de diversificação da oferta de cursos. Nesse mesmo ano, o curso técnico em Agropecuária deixou de ser o único curso ofertado. Foi implantado o Curso Pós-Técnico em Piscicultura, que, em 2001, evoluiu para o curso técnico de Aqüicultura. Em 1999, foram implantados os Cursos Técnicos em Agroindústria e Informática, e em 2000, o Curso Técnico em Cafeicultura. No ano de 2005, a Instituição teve aprovado pelo MEC o seu primeiro Curso Superior, com a denominação de “Curso Superior de Tecnologia em Aqüicultura”, decorrente da evolução do então Curso Técnico em Aqüicultura. (Informações: PDI/EAFA, 2006)

Atualmente, o Campus oferece à comunidade, em seu processo seletivo anual, o ensino médio, integrado aos cursos técnicos em Agropecuária e Agroindústria, o ensino pós-médio, por meio dos cursos técnicos em Cafeicultura e Informática, a Educação de Jovens e Adultos, por meio do curso técnico em Agroindústria integrado ao ensino médio, os cursos superiores de Tecnologia em Aqüicultura e de Tecnologia em Cafeicultura, e o curso superior de licenciatura em Ciências Biológicas.

O Ensino agrícola ministrado observa os ideais e fins da educação prevista na Constituição Federal, na legislação que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, nos Referenciais Curriculares da Educação Profissional de Nível Técnico e em toda a legislação pertinente. (Informações: PDI/EAFA, 2006)

O Campus tem como missão “Promover um ensino de qualidade, que vise à preparação do indivíduo para a vida e para o trabalho, buscando o desenvolvimento da consciência crítica e o aprimoramento como pessoa, no exercício da cidadania, objetivando atender aos anseios da comunidade e promover o bem comum.” (Informações: PDI/EAFA, 2006)

No “Plano de Desenvolvimento Institucional”, elaborado pela EAFA (2006, p. 67) constam ainda as seguintes finalidades educacionais da instituição:

- Desenvolver educação profissional nos níveis básico, técnico e tecnológico, capacitando profissionais para o mundo do trabalho e investindo no fortalecimento da cidadania;
- Colaborar com o desenvolvimento agropecuário, agroindustrial, educativo e com a sociedade em geral;
- Desenvolver metodologia própria, visando à efetiva articulação da educação, produção e pesquisa;
- Oportunizar outras formas de ensino, conforme apregoa a legislação vigente;
- Zelar pelas legislações e normas vigentes e pelo cumprimento da proposta pedagógica adotada;
- Assegurar uma gestão administrativa e uma prática pedagógica de qualidade;
- Garantir uma avaliação institucional dinâmica e constante, com a participação dos diversos segmentos envolvidos.

Com relação ao ambiente educacional utilizado pelos atores envolvidos no curso técnico em agropecuária, objeto da pesquisa, destaca-se que os discentes recebem aulas do ensino técnico nos pólos localizados na fazenda e recebem aulas do ensino médio no prédio central da instituição, em turnos diários alternados.

Os docentes do curso ministram suas aulas nos pólos localizados na fazenda e, nos horários vagos, dirigem-se para a sala de convivência dos professores, situada no campo.

A equipe técnico-pedagógica trabalha em salas independentes localizadas no prédio central. Está distribuída em quatro setores: uma sala onde funciona o Departamento de Desenvolvimento Educacional, na qual trabalha a Diretora do Departamento, uma sala onde funciona a Coordenação-Geral de Ensino, na qual trabalham a coordenadora e a supervisora pedagógica, uma sala onde funciona a orientação educacional, na qual trabalham o chefe do setor de orientação educacional e a orientadora educacional e uma sala onde trabalha a psicóloga.

2.9.3. Perfil profissional do técnico em agropecuária formado no campus

O perfil profissional oferecido por um curso técnico deve estar em consonância com as competências e habilidades exigidas pelo mercado de trabalho, que está em constante transformação. Assim, o que se espera da escola é que prepare um cidadão com um perfil ancorado em bases científicas e tecnológicas que lhe permitam ser um profissional flexível, apto a desempenhar a função exigida pelo mercado e também em condição de adquirir permanentemente novos conhecimentos, que dinamizem o seu trabalho e lhe permitam acompanhar as evoluções mercadológicas.

No “Plano de Desenvolvimento Institucional”, elaborado pela EAFA (2006), consta que “O egresso dos cursos da EAFA deverá ser um profissional com espírito e capacidade empreendedores e que compreenda o processo tecnológico em suas causas e efeitos; que desenvolva e conserve a capacidade de trabalhar em equipe e de buscar o conhecimento; que compreenda os fundamentos científicos e tecnológicos dos processos produtivos e que tenha flexibilidade para adaptar-se às novas condições de ocupação; que se sinta responsável pelo bem comum e pelo meio ambiente em todas as suas vertentes.”

No “Plano de Curso do Curso Técnico em Agropecuária”, elaborado pela EAFA (2000a, p. 71-72), encontram-se as competências gerais do técnico da área de agropecuária, assim descritas:

Competências profissionais gerais do técnico da área:

- Analisar as características econômicas, sociais e ambientais, identificando as atividades peculiares da área a serem implementadas;
- Planejar, organizar e monitorar:
 - a exploração e manejo do solo, de acordo com suas características;
 - as alternativas de otimização dos fatores climáticos e seus efeitos no crescimento e desenvolvimento das plantas e dos animais;
 - a propagação em cultivos abertos ou protegidos, em viveiros e em casas de vegetação;
 - a obtenção e o preparo da produção animal e vegetal;
 - os programas de nutrição e manejo alimentar em projetos zootécnicos;
 - a produção de mudas (viveiros) e sementes.
- Identificar os processos simbióticos, de absorção, de translocação e os efeitos alelopáticos entre solo e planta, planejando ações referentes aos tratamentos das culturas;
- Selecionar e aplicar métodos de erradicação e controle de pragas, doenças e plantas daninhas, auxiliando na escolha de produtos agrotóxicos;
- Planejar e acompanhar a colheita e a pós-colheita;
- Identificar famílias de organismos e microorganismos, diferenciando os benéficos dos maléficos;
- Aplicar métodos e programas de reprodução animal e conhecer a filosofia do melhoramento genético;
- Elaborar, aplicar e monitorar programas profiláticos, higiênicos e sanitários na produção animal;
- Implantar e gerenciar sistemas de controle de qualidade na produção agropecuária;
- Identificar e aplicar técnicas mercadológicas para distribuição e comercialização de produtos;
- Projetar e aplicar inovações nos processos de montagem, monitoramento e gestão de empreendimentos;
- Elaborar relatórios e projetos topográficos.

No mesmo plano (p. 72-73), encontram-se também as competências específicas do técnico da área de agropecuária, assim descritas:

Competências específicas do técnico da área:

- Reconhecer e diferenciar parâmetros para operações de controle de qualidade na agropecuária;
- Verificar a viabilidade econômica de projetos de produção animal e vegetal;
- Efetivar o processo de comercialização e divulgação de produtos agropecuários;
- Treinar e conduzir equipes de execução de serviços da área;
- Elaborar e prestar assistência na assessoria e no desenvolvimento de projetos de produção animal e vegetal;
- Atuar, em empresas rurais, na administração, produção, exploração, comercialização e prestação de serviços, assistência técnica e extensão rural em projetos de produção animal e vegetal;
- Manter e organizar o seu agronegócio, garantindo a qualidade dos seus produtos;
- Planejar, executar e orientar projetos, economicamente viáveis, de produção agropecuária;
- Gerenciar processos e métodos agropecuários, visando redução de custos e maximização de qualidade;
- Supervisionar as atividades referentes à manutenção e reparo de instalações, equipamentos e materiais utilizados na agropecuária;
- Gerenciar as atividades de comercialização e divulgação de produtos agropecuários;
- Executar adequadamente as etapas do processo de produção agropecuária;
- Identificar as potencialidades do mercado consumidor;

- Operar adequadamente equipamentos usados na agropecuária;
- Executar programas de manutenção e conservação de instalações e equipamentos usados em atividades agropecuárias.

Como observado no título “O Campus de Alegre, na história”, a escola vem crescendo, expandindo-se ao longo do tempo, tornando-se, portanto, importante e necessária a disseminação de uma cultura empreendedora em seu universo. Verifica-se, também, nas ações e na ideologia do Campus, inferidas do título “O ensino ofertado pelo campus”, todo um registro teórico de missão e finalidades que apontam para a inevitável adoção de atitudes empreendedoras e de uma educação empreendedora, como elemento essencial à existência da escola.

Interessante constatação é feita nas considerações sobre o PDI e o Plano de Curso do Curso Técnico em Agropecuária, no título “Perfil profissional do técnico em agropecuária formado no campus”. Nesse título, observa-se que a escola prima pela formação de um perfil profissional discente permeado por competências essencialmente empreendedoras, o que demonstra, na ideologia institucional, de forma teórica, o reconhecimento da educação empreendedora como fundamental para a formação do indivíduo. Constatando-se tal perfil de formação, busca-se, no próximo capítulo desse trabalho, apresentar os métodos e as técnicas de pesquisa a serem utilizados para se verificar a repercussão prática de tal ideologia empreendedora entre os agentes do processo de ensino-aprendizagem, na escola. Dando sequência, no capítulo seguinte, são discutidos os resultados da pesquisa e tecidas considerações pertinentes.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.1. Caracterização da Técnica de Pesquisa

Esta pesquisa foi realizada no Campus de Alegre, do Instituto Federal do Espírito Santo, localizado no Distrito de Rive, Município de Alegre – ES, tendo como coordenadas geográficas: Lat 20° 45' 50" S e Long 41° 27' 23" O (Datum SAD 69). O período de realização da pesquisa foi o mês de abril de 2009.

A técnica de pesquisa utilizada foi a documentação direta, que, segundo Marconi e Lakatos (2005), constitui-se no levantamento de dados no próprio local onde os fenômenos ocorrem, podendo ser obtidos por meio da pesquisa de campo ou da pesquisa de laboratório. Assim, pela natureza do estudo, foi realizado o levantamento de dados por meio da pesquisa de campo.

O método de pesquisa utilizado foi o indutivo. Segundo Gil (1999), esse método considera fenômenos cujas causas se deseja conhecer, com a finalidade de descobrir relações entre os fenômenos para, por fim, proceder-se à generalização.

A princípio, solicitaram-se aos setores competentes da Instituição (Unidade de Informações Gerenciais, Supervisão Pedagógica, Registros Escolares e Coordenação Geral de Recursos Humanos) informações relativas aos discentes, docentes e servidores técnico-pedagógicos, para comporem o item “Caracterização do público investigado”.

O instrumento de coleta de dados empregado foi o questionário, adotado devido ao elevado número de alunos investigados e à necessidade de se manter o anonimato dos docentes e do corpo técnico-pedagógico.

Antes da aplicação em definitivo do questionário, foi realizado um pré-teste com alunos, professores e servidores técnico-administrativos da própria escola, mas que não estavam incluídos na pesquisa final, compreendendo 5% do público que seria consultado no questionário definitivo. Esse procedimento teve a intenção de verificar a compreensão que se esperava dos questionamentos apresentados e de realizar possíveis ajustes e correções, apoiando-se na recomendação de Marconi e Lakatos (2005). Esses autores afirmam que o questionário precisa ser testado antes de sua utilização definitiva em um público compreendido entre 5% e 10% do tamanho da população estudada.

As aplicações do pré-teste e do questionário definitivo foram feitas pelo próprio pesquisador, não apenas pelo fato de trabalhar na instituição, mas também com o objetivo de acompanhar, em sua plenitude, todas as etapas de realização do processo e de manter o controle, a segurança e a padronização da coleta dos dados. Esse procedimento elimina o receio de Gil (2002), ao afirmar que, para que os dados da pesquisa sejam livres de erros introduzidos pelos pesquisadores, ou por outras pessoas, é necessária supervisão rigorosa e é preciso garantir que os pesquisadores sejam honestos e não colem dados enviesados. A pesquisa de campo foi realizada no mês de abril de 2009 e teve um tempo aproximado de duração de duas semanas.

Para os discentes, o questionário foi aplicado durante as aulas de Língua Portuguesa e Literatura ministradas pelo próprio pesquisador, no prédio central. Para os docentes da área técnica, o questionário foi aplicado nas suas salas de convivência de campo, nos horários vagos, de acordo com planilha de horário seguida pelo pesquisador. Para o corpo técnico-pedagógico, o questionário foi aplicado nos setores de trabalho correspondentes.

3.2. Caracterização do Público Investigado

A escola oferece anualmente 110 vagas para o curso Técnico em Agropecuária em concomitância interna com o Ensino Médio, em que os alunos cursam o ensino técnico e o ensino médio em dois turnos diários na instituição. Oferece, também, anualmente, 35 vagas para o curso Técnico em Agropecuária em concomitância externa com o Ensino Médio, em que os alunos realizam o Ensino Médio em outra escola, permanecendo na instituição pesquisada por apenas um turno diário.

O público investigado é composto de três segmentos, compreendendo todos os discentes e docentes da terceira série do curso Técnico em Agropecuária e todos os servidores técnico-pedagógicos ligados ao curso.

A escolha dos referidos discentes justifica-se pelo fato de serem em maior número do que os alunos do regime de concomitância externa e por serem formandos e, portanto, mais adultos do que os alunos das séries anteriores. Além disso, eles permaneceram por mais tempo na escola e por período diário integral, tendo maior conhecimento da realidade educacional que os envolve e maior amadurecimento para a compreensão dos questionamentos apresentados.

A escolha dos docentes das mesmas turmas justifica-se pela necessidade de análises comparativas com as opiniões dos discentes.

A escolha dos servidores técnico-pedagógicos justifica-se por serem os profissionais organizadores e fiscalizadores da implementação das práticas de ensino na escola.

A escola possui 634 discentes, estando 395 deles matriculados no curso Técnico em Agropecuária. Desses, 85 alunos estão matriculados e frequentam a terceira série do curso, sendo aqueles selecionados para a pesquisa. Tais jovens são oriundos, em sua maioria, do próprio município de Alegre e de regiões circunvizinhas. Cerca de 70% deles concluíram o ensino fundamental em escolas públicas e cerca de 30% em escolas particulares. A faixa etária predominante é a convencional, compreendida entre 16 e 17 anos. Um percentual inferior a 10% dos alunos possui alguma defasagem na relação idade/série. 60% são do sexo masculino e 40% do sexo feminino.

O corpo docente é composto por cinquenta professores, sendo que vinte e dois deles atuam no curso Técnico em Agropecuária. Desses, sete atuam na terceira série do curso e foram objeto da pesquisa. Todos pertencem ao quadro efetivo da instituição, possuindo entre 01 e 30 anos de experiência na educação básica federal. Cinco deles possuem apenas a formação tecnológica e dois possuem também a formação pedagógica. Dois possuem formação em nível de doutorado, três possuem formação em nível de mestrado e dois possuem especialização. A faixa etária desses docentes está compreendida entre 28 e 55 anos, sendo que todos são do sexo masculino.

O corpo técnico-administrativo da escola é composto por 102 servidores, estando 25 deles ligados às atividades de ensino. Desses, 7 servidores compõem o corpo técnico-pedagógico e foram submetidos ao questionário da pesquisa: a Diretora do Departamento de Desenvolvimento Educacional, o Coordenador-Geral de Assistência ao Educando, a Coordenadora-Geral de Ensino, a Supervisora Pedagógica, o Coordenador do setor de Orientação Educacional, a Orientadora Educacional e a Psicóloga institucional. Todos os servidores que preencheram o questionário pertencem ao quadro efetivo da instituição, possuindo entre 1 e 30 anos de experiência como servidores da educação básica federal. Todos possuem experiência de atuação em outras instituições de ensino. Quatro deles são formados no curso de Pedagogia, um possui licenciatura em Educação Física, um possui formação técnica na área agrícola e um é formado em Psicologia. Seis deles possuem Especialização e um possui Mestrado. A faixa etária desses servidores está compreendida entre 33 e 55 anos, sendo cinco do sexo feminino e dois do sexo masculino.

3.3. Caracterização do Questionário

Na pesquisa de campo, foram aplicados dois modelos de questionário. O questionário 1 (Anexo A) foi aplicado aos discentes. O questionário 2 (Anexo B) foi aplicado aos docentes e ao corpo técnico-pedagógico. Foi construído um texto instrucional, introduzido no início de cada um dos questionários, com o objetivo de orientar o preenchimento pelos investigados.

Apesar de conterem perguntas similares, houve a necessidade da criação de questionários distintos para os grupos descritos. Isso se deve às questões que abordam o desinteresse pelo aprendizado e a descrença na capacidade de conquista profissional dos alunos, que necessitaram ser estabelecidos de acordo com a opinião dos próprios alunos (o que sentem) e com a opinião dos docentes e do corpo técnico-pedagógico (o que observam que os alunos sentem). São dados que, assim como as questões comuns, permitiram o estabelecimento de considerações comparativas.

Cada questionário foi composto de cinco perguntas fechadas, que exigem a escolha da resposta entre as opções apresentadas e cinco perguntas abertas, estando, cada uma delas, condicionada à pergunta fechada anterior. Esses tipos de perguntas permitiram aos informantes tanto a objetividade de respostas quanto a possibilidade de respostas livres e mais trabalhadas.

Os dados colhidos pelos questionários diziam respeito ao:

- Nível de compreensão do público investigado sobre o empreendedorismo;
- Quantitativo de indivíduos que reconhecem o ensino agrícola, associado ao desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor, como instrumento capaz de despertar o desejo por estudar/aprender e a crença no potencial próprio de conquista e de realização profissional. E, em caso positivo, por que acreditam no processo;
- Quantitativo de indivíduos que reconhecem que cabe à escola criar condições para o desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor nos alunos e de que forma acreditam que a escola pode viabilizar esse processo;
- Nível de desinteresse dos alunos pelo estudo/aprendizado, seu nível de descrença na capacidade pessoal de conquista e de realização profissional e as causas a que atribuem esses problemas.

3.4. Caracterização da Análise e da Interpretação dos Dados

Os dados coletados na pesquisa foram selecionados, codificados e expressos em tabelas, para que pudessem ser analisados e interpretados, com o objetivo de confirmar ou não as hipóteses. As variáveis consideradas relacionam-se às opiniões dos docentes, dos discentes e do corpo técnico-pedagógico quanto à compreensão de fenômenos e à percepção de aspectos.

Para a codificação das respostas das perguntas fechadas, foram considerados os itens indicados com um X. Para a codificação das respostas das perguntas abertas, os dados foram agrupados em categorias, considerando a sua semelhança, sendo atribuído o item “outras” para o agrupamento das ocorrências isoladas.

Os dados receberam tratamento quantitativo e qualitativo, considerando a quantidade de ocorrências para cada opção apresentada e também pontos de vista, tendências e valores da população investigada, como proposto por Richardson *et. al.* (1999), ao afirmar que a análise de conteúdo visa a um tratamento quantitativo que não exclui a interpretação qualitativa.

A análise do material e a sua interpretação consistiram em evidenciar o verdadeiro significado dos dados para o resultado da pesquisa, considerando análises individualizadas, comparativas e gerais dos resultados, a sua ligação com as considerações estabelecidas pelos diversos autores citados na revisão de literatura e a sua ligação com as hipóteses levantadas na introdução.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. A Pesquisa de Campo

Conforme destacado, os 85 discentes, 7 docentes e 7 servidores técnico-pedagógico, objeto da pesquisa, responderam a dez perguntas dispostas em dois questionários, sendo o questionário 1 direcionado aos discentes e o questionário 2, com perguntas similares, direcionado aos docentes e técnicos. Os resultados da pesquisa estão demonstrados nas tabelas seguintes, acompanhadas das devidas análises e comentários.

Cabe destacar, de antemão, a comprovação plena da hipótese de que há diferenças percentuais consideráveis no comparativo de respostas, destacando os discentes em relação aos demais segmentos, de acordo com os percentuais demonstrados em algumas tabelas.

A Tabela 1 mostra, em percentuais, o nível de compreensão dos grupos pesquisados a respeito do empreendedorismo, colhido pela pergunta 1 de ambos os questionários.

Pergunta: Você sabe o que é o empreendedorismo?

Tabela 1: Demonstrativo percentual do nível de compreensão dos grupos pesquisados quanto ao empreendedorismo.

Respostas	Discentes %	Docentes %	Téc. Ped. %	Total %
Compreendem totalmente	1	29	14	4
Compreendem superficialmente	25	57	72	30
Não compreendem	74	14	14	66
Total de pesquisados	100	100	100	100

Destaca-se que 74% dos discentes declaram não compreender o que é o empreendedorismo, percentual que é reduzido para 14% quando comparado com as opiniões dos docentes e do corpo técnico-pedagógico.

Considerando o elevado percentual de docentes que possuem algum nível de compreensão sobre o assunto (57% + 29%), questiona-se o fato de esses não transmitirem aos discentes tal conhecimento. Da mesma forma, questiona-se o fato de elevado número de servidores técnico-pedagógicos (72% + 14%) declararem que possuem algum nível de conhecimento sobre o assunto e não mobilizarem os professores para tal fim, haja vista a essencial necessidade do empreendedorismo na escola, demonstrada por tão grande número de autores no item “O empreendedorismo na escola”, da revisão de literatura.

Com relação a essa necessidade, destaca-se também que explicar para o aluno o que é ser empreendedor, exemplificando, inclusive com relatos de casos de sucesso, é fator de motivação e estímulo para que ele seja empreendedor, levando-o a praticar propositadamente comportamentos empreendedores. Deve-se considerar, ainda, que quando se observam os resultados de todos os indivíduos envolvidos na pesquisa, o percentual que não compreende o que é o empreendedorismo ainda permanece alto (66%), devido ao grande número de discentes que faz tal declaração.

O demonstrativo permitiu comprovar a hipótese de que a maioria do público investigado considera não saber o que é o empreendedorismo.

A Tabela 2 mostra, em percentuais, os conceitos de empreendedorismo estabelecidos pelos grupos pesquisados, colhidos pela pergunta 2 de ambos os questionários.

Pergunta/solicitação: Caso tenha marcado as alternativas “a” ou “b”, na questão 1, descreva o que você acredita que seja o empreendedorismo.

Tabela 2: Demonstrativo percentual dos conceitos de empreendedorismo estabelecidos pelos grupos pesquisados.

Respostas	Discentes %	Docentes %	Téc. Ped. %	Total %
Crer na capacidade de conquista pessoal	4	57	43	10
Capacidade de enxergar possibilidades de negócios	6	29	14	8
Investimento de capital no mundo empresarial	10	-	29	11
Outros	6	-	-	5
Não responderam	74	14	14	66
Total de pesquisados	100	100	100	100

Os percentuais de indivíduos, para cada grupo, que não responderam à pergunta, são os mesmos daqueles que declararam não compreender o que é empreendedorismo na Tabela 1 (74% dos discentes, 14% dos docentes, 14% do corpo técnico-pedagógico e 66% do público geral). Isso se deve à orientação dada, no enunciado da questão, de que somente deveriam respondê-la aqueles que declararam, na pergunta 1, ter algum entendimento sobre o termo. Assim, responderam à questão 26% dos discentes, 86% dos docentes e 86% do corpo técnico-pedagógico, que representam 34% do total de pesquisados.

Destaca-se “Crer na capacidade de conquista pessoal” como principal conceito estabelecido pelos docentes (57%) e pelo corpo técnico-pedagógico (43%). Entre os discentes, destaca-se o “Investimento de capital no mundo empresarial”, com 10%. Considerando os resultados gerais, destacam-se o “Investimento de capital no mundo empresarial”, com 11%, “Crer na capacidade de conquista pessoal”, com 10%, e “Capacidade de enxergar possibilidades de negócios”, com 8%, sendo esses percentuais estabelecidos pela influência do número elevado de discentes em relação ao de docentes e de técnicos.

Observa-se que há maior número de discentes que apontam relação do termo com o campo empresarial e de docentes e servidores técnico-pedagógicos que apontam essa relação com o campo comportamental.

Considerando que grande percentual do público investigado, sobretudo docentes e técnicos, estabeleceu conceitos de empreendedorismo tão em consonância com os dizeres dos muitos autores destacados no item “O que é ser empreendedor”, da revisão de literatura, torna-se, outra vez, questionável o fato de esses docentes e técnicos não se mobilizarem no sentido de construir o conceito no ideário discente, haja vista o percentual elevado de alunos (74% - Tabela 1), que declaram desconhecer o termo.

O demonstrativo comprova a hipótese de que a maioria, dentre aqueles que afirmam ter conhecimento sobre o empreendedorismo, consegue também defini-lo com coerência, sendo que todos apresentaram definições que se relacionam ao termo.

A Tabela 3 mostra o nível de crença dos grupos pesquisados no empreendedorismo, associado ao ensino agrícola, enquanto instrumento capaz de despertar o desejo por estudar/aprender e a crença na capacidade individual de conquista e de realização profissional, colhido pela pergunta 3 de ambos os questionários.

Pergunta: Caso tenha marcado as alternativas “a” ou “b”, na questão 1, você acredita que o ensino agrícola associado ao desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor é capaz de despertar o desejo por estudar/aprender e a crença na capacidade individual de conquista e de realização profissional?

Tabela 3: Demonstrativo percentual do nível de crença dos grupos pesquisados no empreendedorismo, associado ao ensino agrícola, enquanto instrumento capaz de despertar o desejo por estudar/aprender e a crença na capacidade individual de conquista e de realização profissional.

Respostas	Discentes %	Docentes %	Téc. Ped. %	Total %
Sim, em número significativo dos indivíduos	8	43	-	10
Sim, em pequeno número de indivíduos	13	43	57	18
Não	5	-	29	6
Não responderam	74	14	14	66
Total de pesquisados	100	100	100	100

Observa-se que os percentuais de indivíduos, para cada grupo, que não responderam à pergunta, também são os mesmos daqueles que declararam não compreender o que é empreendedorismo, na Tabela 1 (74% dos discentes, 14% dos docentes, 14% do corpo técnico-pedagógico e 66% do público geral). Isso se deve também à orientação dada, no enunciado da questão, de que somente deveriam respondê-la aqueles que declararam, na pergunta 1, ter algum entendimento sobre o termo. Assim, responderam à questão 26% dos discentes, 86% dos docentes, 86% do corpo técnico-pedagógico e 34% do total de pesquisados.

Dentre aqueles que acreditam que a associação apontada possa produzir o efeito sugerido em algum quantitativo de indivíduos, tem-se 21% (13% + 8%) de discentes; têm-se todos os docentes (86%); tem-se 57% do corpo técnico-pedagógico e tem-se um total geral, determinado pelo número elevado de discentes, de 28%.

Considerando o elevado percentual de docentes e técnicos que declararam acreditar na associação positiva do empreendedorismo com o ensino agrícola, questiona-se o fato de permitirem que os dois saberes continuem divorciados na escola e que o número elevado de 74% dos alunos (Tabela 1) demonstre não saber o que é o empreendedorismo. Tal situação pode significar que, na prática, os respondentes estão distantes de uma ideologia educacional empreendedora, haja vista as considerações favoráveis à associação, apresentadas por tantos autores no item “Estímulo empreendedor: elemento fundamental para o aprendizado escolar”, da revisão de literatura.

Com os resultados apresentados, comprova-se a hipótese de que a maioria, dentre aqueles que têm conhecimento sobre empreendedorismo, acredita que tal associação é capaz de despertar o desejo e a crença apontados, considerando-se, como demonstrado, os docentes e o corpo técnico-pedagógico.

A Tabela 4 mostra, em percentuais, os motivos pelos quais os grupos pesquisados acreditam que o empreendedorismo, associado ao ensino agrícola, pode despertar o desejo por estudar/aprender e a crença na capacidade individual de conquista e de realização profissional, colhidos pela pergunta 4 de ambos os questionários.

Pergunta/solicitação: Caso tenha marcado as alternativas “a” ou “b”, na questão 3, descreva por que você acredita que a associação apresentada pode despertar o desejo e a crença mencionados.

Tabela 4: Demonstrativo percentual dos motivos pelos quais os grupos pesquisados acreditam que o empreendedorismo, associado ao ensino agrícola, pode despertar o desejo por estudar/aprender e a crença na capacidade individual de conquista e de realização profissional.

Respostas	Discentes	Docentes	Téc. Ped.	Total
	%	%	%	%
Estimula a fazer	7	86	-	12
Leva à inovação e mudanças	-	-	57	4
Prepara para enfrentar o mercado	8	-	-	7
utros	6	-	-	5
Não responderam	79	14	43	72
Total de pesquisados	100	100	100	100

Destaca-se que os percentuais de indivíduos, para cada grupo, que não responderam à pergunta, são aqueles que declararam não compreender o que é o empreendedorismo na Tabela 1 (74% dos discentes, 14% dos docentes, 14% do corpo técnico-pedagógico e 66% do total de pesquisados), somados àqueles que não acreditam que a associação do empreendedorismo com o ensino agrícola pode despertar o desejo pelo estudo e a crença na capacidade individual de conquista e de realização profissional, apresentados na Tabela 3 (5% dos discentes, 29% do corpo técnico-pedagógico e 6% do público geral). Isso se deve à orientação dada, no enunciado da questão, de que só deveriam respondê-la aqueles que declararam, na questão 3, que acreditam na associação descrita. Assim, responderam à questão 21% dos discentes, 86% dos docentes, 57% do corpo técnico-pedagógico e 28% do total de pesquisados.

Dentre os motivos apresentados para a associação do empreendedorismo com o ensino agrícola, são apontados pelos discentes: “Estimula a fazer” (7%) e “Prepara para enfrentar o mercado” (8%). É apontado pela totalidade dos docentes (86%): “Estimula a fazer”. É apontado pela totalidade dos servidores técnico-pedagógicos (57%): “Leva à inovação e mudanças”. Tem-se como destaque, no total de pesquisados, outra vez determinado pelo número elevado de discentes: “Estimula a fazer” (12%) e “Prepara para enfrentar o mercado” (7%).

Considerando novamente o elevado percentual de docentes e técnicos que demonstram reconhecer o poder e a funcionalidade do empreendedorismo na educação, questiona-se outra vez o fato de não levarem ao conhecimento dos alunos, como se atesta nas respostas desses (Tabela 1), conhecimentos de empreendedorismo e as vantagens de uma ideologia empreendedora em suas vidas, haja vista o valor da educação e dessa ideologia expresso por diversos autores nos itens “O que é ser empreendedor?”, “A importância do empreendedorismo na escola”, “O perfil do docente empreendedor” e “O perfil do aluno empreendedor”, da revisão de literatura.

Com os resultados apresentados, comprova-se a hipótese de que a maioria, dentre aqueles que têm conhecimento sobre o empreendedorismo e acredita na associação sugerida, consegue também definir, com coerência, por que acredita nesse processo.

A Tabela 5 mostra, em percentuais, as opiniões dos grupos pesquisados quanto à responsabilidade da escola em criar condições para o desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor nos alunos, colhidas pela pergunta 5 de ambos os questionários.

Pergunta: Caso tenha marcado as alternativas “a” ou “b”, na questão 1, você julga que cabe à escola criar condições para o desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor nos alunos ?

Tabela 5: Demonstrativo percentual das opiniões dos grupos pesquisados quanto à responsabilidade da escola em criar condições para o desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor nos alunos.

Respostas	Discentes %	Docentes %	Téc. Ped. %	Total %
Sim	24	86	57	30
Não	2	-	29	4
Não responderam	74	14	14	66
Total de pesquisados	100	100	100	100

Observa-se, outra vez, que os percentuais de indivíduos, para cada grupo, que não responderam à pergunta, são os mesmos daqueles que declararam não compreender o que é empreendedorismo na Tabela 1 (74% dos discentes, 14% dos docentes, 14% do corpo técnico-pedagógico e 66% do público geral). Isso se deve novamente à orientação dada, no enunciado da questão, de que somente deveriam respondê-la aqueles que declararam, na pergunta 1, que compreendem o que é o empreendedorismo. Assim, responderam à questão 26% dos discentes, 86% dos docentes, 86% do corpo técnico-pedagógico e 34% do total de pesquisados.

Considerando aqueles que julgam que é responsabilidade da escola construir comportamentos empreendedores e o estímulo empreendedor nos alunos, têm-se: 24% dos discentes; todos os docentes (86%); 57% do corpo técnico-pedagógico e 30% do total geral de pesquisados.

Levando em conta o elevado percentual de docentes e técnicos que declararam tal responsabilidade da escola, questiona-se outra vez o fato de que exista ainda tão elevado número de alunos (74% - Tabela 1) que desconheçam o empreendedorismo, demonstrando, mais uma vez, o distanciamento da escola de uma educação empreendedora. Tal distanciamento torna-se ainda mais questionável, ao se considerar as argumentações em favor da inserção do empreendedorismo na escola estabelecidas por autores diversos, no item “A importância do empreendedorismo na escola”, da revisão de literatura.

Com os resultados apresentados, comprova-se a hipótese de que a maioria, dentre aqueles que têm conhecimento sobre empreendedorismo, julga que cabe à escola criar condições para o desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor nos alunos.

A Tabela 6 mostra, em percentuais, as opiniões dos grupos pesquisados quanto à forma pela qual a escola pode viabilizar o desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor nos alunos, colhidas pela pergunta 6 de ambos os questionários.

Pergunta/Solicitação: Caso tenha marcado a alternativa “a”, na questão 5, descreva de que forma você acredita que a escola pode viabilizar o processo descrito.

Tabela 6: Demonstrativo percentual das opiniões dos grupos pesquisados quanto à forma pela qual a escola pode viabilizar o desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor nos alunos.

Respostas	Discentes %	Docentes %	Téc. Ped. %	Total %
Ensinando empreendedorismo aos alunos	20	43	43	23
Aproximando o aluno do mercado	-	29	-	2
Desenvolvendo projetos	-	14	14	2
Outras	4	-	-	3
Não responderam	76	14	43	70
Total de pesquisados	100	100	100	100

Destaca-se que os percentuais de indivíduos, para cada grupo, que não responderam à pergunta, são aqueles que declararam não compreender o que é o empreendedorismo na Tabela 1 (74% dos discentes, 14% dos docentes, 14% do corpo técnico-pedagógico e 66% do público geral), somados àqueles que não julgaram que cabe à escola criar condições para o desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor nos alunos, na Tabela 5 (2% dos discentes, 29% do corpo técnico-pedagógico e 4% do público geral). Isso novamente se deve à orientação dada, no enunciado da questão, de que somente deveriam respondê-la aqueles que declararam, na questão 5, que julgaram que cabe à escola a responsabilidade descrita. Assim, responderam à questão 24% dos discentes, 86% dos docentes, 57% do corpo técnico-pedagógico e 30% do total de pesquisados.

Como forma de construir comportamentos empreendedores e o estímulo empreendedor nos alunos, 20% dos discentes apontam “Ensinando empreendedorismo aos alunos”. Entre os docentes, 43% apontam “Ensinando empreendedorismo aos alunos”, 29% apontam “Aproximando o aluno do mercado” e 14% apontam “Desenvolvendo projetos”. Entre o corpo técnico-pedagógico, 43% apontam “Ensinando empreendedorismo aos alunos” e 14% apontam “Desenvolvendo projetos”. No total geral, tem-se 23% que apontam “ensinando empreendedorismo aos alunos”, percentual que é reduzido devido à opinião do grande número de discentes submetidos à pesquisa, em relação aos docentes e técnicos.

Chama atenção o grande percentual de docentes e do corpo técnico-pedagógico, além da totalidade dos discentes direcionados à resposta, que apontam o “ensinar empreendedorismo aos alunos” como forma de desenvolver comportamentos e o estímulo empreendedor. Considerando o “ensinar empreendedorismo” como falar sobre o assunto, exemplificar com trajetórias de vida vitoriosas e levar os discentes à prática de atividades que desenvolvam comportamentos empreendedores, mais uma vez cabe questionar o fato de tantos alunos (74% - Tabela 1) demonstrarem total desconhecimento do assunto, o que, ainda uma vez, retrata a distância entre a escola e uma ideologia educacional empreendedora.

Como agravante para a situação apresentada, apontam-se as inúmeras considerações em favor de uma educação empreendedora feitas por tantos autores nos itens “A importância do empreendedorismo na escola” e “O perfil do docente empreendedor”, da revisão de literatura.

Com esses resultados, comprova-se a hipótese de que aqueles que consideram responsabilidade da escola criar condições para o desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor nos alunos sugerem, também, com coerência, formas de viabilizar tal processo.

As Tabelas 7a e 7b mostram, em percentuais, respectivamente, as opiniões dos alunos quanto a se sentirem desanimados e desestimulados pelo estudo/aprendizado na escola e as opiniões dos docentes e do corpo técnico-pedagógico quanto ao quantitativo de alunos que observam se sentirem de tal forma, colhidas pela pergunta 7 de ambos os questionários.

Pergunta aos discentes: Você se sente desanimado e desinteressado pelo estudo/aprendizado, na escola?

Pergunta aos docentes e corpo técnico-pedagógico: Você observa alunos do ensino agrícola desanimados e desinteressados pelo estudo/aprendizado, na escola?

Tabela 7a: Demonstrativo percentual das opiniões dos alunos quanto a se sentirem desanimados e desestimulados pelo estudo/aprendizado, na escola, segundo a sua própria opinião.

Respostas	Discentes %
Sim, permanentemente	9
Sim, em grande parte do tempo	11
Sim, em alguns momentos	60
Não, nunca me sinto dessa forma	20
Total de pesquisados	100

Tabela 7b: Demonstrativo percentual das opiniões dos docentes e do corpo técnico-pedagógico quanto ao quantitativo de alunos que observam se sentirem desanimados e desestimulados pelo estudo/aprendizado, na escola.

Respostas	Docentes %	Téc. Ped. %	Total %
Sim, a maioria deles	43	14	28
Sim, grande parte deles	14	57	36
Sim, pequeno número deles	43	29	36
Não, nunca observo essa situação	-	-	-
Total de pesquisados	100	100	100

Considerando que todos os investigados foram direcionados a essa pergunta, pois, para respondê-la, não se pressupõe o conhecimento de empreendedorismo, como demonstrando para as perguntas que geraram tabelas anteriores, têm-se 100% do público alvo sujeito às respostas.

Com relação à opinião dos discentes, observa-se que 21% (9% + 11%) deles declaram sentir-se permanentemente ou em grande parte do tempo desanimados e desinteressados pelo estudo/aprendizado e que um número elevado de 60% declara sentir-se dessa forma em alguns momentos. Têm, assim, um total de 80% (9% + 11% + 60%) de alunos que se sentem desanimados em alguma parte do tempo.

Com relação à opinião dos docentes e do corpo técnico-pedagógico, verifica-se que 57% (43% + 14%) dos docentes e 71% (14% + 57%) do corpo técnico-pedagógico declaram observar a maioria dos discentes ou grande parte deles desanimados e desinteressados. Considerando aqueles que declaram observar algum quantitativo de discentes desanimados e desinteressados, têm-se 100% dos docentes e do corpo técnico-pedagógico.

Com relação ao total de pesquisados nos dois segmentos, observa-se que 64% (28% + 36%) declaram observar o problema na maioria ou em grande parte dos alunos e, obviamente, 100% observam algum quantitativo de alunos desanimados e desinteressados.

Chama a atenção o elevado número de discentes que se sente desanimado e desinteressado em alguma parte do tempo e a unanimidade de docentes e de técnicos que observa esse problema em algum quantitativo de discentes. Outro dado que chama a atenção é o elevado percentual de docentes, de técnicos e geral que observam o desânimo e o desinteresse na maioria dos discentes ou em grande parte deles.

Considerando que uma educação empreendedora é capaz de despertar o desejo e o entusiasmo por fazer, por buscar, por realizar e conseqüentemente pelo estudo e pelo aprendizado, como demonstrado nos itens “A importância do empreendedorismo na escola”, “O perfil do aluno empreendedor” e “Estímulo empreendedor: elemento fundamental para o aprendizado escolar”, da revisão de literatura, reforça-se a necessidade da associação do

empreendedorismo com o ensino agrícola na escola em questão, apresentando-o como fundamental instrumento para minimizar o problema apresentado.

Com esses resultados, comprova-se a hipótese de que os alunos apresentam elevado nível de desânimo e de desinteresse pelo estudo/aprendizado.

A Tabela 8 mostra, em percentuais, as opiniões dos grupos pesquisados quanto às causas do desânimo e do desinteresse dos discentes pelo estudo/aprendizado, colhidas pela pergunta 8 de ambos os questionários.

Pergunta/solicitação: Caso tenha marcado as alternativas “a”, “b” ou “c”, na questão 7, descreva as causas a que você atribui o desânimo e o desinteresse apontados.

Tabela 8: Demonstrativo percentual das opiniões dos grupos pesquisados quanto às causas do desânimo e do desinteresse dos discentes pelo estudo/aprendizado.

Respostas	Discentes	Docentes	Téc. Ped.	Total
	%	%	%	%
Falta de aptidão para a área	8	42	29	12
Busca exclusiva pelo ensino médio	2	29	14	5
Falta de maturidade	-	29	-	2
Mercado de trabalho restrito	-	-	43	3
Muitas matérias e horário diário de estudo extenso	33	-	-	28
Aulas monótonas	23	-	-	18
Outras	14	-	14	12
Não responderam	20	-	-	20
Total de pesquisados	100	100	100	100

No enunciado da questão direcionada aos discentes, orientou-se a respondê-la apenas aqueles que declararam, na questão 7, sentirem-se desanimados e desestimulados pelo estudo/aprendizado em algum momento. Da mesma forma, no enunciado da questão direcionada aos docentes e ao corpo técnico-pedagógico, orientou-se a respondê-la apenas aqueles que declararam, na questão 7, observar algum quantitativo de alunos desanimados e desestimulados. Assim, consideram-se, da Tabela 7a, 80% dos discentes e, da Tabela 7b, 100% dos docentes e do corpo técnico-pedagógico.

Os discentes apontam, como principais causas para o seu desânimo e desinteresse, “Muitas matérias e horário diário de estudo extenso” (33%) e “Aulas monótonas” (23%). Por outro lado, os docentes indicam, como causas do problema, “Falta de aptidão para a área” (42%), “Busca exclusiva pelo ensino médio” (29%) e “Falta de maturidade” (29%). Enquanto que o corpo técnico-pedagógico aponta “Mercado de trabalho restrito” (43%), “Falta de aptidão para a área” (29%) e “Busca exclusiva pelo ensino médio” (14%).

No resultado geral, observa-se que as causas indicadas pelos alunos prevalecem devido às indicações favoráveis do grande número de discentes submetidos à pesquisa em relação aos docentes e técnicos. Observa-se ainda que os alunos apontam, como causas do seu desânimo e desinteresse, problemas oriundos da instituição e que os docentes e técnicos apontam, sobretudo, motivos relacionados aos próprios discentes, ficando claro que nenhum dos seguimentos enxerga em si algum tipo de responsabilidade.

Considerando os resultados da revisão de literatura, compreendendo “A importância do empreendedorismo na escola”, “O perfil do docente empreendedor”, “O perfil do aluno empreendedor” e o “Estímulo empreendedor: elemento fundamental para o aprendizado escolar”, verifica-se que a introdução do empreendedorismo na escola é tida, por inúmeros autores, como essencial para a organização do aprendizado escolar e para tornar as aulas atrativas. Além disso, é fundamental para despertar competências e habilidades profissionais,

para despertar a vontade de aprender, o amadurecimento pessoal, a visão e a capacidade de busca e de inserção no mercado de trabalho.

Assim, verifica-se que, independente do segmento escolar que tenha maior ou menor responsabilidade pelo problema apontado, o caminho para se minimizar os problemas é, indubitavelmente, a disseminação da cultura empreendedora no universo escolar.

Com os resultados apresentados, comprova-se a hipótese de que os segmentos investigados, em sua maioria, atribuem a responsabilidade pelo desânimo e desinteresse discente a outro segmento e não a si.

As Tabelas 9a e 9b mostram, em percentuais, respectivamente, as opiniões dos alunos quanto a se sentirem desacreditados no seu potencial de conquista e de realização profissional na escola e a opinião dos docentes e do corpo técnico-pedagógico quanto ao quantitativo de alunos que observam se sentirem de tal forma, colhidas pela pergunta 9 de ambos os questionários.

Pergunta aos discentes: Você se sente desacreditado no seu potencial de conquista e de realização profissional, na escola?

Pergunta aos docentes e corpo técnico-pedagógico: Você observa alunos do ensino agrícola desacreditados no seu potencial de conquista e de realização profissional, na escola?

Tabela 9a: Demonstrativo percentual das opiniões dos alunos quanto a se sentirem desacreditados no seu potencial de conquista e de realização profissional na escola.

Respostas	Discentes %
Sim, permanentemente	1
Sim, em grande parte do tempo	12
Sim, em alguns momentos	33
Não, nunca me sinto dessa forma	54
Total de pesquisados	100

Tabela 9b: Demonstrativo percentual das opiniões dos docentes e do corpo técnico-pedagógico quanto ao quantitativo de alunos que observam se sentirem desacreditados no seu potencial de conquista e de realização profissional na escola.

Respostas	Docentes %	Téc. Ped. %	Total %
Sim, a maioria deles	14	-	7
Sim, grande parte deles	43	57	50
Sim, pequeno número deles	43	29	36
Não, nunca observo essa situação	-	14	7
Total de pesquisados	100	100	100

Considerando que também todos os investigados foram direcionados a essa pergunta, pois, para respondê-la, também não se pressupõe o conhecimento de empreendedorismo, têm-se novamente 100% do público alvo sujeito às respostas.

Com relação à opinião dos discentes, observa-se que 46% (1% + 12% + 33%) deles declaram sentir-se, em alguma parte do tempo, desacreditados no seu potencial de conquista e de realização profissional na escola.

Com relação à opinião dos docentes e do corpo técnico-pedagógico, verifica-se que 57% (14% + 43%) dos docentes e 57% corpo técnico-pedagógico declaram observar a maioria dos discentes ou grande parte deles desacreditados. Levando em conta aqueles que declaram observar algum quantitativo de alunos desacreditados, têm-se 100% dos docentes e

86% do corpo técnico-pedagógico. Considerando o total de pesquisados, que envolve os dois segmentos, observa-se que 57% (7% + 50%) declaram observar o problema na maioria ou em grande parte dos alunos e que 93% (7% + 50% + 36%) declaram observar algum quantitativo de alunos desacreditados.

Chama a atenção o grande número de discentes que declaram sentir-se desacreditados em alguma parte do tempo, a unanimidade de docentes e o percentual altíssimo de técnicos que observa o problema em algum quantitativo de discentes. Outro dado que chama a atenção é o elevado percentual de docentes e de técnicos que observam o desânimo e o desinteresse na maioria dos discentes ou em grande parte deles.

Considerando que uma educação empreendedora é capaz de despertar a valorização pessoal, a certeza de que se é capaz de aprender, de fazer, de produzir, de realizar e que fornece o impulso necessário ao alcance de metas pessoais e profissionais, conforme demonstrado nos itens “O que é ser empreendedor?”, “Competências e habilidades empreendedoras”, “O perfil do aluno empreendedor” e “Estímulo empreendedor: elemento fundamental para o aprendizado escola” da revisão de literatura, apresenta-se a inserção do ensino empreendedor na escola como fator fundamental para despertar a crença dos alunos no seu potencial de conquista e de realização profissional.

Com os resultados apresentados, comprova-se a hipótese de que os alunos apresentam elevado nível de descrença na sua capacidade de conquista e de realização profissional.

A Tabela 10 mostra, em percentuais, as opiniões dos grupos pesquisados quanto às causas da descrença dos alunos no seu potencial de conquista e de realização profissional, colhidas pela pergunta 10 de ambos os questionários.

Pergunta/solicitação: Caso tenha marcado as alternativas “a”, “b” ou “c”, na questão 9, descreva as causas a que você atribui a descrença apontada.

Tabela 10: Demonstrativo percentual das opiniões dos grupos pesquisados quanto às causas da descrença dos alunos no seu potencial de conquista e de realização profissional.

Respostas	Discentes	Docentes	Téc. Ped.	Total
	%	%	%	%
Mercado restrito e mal remunerado	2	42	29	8
Dificuldade de aprendizagem	-	29	-	2
Falta de estímulo docente	-	29	-	2
Falta de aptidão para a área	7	-	29	8
Falta de sintonia do curso com o mercado	8	-	14	8
Reduzida autoestima	-	-	14	1
Explicações confusas	7	-	-	5
Razões pessoais	13	-	-	10
Outras	9	-	-	8
Não responderam	54	-	14	48
Total de pesquisados	100	100	100	100

No enunciado da questão direcionada aos discentes, orientou-se a respondê-la apenas aqueles que declaram, na questão 9, sentirem-se desacreditados no seu potencial de conquista e de realização profissional. Da mesma forma, no enunciado da questão direcionada aos docentes e ao corpo técnico-pedagógico, orientou-se a respondê-la apenas aqueles que declaram, na questão 9, observar algum quantitativo de alunos desacreditados. Assim, consideram-se, da Tabela 9a, 46% dos discentes e, da Tabela 9b, 100% dos docentes e 86% do corpo técnico-pedagógico.

Os discentes apontam como principais causas para a sua descrença no potencial próprio de conquista e de realização profissional “Razões pessoais” (13%), ‘Falta de sintonia

do curso com o mercado” (8%), “Explicações confusas” (7%) e “Falta de aptidão para a área” (7%).

Os docentes indicam como causas do problema “Mercado restrito e mal remunerado” (42%), “Dificuldade de aprendizagem” (29%) e “Falta de estímulo docente” (29%).

O corpo técnico-pedagógico aponta “Mercado restrito e mal remunerado” (29%), “Falta de aptidão para a área” (29%), “Falta de sintonia do curso com o mercado” (14%) e “Reduzida auto-estima” (14%). No resultado geral, observa-se novamente tendência para que as causas indicadas pelos alunos prevaleçam devido às indicações favoráveis do grande número de discentes submetidos à pesquisa em relação aos docentes e técnicos.

Observa-se, nas quatro principais causas apontadas para o problema pelos discentes, que apenas uma está relacionada aos professores. Destaca-se que o maior problema apontado por eles se relaciona as suas razões pessoais.

Quanto às três principais causas apontadas pelos docentes para o problema, também apenas uma se relaciona aos discentes. Destaca-se o fato de uma das causas indicadas está relacionada à falta de estímulo dos alunos pelos docentes, figurando como uma autoavaliação. Cabe ainda destacar que o “mercado restrito e mal remunerado” é o principal problema apontado pelos docentes e também pelo corpo técnico-pedagógico, sendo que esse último aponta também, em percentual idêntico, a “Falta de aptidão para a área”.

Dentre as quatro principais causas apontadas pelo corpo técnico-pedagógico para o problema, também apenas uma delas está relacionada aos discentes.

Levando novamente em conta as considerações dos muitos autores em favor de uma educação empreendedora, apresentadas na revisão de literatura, outra vez nos itens “A importância do empreendedorismo na escola”, “O perfil do docente empreendedor”, “O perfil do aluno empreendedor” e o “Estímulo empreendedor: elemento fundamental para o aprendizado escolar”, aponta-se insistentemente o desenvolvimento de comportamentos empreendedores na escola como forma de levar os alunos a desenvolverem sua autoestima, a se encontrarem enquanto pessoas e profissionais e a direcionarem suas vidas de forma autônoma; como forma de levar os docentes a fornecer aos alunos o estímulo necessário às suas realizações; como forma de levar os discentes a traçarem estratégias para garimpar o seu espaço no restrito mercado de trabalho; e como forma de dotar tais alunos de um perfil flexível e adaptável às mutáveis demandas mercadológicas por aprendizado e por competências profissionais.

Com os resultados apresentados, não se comprova a hipótese de que os segmentos investigado atribuem a responsabilidade pelo problema a outro segmento e não a si, pois como se observa, na maioria dos segmentos, as maiores indicações para o problema recaem sobre razões pessoais e restrições no mercado de trabalho.

Todas as situações apresentadas e todos os resultados obtidos dialogam com a fala dos inúmeros autores citados na revisão de literatura. Esses autores destacam que os problemas detectados são observados, em larga escala, no universo educacional e que uma educação empreendedora é ideal para minimizá-los. Destacam que essa forma de educar é capaz de manter os alunos estimulados e motivados para o aprendizado, com latente espírito de busca e acreditando sempre em sua capacidade de conquista e de realização pessoal.

4.2. Práticas e Atitudes Docentes Destinadas à Promoção do Estímulo e à Construção de Comportamentos Empreendedores nos Alunos

A implantação da cultura empreendedora na vida do discente, através da escola, tem como conexão o professor. Os docentes são os orientadores do processo de aprendizagem e são um norte para os seus alunos. De nada adianta um discurso institucional que apregoe a

necessidade de uma escola empreendedora, se os docentes, que estão em contato, no dia-a-dia, com os alunos, ficam apenas no discurso e retomam, em suas aulas, a velha, confortável e morna educação tradicional.

É dever dos docentes a utilização de práticas e a organização de atividades que levem os alunos ao desenvolvimento de características empreendedoras. Tais atividades, dentre outras, podem ser assim entendidas:

- a) Organização de atividades que permitam a resolução de problemas;
- b) Desenvolvimento de práticas que permitam a análise crítica;
- c) Preparação de tarefas que permitam o desenvolvimento da inventividade e da criatividade;
- d) Desenvolvimento de trabalhos que permitam a investigação e o exercício do protagonismo do discente;
- e) Deixar de lado a postura paternalista;
- f) Não fornecer respostas prontas. Provocar nos alunos a busca de informações e o esforço próprio;
- g) Utilizar todos os recursos tecnológicos de que dispõe na organização das aulas, para torná-las mais interessantes, atrativas e empolgantes;
- h) Permitir o diálogo constante, sabendo como falar, o quanto falar e, sobretudo, ouvir o que o aluno tem a dizer, primando, assim, pelo respeito mútuo;
- i) Dar espaço ao erro, deixando de encará-lo como objeto de punição e entendendo que são integrantes, necessários ao processo de aprendizagem e instrumentos de aprendizagem;
- j) Promover o fortalecimento da auto-estima dos alunos;
- k) Dar espaço à emoção;
- l) Buscar capacitação empreendedora, por meio da interação com a literatura pertinente e em cursos de capacitação em empreendedorismo;
- m) Ação concreta: Solicitar que os alunos entreguem, para cada trabalho desenvolvido, relatório indicativo dos comportamentos empreendedores praticados na execução da tarefa. É óbvio que, antes, precisa-se orientar os alunos a respeito do que são os comportamentos empreendedores;
- n) Jamais perder de vista que é um educador empreendedor, preparador de alunos empreendedores.

Essas práticas e atitudes docentes foram descritas com base nos resultados obtidos e considerando as opiniões dos grupos pesquisados quanto à forma pela qual a escola pode viabilizar o desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor nos alunos (ensinando-lhes empreendedorismo, aproximando-lhes do mercado e desenvolvendo projetos).

As práticas foram ainda sugeridas com base nas experiências pedagógica, docente e de empreendedorismo tidas pelo autor e nos resultados do estudo bibliográfico, apresentados na revisão de literatura, considerando a Rede Pitágoras (2005), nos itens “O perfil do docente empreendedor” e “O perfil do aluno empreendedor”.

4.3. Práticas e Atitudes Institucionais Destinadas à Promoção do Estímulo e à Construção de Comportamentos Empreendedores nos Alunos

Nada se aproveita em um discurso institucional empreendedor que não repercute na prática docente em sala de aula. O professor empreendedor teria imensa dificuldade em trazer à tona idéias empreendedoras, para trabalhar junto aos alunos, se a escola continua cobrando dele atitudes, estratégias de ensino e formas de avaliação ancoradas em práticas tradicionais. É dever da instituição, por meio dos seus dirigentes, primar pela disseminação da cultura empreendedora no seu universo educacional, viabilizando, fornecendo subsídios e

acompanhando ações empreendedoras que envolvam todos os personagens do processo educativo.

As ações empreendedoras que a instituição de ensino pode desenvolver são:

- a) Promoção de cursos de capacitação em empreendedorismo, palestras e oficinas para os docentes;
- b) Mobilização do Departamento de Ensino no sentido de criar momentos para que os docentes trabalhem o empreendedorismo com os alunos de forma transdisciplinar;
- c) Orientação e acompanhamento da Supervisão Pedagógica quanto à ação docente de recolher dos alunos, por escrito, os comportamentos empreendedores que praticaram na execução de trabalhos escolares;
- d) Criação do “Prêmio Técnico Empreendedor” na escola, com o objetivo de premiar anualmente idéias originais e empreendedoras dos alunos, possíveis de serem colocadas em prática;
- e) Criação da “Semana do Empreendedor” na escola, a ser realizada anualmente, com a apresentação de cursos e palestras relacionados ao empreendedorismo, idéias de negócios, invenções e toda a criatividade dos empreendedores, envolvendo a comunidade escolar e a comunidade externa;
- f) Promoção de cursos de capacitação em empreendedorismo, palestras e oficinas para os alunos;
- g) Palestras de empreendedorismo para as turmas de formandos, com o intuito de dar uma injeção de ânimo nos jovens antes de ingressarem no mercado de trabalho ou progredirem nos estudos em nível superior.

Essas práticas e atitudes institucionais também foram descritas com base nos resultados obtidos e considerando as opiniões dos grupos pesquisados quanto à forma pela qual a escola pode viabilizar o desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor nos alunos.

As práticas foram também sugeridas com base nas experiências pedagógica, docente e de empreendedorismo tidas pelo autor e nos resultados do estudo bibliográfico, apresentados na revisão de literatura, considerando autores como Werneck (2007), Paim (2001), Ducker (2008), Dolabela (1999), Moran (2008) e Gomes (2008), no item “A importância do empreendedorismo na escola”, considerando o MEC/SEBRAE (2000b), no item “O empreendedorismo nas ações educacionais governamentais” e considerando os diálogos estabelecidos pelos diversos autores no item “Empreendedorismo: um tema transdisciplinar, à luz da complexidade”.

As experiências pedagógica e docente do autor estão relacionadas à educação federal, ao desenvolvimento de atividades de supervisão pedagógica e à docência de Língua Portuguesa e Literatura. Por outro lado, as experiências do autor, ligadas ao empreendedorismo, são referentes a cursos que realizou na área e ao desenvolvimento de trabalhos, palestras e cursos relacionados ao tema.

5. CONCLUSÕES

O trabalho realizado permitiu aferir o nível de envolvimento dos sujeitos investidos no funcionamento do curso Técnico em Agropecuária do Campus de Alegre com o empreendedorismo e com uma ideologia educacional empreendedora.

Foi possível atingir os objetivos propostos. Analisou-se a compreensão do público investigado sobre o empreendedorismo; aferiu-se a sua crença na associação positiva do ensino agrícola com o desenvolvimento de comportamentos empreendedores e o porquê dela; aferiu-se a sua crença na responsabilidade da escola por uma educação empreendedora e as formas de viabilizá-la; diagnosticou-se o nível de desânimo dos alunos pelo aprendizado, de descrença na capacidade pessoal e os motivos para tal; compararam-se as opiniões dadas entre os grupos pesquisados; e levantaram-se sugestões de práticas docentes e institucionais destinadas à promoção de uma educação empreendedora. Dessa forma, atingi-se o objetivo geral do trabalho, por meio da análise da importância e da necessidade da implantação de um ensino empreendedor no curso Técnico em Agropecuária do Campus de Alegre.

Foi possível comprovar a quase totalidade das hipóteses, o que figura como importante resultado do estudo.

Comprovou-se que a maioria dos membros da comunidade pesquisada não sabe o que é o empreendedorismo, com a quase totalidade dos discentes possuindo total desconhecimento sobre o assunto e com os docentes e o corpo técnico-pedagógico possuindo conhecimento razoável ou bom. Esse aspecto demonstra a gravidade do problema, considerando que o conhecimento não é repassado aos alunos e que conhecer o empreendedorismo é fundamental para que se pratiquem propositadamente comportamentos empreendedores, como atestam autores diversos.

Comprovou-se que a maioria daqueles que afirmam ter conhecimento sobre o empreendedorismo, considerando docentes e técnicos, consegue também definir, com coerência, o termo. Isso comprova a real contribuição que podem dar ao enorme quantitativo de discentes insipientes no assunto.

Comprovou-se que a mesma maioria destacada, considerando, sobretudo os docentes e o corpo técnico-pedagógico, acredita na associação positiva do ensino agrícola com a construção de comportamentos empreendedores, como recurso educacional capaz de despertar no aluno o desejo por estudar/aprender e a crença no potencial próprio de conquista e de realização profissional. Tais servidores conseguiram, também, definir, com coerência, por que acreditam no processo. Com esse resultado, questiona-se o fato de acreditarem que a associação descrita propicia contribuição real ao processo de aprendizagem, mas não se mobilizarem no sentido de efetivá-la no curso técnico em agropecuária.

Comprovou-se, outra vez, que a mesma maioria destacada julga que cabe à escola criar condições para o desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor nos alunos, apontando, também com coerência, de que forma esse processo pode ser viabilizado. Esse aspecto novamente leva ao questionamento do porquê não se mobilizam no sentido da implementação de um ensino empreendedor no curso em questão.

Comprovou-se que os alunos apresentam elevado nível de desânimo e desinteresse pelo estudo/aprendizado, sendo que os segmentos investigados atribuem a responsabilidade pelo problema sempre a outro segmento e não a si. Contudo, há consenso quanto ao desânimo e desinteresse dos alunos e há conhecimento dos dirigentes do processo de ensino quanto ao poder do empreendedorismo na educação e, conseqüentemente, quanto à força do estímulo empreendedor na vida do aluno, torna-se incompreensível o fato de ainda não terem se mobilizado de forma concreta em prol de uma prática docente direcionada à preparação

satisfatória de alunos empreendedores, independente de quem seja responsável pelo problema levantado.

Comprovou-se que os alunos apresentam elevado nível de descrença na sua capacidade de conquista e de realização profissional, porém, dessa vez, não se comprovou a hipótese de que os segmentos investigado atribuem a responsabilidade pelo problema sempre a outro segmento e não a si. Detectou-se, na verdade, que os problemas recaem sobre razões pessoais dos alunos e restrições no mercado de trabalho. Todavia, se há também consenso quanto à descrença sugerida, com o conhecimento que docentes e técnicos demonstraram ter do empreendedorismo e, por conseqüência, do poder que o estímulo empreendedor tem de levar o indivíduo a acreditar que é capaz de fazer, de realizar, de alcançar objetivos e metas, torna-se, outra vez, incompreensível a não inserção satisfatória da citada ideologia empreendedora na prática docente.

Comprovou-se, também, que há diferenças percentuais consideráveis no comparativo de respostas, sobretudo dos discentes em relação aos demais segmentos, com destaque, como já mencionado, para o fato de a quase totalidade dos alunos investigados declarar a sua falta de compreensão sobre o empreendedorismo, contra o percentual satisfatório de docentes e técnicos que declaram possuir conhecimento sobre o assunto.

Com a comprovação das hipóteses descritas e com os resultados do estudo, foi possível concluir que não há uma ideologia educacional empreendedora, aplicada em nível satisfatório, no ensino agrícola do campus, apesar de haver o conhecimento, por parte de docentes e técnicos, da importância da educação empreendedora, sendo necessários, portanto, trabalhos que a promovam nesse nível de ensino.

Essa conclusão vai ao encontro do que pensa a Rede Pitágoras (2005), ao afirmar que o processo educacional necessita ser conjugado ao empreendedorismo, ressaltando que é imperioso que se crie uma educação empreendedora para todas as áreas da atividade humana e que seja expandida pela figura do educador-empreendedor ou do empreendedor-educador.

Soma-se a essa afirmação o entendimento de Werneck (2007, p. 32) ao afirmar que “educar para empreender é o imperativo do momento”.

Werneck (2007, p. 99), acrescenta, ainda, que “[...] Se uma escola não for empreendedora, não poderá afirmar que prepara para a vida”.

Grande mérito do estudo foi aferir, da própria comunidade escolar, o reconhecimento da necessidade de implementação de um ensino empreendedor na instituição e a apresentação de sugestões de ações voltadas à disseminação dos comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor na prática educativa.

Tal manifestação da comunidade escolar comunica-se com o dizer de Zabala (2002), ao afirmar que não se pode aceitar nenhuma forma de aprendizagem que não seja a mais significativa possível.

Como afirma Dolabela (2008b), a ação empreendedora deve oferecer, para a comunidade, melhoria das condições de vida, solução de problemas, renda, desenvolvimento, emoção, cooperação, entre outros, devendo ser vista como instrumento de realização de desejos coletivos e sociais e de geração de resultados que apresentem benefícios para todos.

Como grande contribuição do estudo, destaca-se a possibilidade de figurar como instrumento propulsor da implementação da cultura empreendedora na Educação Agrícola do Campus, visto que, os resultados obtidos permitem a tomada de decisões e a organização de trabalhos destinados a minimizar as deficiências apontadas.

A pesquisa demonstrou ser de grande importância também enquanto subsídio para a implementação de uma educação empreendedora em universos educacionais diversos, haja vista o caráter abrangente, transversal e transdisciplinar da temática empreendedora.

Assim, com o intuito de contribuir com o conhecimento para a área de empreendedorismo e educação e para se comparar os resultados, sugere-se que esta pesquisa

seja realizada em outras escolas voltadas para a área de agropecuária, em escolas de outra natureza, de outras regiões e em outros cursos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: **Informação e documentação - referências – elaboração**. Rio de Janeiro, 2002.

ALMEIDA, Flávio de. **Como ser empreendedor de sucesso: como fazer a sua estrela brilhar**. Belo Horizonte: Leitura empresarial, 2001.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. Campinas: Autores Associados, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Referenciais Curriculares da Educação Profissional de Nível Técnico**. Brasília: MEC, SETEC, 2000 (a).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Referenciais Curriculares da Educação Profissional de Nível Técnico**. Área: Agropecuária. Brasília: MEC, SETEC, 2000 (b).

BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Brasil, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Formação Empreendedora na Educação Profissional**. Manual do multiplicador. Brasília: MEC/SEBRAE, 2000 (a).

BRASIL. Ministério da Educação. **Formação Empreendedora na Educação Profissional**. Projeto Integrado MEC/SEBRAE de Técnicos Empreendedores. Brasília: MEC/SEBRAE, 2000 (b).

BRASIL. Ministério da Educação. **Formação Empreendedora na Educação Profissional**. Guia Geral do Curso. Projeto Integrado MEC/SEBRAE de Técnicos Empreendedores. Brasília: MEC/SEBRAE, 2000 (c).

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Manual para a implantação de incubadoras de empresas**. Brasília: MCT/PNI, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Edital 01/2008 – MEC/MAPA/SEBRAE: Prêmio Técnico Empreendedor**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/pte2008_edital.pdf>. Acesso em 31 out. 2008.

CARVALHO, Patrícia Bellotti; OLIVEIRA, Celso José de; SANTOS, Maria Helena Moretto dos. **Ensino do empreendedorismo: uma abordagem tridimensional**. Disponível em: <http://www.utp.br/Proppe/X%20seminario_pesquisa/Artigos%20completos/FCSA/ENSINO%20DO%20EMPREENDEDORISMO%20%20%20UMA%20ABORDAGEM%20TRIDIMENCIONAL.doc>. Acesso em: 31 out. 2008.

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DO ESPÍRITO SANTO. **Princípios da metodologia e normas para apresentação de trabalhos acadêmicos**. Vitória: CSO – CEFET-ES, 2008.

CHÉR, R. **Empreendedorismo na veia: um aprendizado constante**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001. Relatório para a UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI.

DOLABELA, Fernando. **O Segredo de Luísa**. São Paulo: Cultura, 1999.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura, 1990.

DOLABELA, Fernando. **Pedagogia empreendedora - O ensino do empreendedorismo na educação básica, voltado para o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

DOLABELA, Fernando. **Empreendedor de sonhos**. Disponível em <<http://www.portaldovoluntario.org.br/site/pagina.php?idconteudo=465>>. Acesso em: 31 out. 2008 (a).

DOLABELA, Fernando. **Ensino de empreendedorismo na educação básica como instrumento do desenvolvimento local sustentável: a metodologia pedagógica empreendedora**. Disponível em <<http://aplicaciones.icesi.edu.co/ciela/anteriores/Papers/edem/7.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2008 (b).

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

DUCKER, Peter F. **Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): prática e princípios**. São Paulo: Pioneira, 2008.

ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE ALEGRE-ES. **Plano de desenvolvimento institucional**. Alegre-ES, 2006.

ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE ALEGRE-ES. **Plano de curso do curso técnico em agropecuária**. Alegre-ES, 2000 (a).

ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE ALEGRE-ES. **Proposta pedagógica**. Alegre-ES, 2000 (b).

ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE ALEGRE. **Retrospectiva histórica da Escola Agrotécnica Federal de Alegre**. Brasília: MEC, 1992.

FERNANDES, Francisco. **Dicionário brasileiro globo**. 4ª ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Pequeno dicionário brasileiro de língua portuguesa**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3ª ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FILION, Louis Jacques. **Empreendedorismo**: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. Revista de Administração, São Paulo v.34, n.2, p.05-28, abril/junho 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 1999.

GOMES, António. **O empreendedorismo na escola**. Disponível em <noticia.nesi.com.pt/?p=446>. Acesso em: 25 set. 2008.

GONZAGUINHA. **Um Homem também chora (guerreiro menino)**. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/gonzaguinha/250255/>. Acesso em 16/12/2008.

GUANAES, Nizan. **Sucesso**. Disponível em: <www.portaldafamilia.org/artigos/artigo022.shtml>. Acesso em: 23 set. 2008.

HASHIMOTO, Marcos. **Atitude empreendedora**. Disponível em: <<http://www.sitedoempreendedor.com.br/artigos.php?acao=exibir&id=371>>. Acesso em: 02 out. 2008.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAMIM, Messias. **Empreendedorismo: uma atitude...** Disponível em: <<http://www.sitedoempreendedor.com.br/artigos.php?acao=exibir&id=817>>. Acesso em 02 out. 2008.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBERATO, Antônio Carlos Teixeira. **Empreendedorismo na escola pública: despertando competências, promovendo a esperança!** Disponível em: www.oei.es/etp/empreendedorismo_escola_publica_teixeira.pdf. Acesso em: 25 set. 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6.ª ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARTINS, Anderson Mattos *et. al.* **Conhecimento disponibilizado de forma assertiva: a inteligência empreendedora aplicada à educação**. Disponível em: <<http://www.cefetsc.edu.br/~gariba/conhecimento.PDF>>. Acesso em: 02 out. 2008.

MONTEIRO, Alcélio. **Projeto partilhando conhecimentos: uma proposta metodológica interdisciplinar**. Seropédica – RJ: 2006. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

MORAN, José Manuel. **Formação do aluno-empREENDEDOR, uma das bases para se ter uma educação inovadora no Brasil.** Disponível em: <startupcampbrazil.ning.com/profiles/blog/show?id=1173603%3ABlogPost%3A2621>. Acesso em: 25 set. 2008.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

NAVARRO, Leila. **Ser empreendedor independe do negócio.** Disponível em: http://carreiras.empregos.com.br/carreira/favoritos/colunistas/leila/070403-leila_empendedor.shtm. Acesso em 4 set. 2008.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade.** São Paulo: Triom, 1999.

PAIM, Lúcia Helena Corrêa. **Estratégias metodológicas na formação de empreendedores em cursos de graduação: cultura empreendedora.** Florianópolis – SC: 2001. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina.

PEREYRA, Eduardo; CAMPOS, Alexandre; BRUTTI, José Aírton; BARTH, Juta; GONÇALVES, Loren Pinto Ferreira. **O comportamento empreendedor como princípio para o desenvolvimento social e econômico.** Metodologia CEFÉ. Sulina: Porto Alegre – RS, 2003.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

REDE PITÁGORAS. **O Empreendedorismo na escola.** Coleção escola em ação. Porto Alegre/Belo Horizonte: Artmed, 2005.

RICHARDSON, Roberto Jarry *et. al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCCA, Marília. **EmpREENDEDORISMO se aprende na escola?** Disponível em: <<http://empresas.globo.com/Empresasenegocios>>. Acesso em: 25 set. 2008.

SABINO, Rosi; FREITAS, Carlos Cesar Garcia; DALTO, Carlos Eduardo. **EmpREENDEDORISMO social: projeto empreender.** Disponível em: www.admpg.com.br/2008/cadastro/ver_artigo.php?sid=46. Acesso em 25 ste. 2008.

SANCHEZ, S. B. **Conceituação, concepção e organização de um programa de pós-graduação para docentes da educação profissional agrícola.** Seropédica – RJ: 2002. (Tese de doutorado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

SANTOS, Akiko. **Complexidade e transdisciplinaridade em educação.** Seropédica: Imprensa Universitária – UFRRJ, 2008.

SANTOS, Akiko. **Didática sob a ótica do pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

SANTOS, Akiko; SANTOS, A. C. dos; SOMMERMAN, A. **Conceitos e práticas transdisciplinares na educação**. Seropédica: Imprensa Universitária – UFRRJ, 2008.

SASSO, Sérgio Dal. **Educação profissional/empresarial: vendendo educação profissional e empresarial**. Disponível em: <<http://www.sitedoempreendedor.com.br/artigos.php?acao=exibir&id=603>>. Acesso em 02 out. 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Adalberto Prado e *et. al.* **Dicionário brasileiro de língua portuguesa**. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

SILVA, Adalberto Prado e; MAUER JR., José Curado Theodoro Henrique; PEREIRA, Ary Tupinambá. **Novo dicionário brasileiro melhoramentos**. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

SILVA, José Maria da & SILVEIRA, Emerson Sena da. **Apresentação de trabalhos acadêmicos**. Petrópolis: Vozes, 2007.

SILVEIRA, Ailton Carlos da. **Empreendedorismo: a necessidade de se aprender a empreender**. Disponível em: <http://www.novomilenio.br/foco/2/artigo/artigo_daniele.pdf>. Acesso em: 02 out. 2008.

RIDO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO. **Manual de instruções para organização e apresentação de dissertações e teses na UFRRJ**. Seropédica: Imprensa Universitária - UFRRJ, 3ª ed., 2006.

WERNECK, Hamilton. **O que é a escola empreendedora**. Petrópolis: DP *et. al.*, 2007.

ZABALA, Antoni. **Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar**. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: editora ARTMED, 2002.

7. ANEXOS

Anexo A: Questionário 1 – Diagnóstico da opinião dos discentes.

Anexo B: Questionário 2 – Diagnóstico da opinião dos docentes/corpo técnico-pedagógico.

Anexo C: Texto “Por que vim ao mundo? – um estímulo para a realização profissional”.

Anexo D: Texto “Sucesso”.

ANEXO A

Questionário 1 - diagnóstico da opinião dos discentes



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

Prezado aluno,

Este questionário é parte integrante de uma pesquisa destinada à elaboração de dissertação de Mestrado, que aborda tema relacionado ao ensino agrícola (curso técnico em agropecuária), no Campus de Alegre, do Instituto Federal do Espírito Santo.

A sua colaboração nas respostas às perguntas é fundamental para a investigação da problemática levantada e para a elaboração do trabalho.

Marque com um “x” as respostas objetivas que julgar pertinentes.

Discorra brevemente nas perguntas discursivas, quando for o caso.

Procure ser o mais sincero possível em suas respostas.

Não há necessidade da sua identificação nesse questionário.

Responda o mais breve possível.

Agradeço a sua valiosa colaboração.

Miguel Angelo Braga Senna
Mestrado em Educação Agrícola

QUESTIONÁRIO DE DIAGNÓSTICO

1. Você sabe o que é o empreendedorismo?

- a. Compreendo totalmente
- b. Compreendo superficialmente
- c. Não compreendo

2. Caso tenha marcado as alternativas “a” ou “b”, na questão 1, descreva o que você acredita que seja o empreendedorismo.

3. Caso tenha marcado as alternativas “a” ou “b”, na questão 1, você acredita que o ensino agrícola associado ao desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor é capaz de despertar o desejo por estudar/aprender e a crença na capacidade individual de conquista e de realização profissional?

- a. Sim, em número significativo de indivíduos
- b. Sim, em pequeno número de indivíduos
- c. Não

4. Caso tenha marcado as alternativas “a” ou “b”, na questão 3, descreva por que você acredita que a associação apresentada pode despertar o desejo e a crença mencionados.

5. Caso tenha marcado as alternativas “a” ou “b”, na questão 1, você julga que cabe à escola criar condições para o desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor nos alunos?

- a. () Sim
- b. () Não

6. Caso tenha marcado a alternativa “a”, na questão 5, descreva de que forma você acredita que a escola pode viabilizar o processo descrito.

7. Você se sente desanimado e desinteressado pelo estudo/aprendizado, na escola?

- a. () Sim, permanentemente
- b. () Sim, em grande parte do tempo
- c. () Sim, em alguns momentos
- d. () Não, nunca me sinto dessa forma.

8. Caso tenha marcado as alternativas “a”, “b” ou “c”, na questão 7, descreva as causas a que você atribui o desânimo e o desinteresse que sente.

9. Você se sente desacreditado no seu potencial de conquista e de realização profissional, na escola?

- a. () Sim, permanentemente
- b. () Sim, em grande parte do tempo
- c. () Sim, em alguns momentos
- d. () Não, nunca me sinto dessa forma.

10. Caso tenha marcado as alternativas “a”, “b” ou “c”, na questão 9, descreva as causas a que você atribui a descrença que apresenta?

Abril/2009.

ANEXO B

Questionário 2 – diagnóstico da opinião dos docentes/corpo técnico-pedagógico



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

Prezado professor/servidor técnico-pedagógico,

Este questionário é parte integrante de uma pesquisa destinada à elaboração de dissertação de Mestrado, que aborda tema relacionado ao ensino agrícola (curso técnico em agropecuária), no Campus de Alegre, do Instituto Federal do Espírito Santo.

A sua colaboração nas respostas às perguntas é fundamental para a investigação da problemática levantada e para a elaboração do trabalho.

Marque com um “x” as respostas objetivas que julgar pertinentes.

Discorra brevemente nas perguntas discursivas, quando for o caso.

Procure ser o mais sincero possível em suas respostas.

Não há necessidade da sua identificação nesse questionário.

Responda o mais breve possível.

Agradeço a sua valiosa colaboração.

Miguel Angelo Braga Senna
Mestrado em Educação Agrícola

QUESTIONÁRIO DE DIAGNÓSTICO

1. Você sabe o que é o empreendedorismo?

- a. Compreendo totalmente
- b. Compreendo superficialmente
- c. Não compreendo

2. Caso tenha marcado as alternativas “a” ou “b”, na questão 1, descreva o que você acredita que seja o empreendedorismo.

3. Caso tenha marcado as alternativas “a” ou “b”, na questão 1, você acredita que o ensino agrícola associado ao desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor é capaz de despertar o desejo por estudar/aprender e a crença na capacidade individual de conquista e de realização profissional?

- a. Sim, em número significativo de indivíduos
- b. Sim, em pequeno número de indivíduos
- c. Não

4. Caso tenha marcado as alternativas “a” ou “b”, na questão 3, descreva por que você acredita que a associação apresentada pode despertar o desejo e a crença mencionados.

5. Caso tenha marcado as alternativas “a” ou “b”, na questão 1, você julga que cabe à escola criar condições para o desenvolvimento de comportamentos empreendedores e do estímulo empreendedor nos alunos?

- a. () Sim
- b. () Não

6. Caso tenha marcado a alternativa “a”, na questão 5, descreva de que forma você acredita que a escola pode viabilizar o processo descrito.

7. Você observa alunos do ensino agrícola desanimados e desinteressados pelo estudo/aprendizado, na escola?

- a. () Sim, a maioria deles
- b. () Sim, grande parte deles
- c. () Sim, pequeno número deles
- d. () Não, nunca observo essa situação.

8. Caso tenha marcado as alternativas “a”, “b” ou “c”, na questão 7, descreva as causas a que você atribui o desânimo e o desinteresse que os alunos sentem?

9. Você observa alunos do ensino agrícola desacreditados no seu potencial de conquista e de realização profissional, na escola?

- a. () Sim, a maioria deles
- b. () Sim, grande parte deles
- c. () Sim, pequeno número deles
- d. () Não, nunca observo essa situação.

10. Caso tenha marcado as alternativas “a”, “b” ou “c”, na questão 9, descreva as causas a que você atribui a descrença que os alunos apresentam?

Abril/2009.

ANEXO C

Por que vim ao mundo? - um estímulo para a realização profissional –

Observemos a injeção de ânimo e o estímulo para a realização profissional dados ao leitor pelo texto seguinte. Podemos notar, nas palavras direcionadas à indução de conquistas e do sucesso, um poderoso instrumento para despertar atitudes e ações empreendedoras que, indubitavelmente, levam à realizações.

Há determinado número de anos, alguém (acredito que seja Deus) em algum lugar, construiu um mapa, uma receita, com todas as informações necessárias à formação de um novo ser humano. Um ser que seria único em toda a criação, que teria características próprias e originais e que nunca mais iria ser repetido em toda a história dos seres vivos. Isso mesmo. Nunca houve e nunca haverá, em toda a história da vida, alguém igual a você.

E, assim, você embarcou para esse mundo, dentro do melhor e mais aconchegante meio de transporte que existe – o “mãetomóvel”.

Após alguns meses, você desembarcou nesse lugar novo e recebeu um grande presente: a oportunidade de crescer, de se desenvolver, de cumprir uma grande tarefa.

Mas, e agora? o que fazer? que tarefa é essa?

Penso que você acredita estar indo muito bem na sua tarefa, afinal, já conseguiu justificar a razão da sua criação, pois consegue, com o próprio suor, o seu pão de cada dia.

Puxa vida! e além de conseguir o seu próprio sustento, já tem a sua casa, já tem o seu carro. Agora pode relaxar, descansar, já cumpriu o seu propósito e a sua meta nessa vida. O seu direito aos dias de vida que ainda virão já foi pago pelas suas antigas conquistas.

Será?

Preste atenção, meu caro colega! Você foi posto nessa vida para fazer, para produzir, para criar, para construir, para realizar proezas, usar e explorar todo o potencial que um dia lhe foi dado e que pode ser aprimorado a cada dia.

Você é um ser de ação e de grandes conquistas, e, por isso, deve produzir sempre.

O seu trabalho só terminará quando o grande autor da vida lhe disser que basta. Enquanto isso, mãos à obra!

Será que um emprego, uma casa e um carro vão parar um homem?

Enquanto você descansa, os outros vão à luta.

Enquanto você acha que já cumpriu uma grande tarefa, o ganhador do último Oscar prepara um novo filme.

Enquanto você pensa em terminar logo esse trabalho para ficar livre e não fazer mais nada, existe um grupo de bobões, escravos do trabalho, que estão loucos para terminar a pesquisa da cura do câncer, para, depois, poderem descansar, enquanto pesquisam a cura da AIDS - muitos dedicam toda a sua vida a essa causa.

Ora, meu amigo, saia da zona de conforto! saia da acomodação! Pense: a partir de agora, é à vera...! Dispa-se do disfarce de homem precavido, que não quer correr riscos, que só vai onde a mão alcança. Onde a mão alcança você nem precisa ir. É só esticá-la e pegar. Aí, não há desafio. Você tem que ir é onde a mão não alcança. Esse é o desafio.

Pare de dizer que a sua meta é ser feliz. Isso é muito vago. Isso não é meta. É metinha de derrotado e incapaz. A meta precisa ser desafiadora. Precisa te fazer vibrar pela possibilidade da conquista.

“Sabendo que era impossível, eles foram lá e fizeram.”

E isso não é devaneio ou sensacionalismo.

Você já ouviu falar de um certo sujeito, que saiu da classe operária e se tornou presidente da república?

Você já ouviu falar de um certo camelô, vendedor de canetas, chamado Senior Abravanel, que se tornou um apresentador de TV, contagiou o país com o Baú da Felicidade e se transformou num dos maiores e mais ricos empresários do Brasil?

Você já ouviu falar de um certo lavador de carros que, com algumas economias, conseguiu comprar um pequeno caminhão para transporte de cargas e se tornou dono da maior transportadora rodoviária do país?

E, ainda. Você já ouviu falar de um camarada chamado Ludwig? É, ele mesmo. Ludwig van Beethoven, que, por ironia do destino, ficou surdo, e, justamente nesse período, pela percepção das vibrações do som, além de realizar concertos públicos, produziu algumas das maiores composições de toda a história da música.

Ele era surdo... e se tornou brilhante naquela que era a sua maior deficiência, o seu maior impedimento.

Pois é, meu amigo...! o que te prende? o que te impede de construir, de empreender, de realizar, de ser capaz de grandes feitos? Você é surdo? aleijado? tem alguma deficiência? não? tem certeza? A maior de todas as deficiências é aquela que não se vê... é a deficiência da alma, que poda, oprime e estaciona o corpo. Mas saiba: na sua maior deficiência, pode se esconder a sua mais brilhante conquista.

Muitos seres humanos como você estão por aí, batalhando.

A hora de trabalhar é enquanto se está vivo.

Trabalhe por necessidade, por prazer, mais pela conquista do que pelo dinheiro, porque você foi criado para agir, para superar sempre, e não consegue viver no ócio e na inércia.

Trabalhe porque a concorrência está trabalhando e ocupando espaço, enquanto você acha que já chegou no seu limite.

O limite de um homem é o último batimento do seu coração.

O que você acha do lema dos escoteiros da França:

... Se caminhas na frente, eles te ultrapassarão;

Se deres a mão, eles darão a vida;

Se rezares, eles serão santos.

O trabalho te provoca medo?

A ocupação e o “ter que fazer” te assustam?

Você prefere permanecer na zona de conforto, sem conhecer o gosto da derrota e nem o da vitória por nunca ter tido coragem de tentar?

Saiba que o empreendedor não tem derrotas. Ele tem tentativas e experimentos. Ele sabe que os erros e as dificuldades são parte integrante do processo de conquista. Eles constituem a válvula propulsora que nos impulsiona às nossas realizações.

É justamente a possibilidade de fracasso que atribui o grau de desafio necessário às nossas construções, alimenta-nos com a força da perseverança e nos premia com o mérito da vitória.

“Vencer sem lutar, é triunfar sem glória.”

Você se lembra daquele antigo ditado?

“Lá, os fortes chegaram;

os fracos desistiram;

e os covardes, nem tentaram.”

Miguel Angelo Braga Senna (2004).

ANEXO D

Sucesso

Observemos também a injeção de ânimo e o estímulo para a realização profissional dados ao leitor por este outro texto.

Dizem que conselho só se dá a quem pede. E, se vocês me convidaram para paraninfo, sou tentado a acreditar que tenho sua licença para dar alguns. Portanto, apesar da minha pouca autoridade para dar conselhos a quem quer que seja, aqui vão alguns, que julgo valiosos.

Não paute sua vida, nem sua carreira, pelo dinheiro. Ame seu ofício com todo coração. Persiga fazer o melhor. Seja fascinado pelo realizar, que o dinheiro virá como consequência. Quem pensa só em dinheiro não consegue sequer ser nem um grande bandido, nem um grande canalha. Napoleão não invadiu a Europa por dinheiro. Hitler não matou 6 milhões de judeus por dinheiro. Michelangelo não passou 16 anos pintando a Capela Sistina por dinheiro. E, geralmente, os que só pensam nele não o ganham. Porque são incapazes de sonhar.

E tudo que fica pronto na vida foi construído antes, na alma. A propósito disso, lembro-me uma passagem extraordinária, que descreve o diálogo entre uma freira americana cuidando de leprosos no Pacífico e um milionário texano. O milionário, vendo-a tratar daqueles leprosos, disse: "Freira, eu não faria isso por dinheiro nenhum no mundo." E ela responde: "Eu também não, meu filho".

Não estou fazendo, com isso, nenhuma apologia à pobreza, muito pelo contrário. Digo apenas que pensar em realizar tem trazido mais fortuna do que pensar em fortuna. Meu segundo conselho: pense no seu País. Porque, principalmente hoje, pensar em todos é a melhor maneira de pensar em si. Afinal é difícil viver numa nação onde a maioria morre de fome e a minoria morre de medo. O caos político gera uma queda de padrão de vida generalizada. Os pobres vivem como bichos, e uma elite brega, sem cultura e sem refinamento, não chega a viver como homens. Roubam, mas vivem uma vida digna de Odorico Paraguaçu. Que era ficção, mas hoje é realidade, na pessoa de Geraldo Bulhões, Denilma e Rosângela, sua concubina. Meu terceiro conselho vem diretamente da Bíblia: seja quente ou seja frio, não seja morno que eu te vomito. É exatamente isso que está escrito na carta de Laodicéia: seja quente ou seja frio, não seja morno que eu te vomito.

É preferível o erro à omissão. O fracasso, ao tédio. O escândalo, ao vazio. Porque já vi grandes livros e filmes sobre a tristeza, a tragédia, o fracasso. Mas ninguém narra o ócio, a acomodação, o não fazer, o remanso. Colabore com seu biógrafo. Faça, erre, tente, falhe, lute. Mas, por favor, não jogue fora, acomodando-se, a extraordinária oportunidade de ter vivido. Tenha consciência de que, cada homem foi feito para fazer história. Que todo homem é um milagre e traz em si uma revolução. Que é mais do que sexo ou dinheiro.

Você foi criado para construir pirâmides e versos, descobrir continentes e mundos, e caminhar sempre, com um saco de interrogações na mão e uma caixa de possibilidades na outra. Não use Rider, não dê férias a seus pés. Não se sente e passe a ser analista da vida alheia, espectador do mundo, comentarista do cotidiano, dessas pessoas que vivem a dizer: eu não disse!, eu sabia!

Toda família tem um tio batalhador e bem de vida. E, durante o almoço de domingo, tem que agüentar aquele outro tio muito inteligente e fracassado contar tudo que ele faria, se fizesse alguma coisa. Chega dos poetas não publicados. Empresários de mesa de bar. Pessoas que fazem coisas fantásticas toda sexta de noite, todo sábado e domingo, mas que na segunda não sabem concretizar o que falam. Porque não sabem ansiar, não sabem perder a pose, porque não sabem recomeçar. Porque não sabem trabalhar. Eu digo: trabalhem, trabalhem,

trabalhem. De 8 às 12, de 12 às 8 e mais se for preciso. Trabalho não mata. Ocupa o tempo. Evita o ócio, que é a morada do demônio, e constrói prodígios.

O Brasil, este país de malandros e espertos, da vantagem em tudo, tem muito que aprender com aqueles trouxas dos japoneses. Porque aqueles trouxas japoneses que trabalham de sol a sol construíram, em menos de 50 anos, a 2ª maior megapotência do planeta. Enquanto nós, os espertos, construímos uma das maiores impotências do trabalho. Trabalhe! Muitos de seus colegas dirão que você está perdendo sua vida, porque você vai trabalhar enquanto eles veraneiam. Porque você vai trabalhar, enquanto eles vão ao mesmo bar da semana anterior, conversar as mesmas conversas, mas o tempo, que é mesmo o senhor da razão, vai bendizer o fruto do seu esforço, pois só o trabalho o leva a conhecer pessoas e mundos que os acomodados não conhecerão. E isso se chama sucesso.

Discurso do publicitário Nizan Guanaes, na formatura da FAAP.